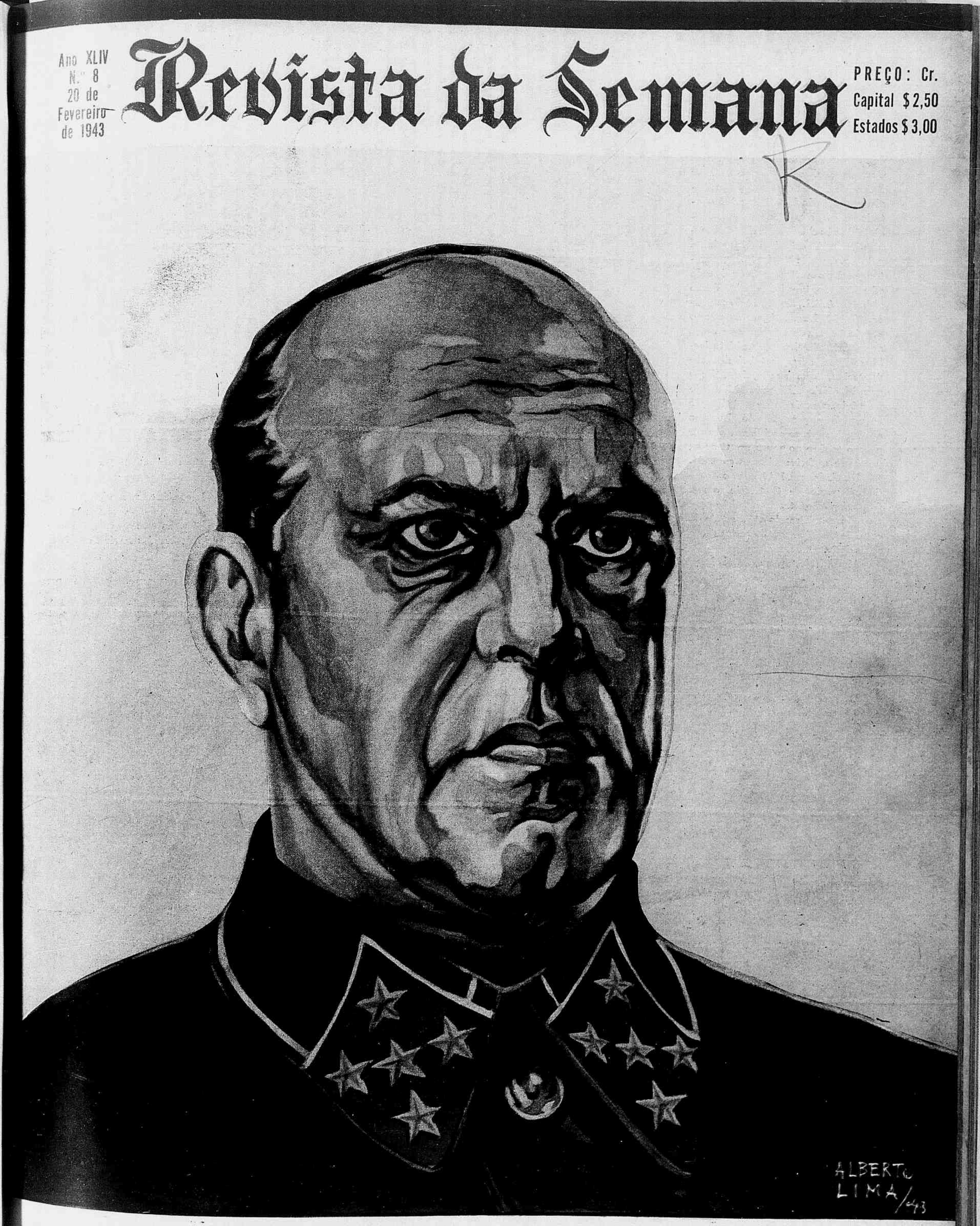
Ano XLIV
N.º 8
20 de
Fevereiro
de 1943

Revista da Semana

PREÇO: Cr.
Capital $ 2,50
Estados $ 3,00



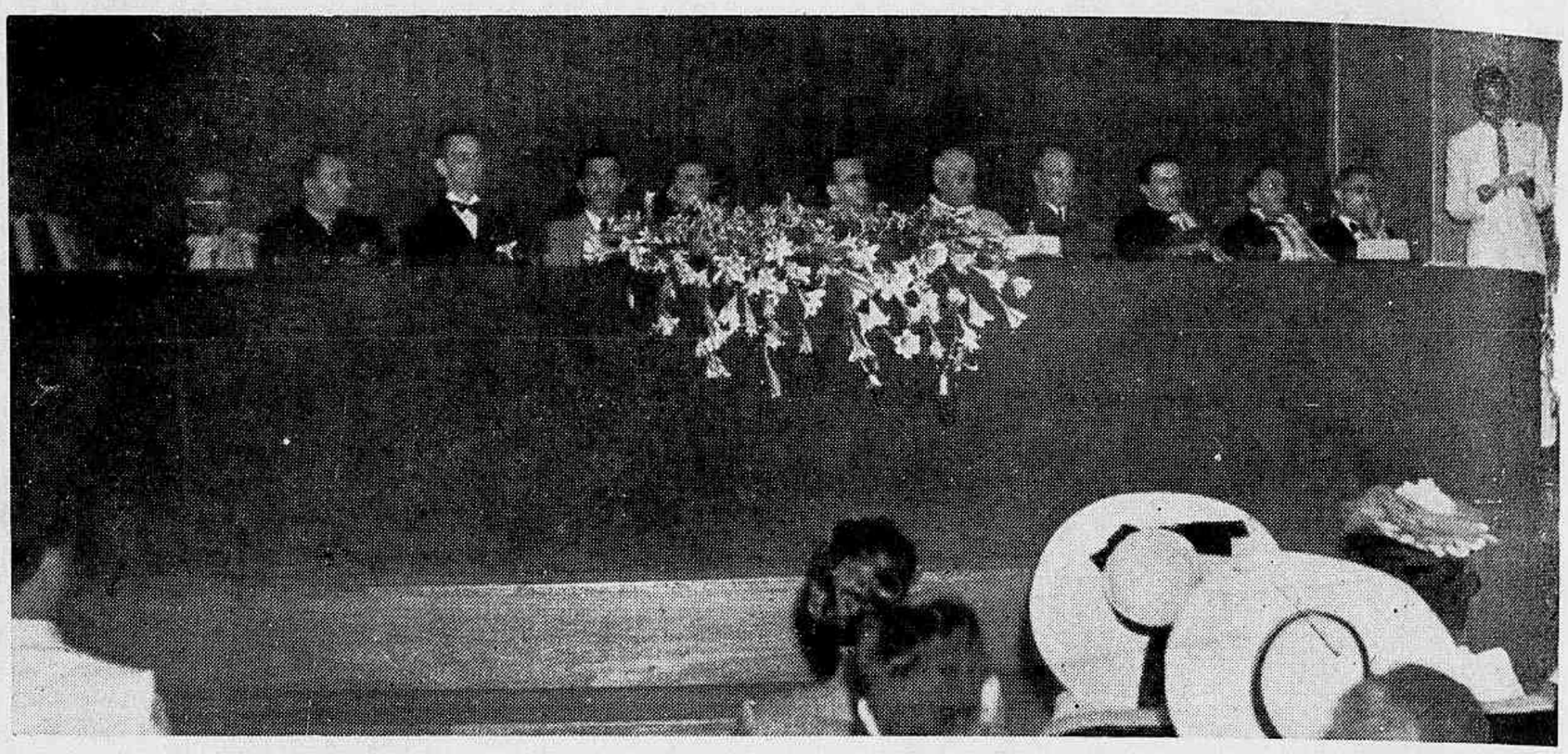
GENERAL ZHUKOV

SUPLEMENTO DE GUERRA NO TEXTO

A MAIOR TURMA DE CONTADORES FORMADA NO BRASIL

ESCOLA DE COMERCIO DO RIO DE JANEIRO

A "Escola de Comércio do Rio de Janeiro", em sessão solene de sua Congregação, colou gráu á maior turma de contadores que já produziu uma escola brasileira; 144 contadores se habilitaram em 1942 alem dos bachareis em ciencias economicas. A solenidade presidida pelo Dr. Orestes F. de Brito, diretor geral do antigo e conceituado educandario, teve lugar no Salão nobre da A.B.I., no dia 14 do corrente, ás 20 horas. Aproveitando o ensejo desta noticia, apraz-nos acrescentar ligeiras notas historico-biográficas desse estabelecimento de ensino, que conseguiu atingir grande eficiencia, popularidade e prestigio, através de uma dedicação sem par, por parte de homens abnegados que se decidiram a viver para o ensino ao envez de tirarem partido e auferirem lucros com ele.



Aspecto da mesa, presidida pelo Dr. Orestes F. de Brito, diretor geral da Escola de Comércio do Rio de Janeiro.

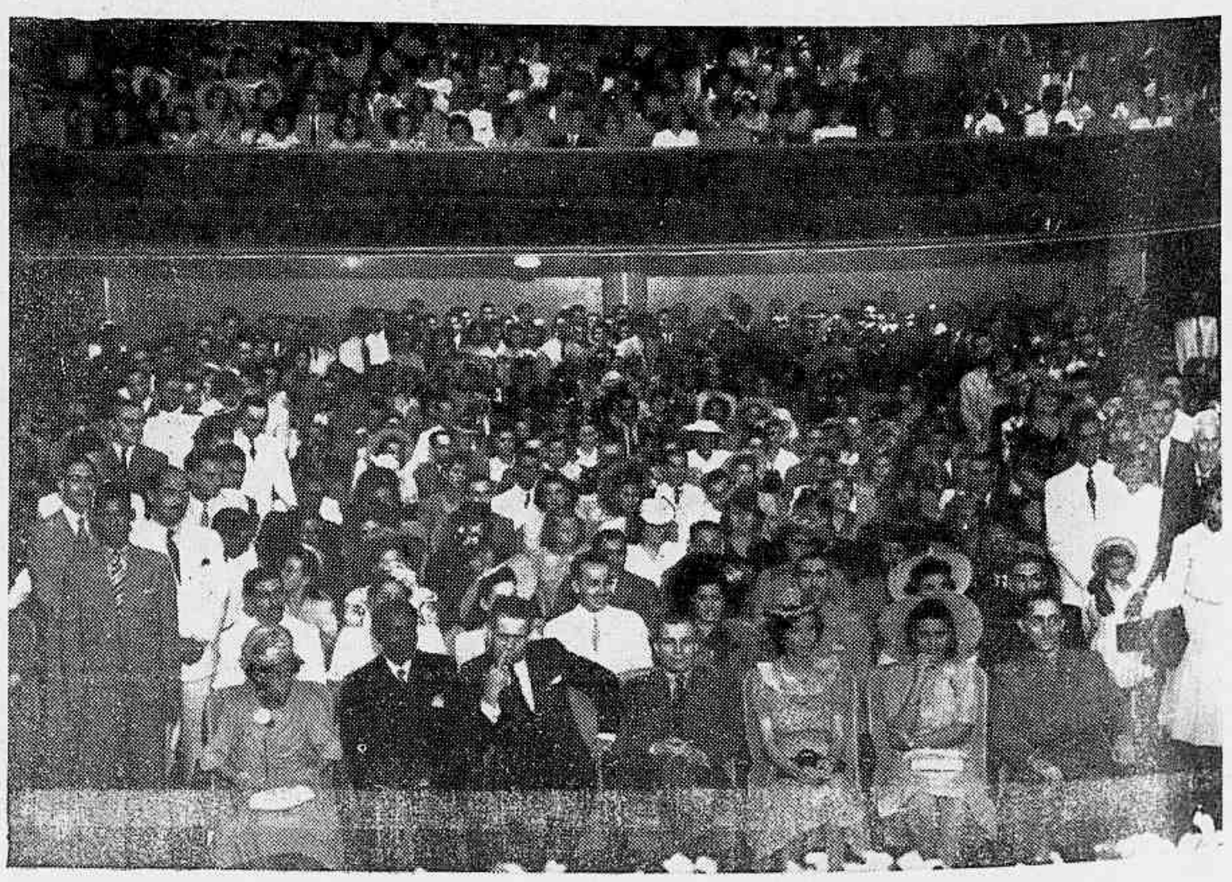
Fundada em 1913, com o nome de E. Superior de Comércio, o seu fundador encontrou de inicio companheiros que trabalharam sem remuneração, sacrificando até a sua bolsa em favor da Instituição, que graças a esse desprendimento se tornou o que é, em pleno funcionamento com mais de 2.000 alunos.

Ainda hoje, apezar da obrigação que tem a Escola de remunerar seus professores durante os 12 mêses do ano, ela continua não exigindo de seus alunos as mensalidades nos meses de férias o que é comum a todos os estabelecimentos de instrução. Como vemos, é uma escola que continua seguindo os principios sobre os quais foi idealizada: servir ao ensino no Brasil.

Flagrante apanhado pela nossa objetiva por ocasião do discurso do paraninfo da turma, sr. Manoel Ferreira Guimarães.

A senhorita Yeda Tinoco Azevedo, lendo o compromisso profissional, perante a mesa e a assistencia.

O diretor geral, Dr. Orestes F. de Brito, colocando o barrete simbolico no contadorando que serviu como representante masculino da turma Vê-se, ainda o representante do Govêrno, o paraninfo e a representante feminina.



Um aspecto da grande assistencia á solenidade, no salão nobre da A. B. I.

OS FILHOS

(CARTA À MÃE QUE PERDEU O FILHO)

Senhora:

Chegou até mim o calor das vossas lágrimas. Bem sei eu o quanto elas nos cavam a face e sulcam a existência. Como a lava ardente dos vulcões, destroem o que encontram e desfiguram o mesmo caminho por onde passam... Lagrimas — há-as de vário teor, quase todas nascidas do fogo da angústia interna, do calor da amargura íntima. Deveriam ser refrigério doce, orvalho nítido a apagar os vestígios de uma noite tempestuosa e má. São-no assim todas as lágrimas, menos as que nascem duns olhos que vêem o filho morto...

O filho morto... Nestes três vocabulos se condensa um mundo de horrores intraduziveis. A Palavra é um artifício ridículo quando se trata de expressar uma dor maior que as demais dores do Mundo. Deus creou o pranto para suprir a inutilidade da linguagem articulada. Por isso é que todos os povos e raças entendem facilmente uma lágrima que rola — porque é uma vida que se dissolve, uma personalidade que se liquefaz ao calor das grandes, silenciosas desgraças... O choro é a herança de todos na partilha comum das dores da Terra. Choram as criancinhas recem-nascidas, porque querem viver; choram os moribundos, porque não querem morrer; choram os desgraçados porque não sabem o que querem, nem se hão de querer alguma cousa...

Diante de um filho morto, não temos apenas os olhos em lágrimas; somos um soluço imenso, um pranto disforme, um dilúvio de amarguras... O nosso filho somos nós mesmos aperfeiçoados pela Esperança, retocados pela mão habilíssima da Divindade... Deus concedeu filhos aos homens para lhes prenunciar as alegrias inenarraveis do Céu. O filho é a flor que desce do seu galho ornamental para correr aos nossos braços e florir a nossa existência. Tem a maciez das pétalas, o perfume das madrugadas, a inocência das preces votivas...

❁

Justo é que morram os pais antes dos filhos, pois que esta é a ordem da Natureza, o preceito da Lógica, o mandamento da Biologia. Se os deixamos vivos, não morremos de todo porque sobrevivemos neles e com eles. Uma velhice que se revê, na florescência primaveral dos filhos ou dos netos, é um capítulo abençoado do livro da Vida. Que os filhos, porém, antecedam aos pais no caminho silencioso da Eternidade, é o que contraria as leis naturais e violenta a harmonia dos acontecimentos.

Não importa a idade em que se vão! O serem filhos sempre os faz mimosos e dignos de grande lástima. Faz-se, em torno dos que os perdem, o silêncio enorme das fatalidades. Ouvimo-los a toda hora dizerem o nosso nome e chamarem pelo nosso afeto. Os braços procuram-nos na escuridão dos mistérios insondaveis. Como Orfeu, seriamos capazes de descer ao Inferno para ir buscá-los, se a nossa vida, sem eles, não fôra o mesmo Inferno. Arrancar um filho aos pais é como decepar um ramo de árvore em plena vida: a seiva é a lágrima vegetal, que escorre em protesto pela violência da mutilação e pela grandeza da injustiça. Já não somos nós mesmos, porque perdemos o nosso filho. A Morte passa a ser uma esperança, visto que a Vida se nos transforma em castigo e maldição...

❁

Para estas dores não há consolo, assim como para esta fatalidade não há esperança... A Morte é o *nunca mais* onde apenas bruxoleia a luz mortiça da Fé... E' preciso mergulhar nos abismos do Incognoscivel para que essa luz se transforme em fanal de esperança... Até lá, a vida é um arrastar de cadeias que o Tempo vai soldando em elos mais forte e mais duradoiros... Até quando, Senhor, sofreremos o mal da Ausência? Até quando, a desgraça da Separação? Morrêssemos todos juntos, e a Morte ainda seria um prolongamento da Vida. O que doe é morrerem uns e ficarem outros. Aqui, o silêncio do túmulo; alí, o rio das lágrimas. Aqui, a estática da Morte; ali, a dinâmica do Sofrimento...

Que é a Morte? O apagar de uma chama. Mas, se quem morre é nosso filho, a Morte é uma noite total, uma treva cósmica...

❁

Bem vos entendo as lágrimas, Senhora, e devotamente vos beijo as mãos que elas banharam quando as pusestes sobre o corpo morto daquele que vos era mais que a Vida — porque era o "vosso filho"...

Os filhos são a manhã rosada em que os genitores encontram a ressurreição da sua própria meninice... São as telas de Deus onde o Passado se transfigura sob a forma festiva do Futuro... Pais e filhos formam o fio de oiro que ata as gerações, prende o Ontem ao Amanhã e representa, entre os mortais, o milagre supremo da Eternidade... Não ter filhos é fechar, num túmulo de treva, a crônica sentimental da Vida... Não ter filhos é fugir ao dever de transmitir a outrem a chama sagrada que Deus confiou ao primeiro homem que viveu na face da Terra...

Amá-los não é uma virtude: é a mais suave das obrigações humanas. E' tão natural querer-lhes bem que o único traço de semelhança entre as feras e nós é o zelo com que uns e outros defendemos os filhos, inda sacrificando-nos por eles. A Biologia e a Moral, a Tradição e a Justiça, a Humanidade e Deus, tudo nos manda amar aos filhos acima de nós mesmos, e renunciar por eles á nossa própria felicidade.

Se os amamos assim, que terrivel não será, pois, o perdê-los? E' como se arrancassem metade do nosso coração, e a outra metade ficasse a sangrar, num grito de dor e de revolta... Mais que isso: é como se matassem a nossa alma, que é feita com a alegria e o bem-estar dos nossos filhos. Quando eles enfermam, doe-nos a dor deles, e acalmam-nos os remédios que lhes fazem bem... Onde começa a carne dos nossos filhos e acaba a nossa mesma carne? As suas lágrimas são as nossas lágrimas, e seus risos os nossos risos... Por isso, tambem a morte deles é, de muito, a nossa morte. Vamos com eles para o Campo Santo. Ficamos a cismar sob o cipreste cujo sussurro triste beija a face da lousa que os abriga... E, quando chove, sentimos, nos nossos ossos o frio que eles devem estar sentindo...

Senhora! Não vos quero consolar. Não há consolação para a mãe que perde o filho. O que há é uma palavra que resume tudo: DEUS. Deus vo-lo dará de novo e, então, ambos podereis rir da Morte porque ela é incapaz de matar a harmonia desse afeto, a eternidade desse amor.

Beija-vos as mãos, Senhora, com respeito e tristeza

Jerônimo Moreira

Revista da Semana

ANO XLIV — N.º 8

20 de Fevereiro de 1943

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. $ 3,00.

ASMÁTICO!

Se já tentou tudo, eis a sua salvação!

★ Para melhorar prontamente as terriveis manisfestações da asma, como dispnéas, influenzas, defluxos, bronquites, catarros agudos e crônicos, coqueluxe, cansaço, chiado de peito, tosse rebelde sufocações, há um medicamento infalivel: o Remédio REYNGATE, a salvação dos asmáticos — composição unicamente vegetal — que dá um alívio imediato. Alem disso faz desaparecer gradualmente todos os sintomas até conseguir curas brilhantes em 2 ou 3 meses, mesmo em casos velhos e desenganados. Muitos médicos atestam o grande valor dêste remédio, receitando-o. Experimente e ficará incorporado aos milhares em todo o mundo que elogiam

o *Remédio*

REYNGATE

a salvação dos asmáticos

Em todas as bôas farmácias e drogarias

Distribuidores: ARAUJO FREITAS & CIA.

Recebemos e agradecemos os seguintes cartões de boas festas. Banco Central (João Pessoa, Paraíba); Empreza Gráfica e Editor (Ijui); Colégio Pan-Americano (Rio de Janeiro); Companhia Seguradora Brasileira; Geraldo Alho; Inter-Prensa (Buenos Aires); Laminação Federal de Metais Ltd. (Rio de Janeiro).

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. $ 63,00; Seis meses — Cr. $ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. $ 80,00; Seis meses — Cr. $ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. $ 170,00; Seis meses — Cr. $ 90,00

O número avulso custa Cr. $ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. $ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

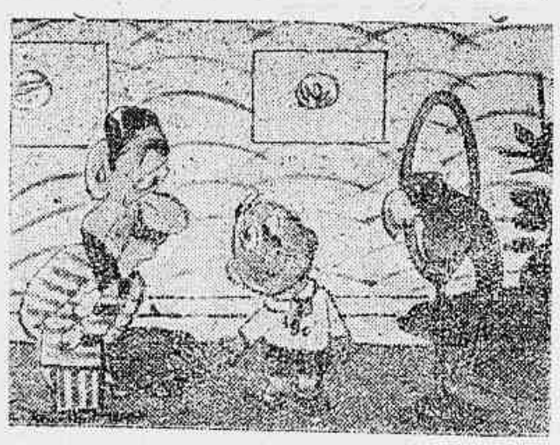
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866
Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional.

REPRESENTANTES — *Nos Estados Unidos da América do Norte:* S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. *Na Africa Oriental Portuguesa:* D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. *No Uruguai:* Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevidéo. *Na Argentina:* INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

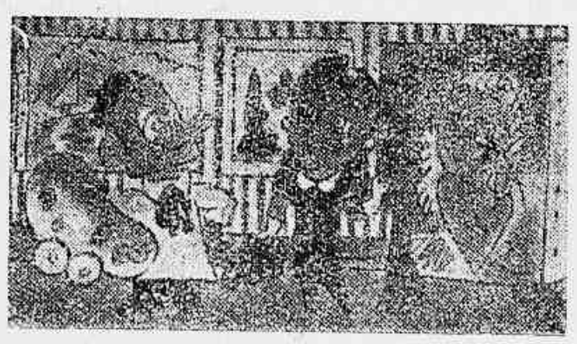
Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.
Diretor: *Graciliano Brito*
Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
ESTE NUMERO CONSTA DE 44 PAGINAS

OUTROS RIRAM...

— Que tipo adulador e mentiroso, aquele Soares!
— Disse que eras uma beleza, não?
— Não. Disse que tu é que eras.

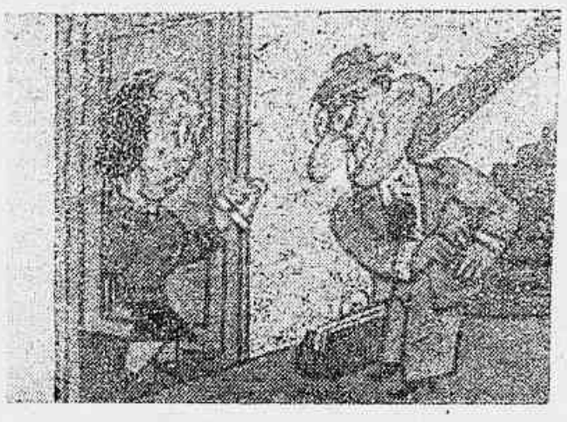


— Como é isso? Ensinando palavras feias ao papagaio?
— Mas, papai...? Estou ensinando... as que ele não deve dizer!



— Quer então que ponha o seu nome debaixo do retrato?
— De certo! Quando não, ninguem me conhece!

— Qual destes pães tem mais vitaminas?
— Ambos teem a mesma quantidade. Contei-as com o maior cuidado.

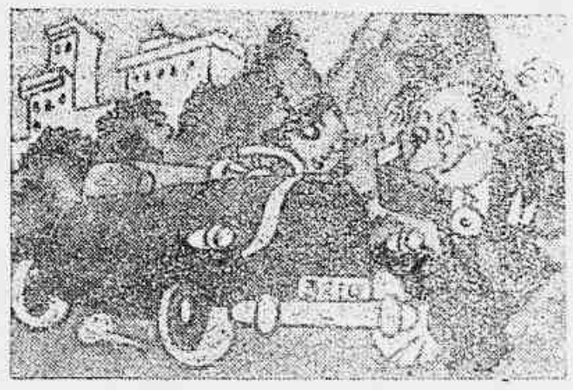


— E como se apanham os ratos com estas ratoeiras?
— A senhora já vai ver. Eu trago um aqui, no bolso.

— E o prisioneiro que íamos comer hoje?
— Fugiu com a cosinheira!

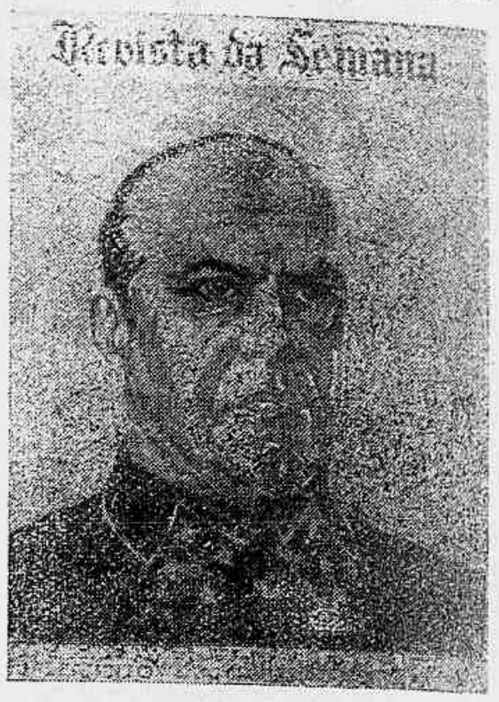
A MESMA CAUSA E EFEITOS DIFERENTES

— Desculpe, cavalheiro...
— Não enxerga, desgraçado!



— Desculpe, cavalheiro...
— De nada, senhorita! Tive até muito prazer...

NOSSA CAPA



Iniciando uma série de retratos dos grandes chefes militares desta guerra, publicamos hoje o do famoso general Zuhkov, um dos mais terriveis desbaratadores dos planos de conquista de Hitler na campanha da Russia.

Ao lado de Timoschenko, Vorossiloff, Golikov e outros azes da tremenda contra ofensiva contra as forças da Wehrmacht, sua ação tem sido sempre coroada do mais completo êxito, contando-se por vitórias sucessivas as investidas em que suas tropas tomaram parte.

Quando se der um balanço final na "débâcle" dos exercitos nazistas na Russia — o primeiro ponto da Europa a desmentir o aforismo hitleriano que proclamava aos quatro ventos: "onde o pé do soldado alemão chegou, ficou", — uma grande parte da vitória deve ser levada ao crédito das tropas do general Zuhkov, que figurará certamente na história desta guerra como um dos capitães de visão mais aguda e de mais viva atuação no campo da luta contra a maior potencia militar já constituida por um país, para a conquista do mundo.

Gosta de gatos?

Então leia a história das diversas raças de gatos — os tipos e as qualidades dos bichanos do mundo inteiro, na preciosa edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943 á venda em toda parte.

Gato egipcio, gato enluvado, gato ordinário, gato semi-angorá, gato sem cauda, da ilha de Man, gato chinês, gato selvagem, gato do cabo, gato angorá, gato de Ahorassen, gato Chartreux, gato de Sião, gato espanhol, gato de cauda enroscada, de Madagascar, etc., etc.

A saude, as enfermidades, as afecções da pele, conselhos e tratamentos. Alimentação dos gatos.

E' este um dos muitos assuntos que enchem o maior anuário brasileiro — o ALMANAQUE EU SEI TUDO, edição de 1943, com 500 páginas, por oito cruzeiros.

Redação: Maranguape, 15 — RIO. Atende-se mediante vale postal ou pelo sistema de reembolso

A Carta

Conto do escritor francês

Paul Féval

JOÃOZINHO ia fazer seis anos. Tinha o cabelo encaracolado e longo, tão espesso e abundante que muitas damas lh'o invejariam, e uns olhos enormes, azulados, que às vezes tentavam sorrir, embora muito houvessem chorado. Os calções com remendos ficavam-lhe pelo joelho; o casabeque abrira-se nos cotovelos; os sapatos que, como a roupa, haviam sido doutrem, ameaçavam desfazer-se de todo. E, naquela tarde de inverno, Joãozinho padecia não apenas frio mas também fome, porque desde a véspera ao meio dia não lhe entrara migalha na boca.

Joãozinho não lera — mesmo porque não sabia ler — mas ouvira contar certa história duma carta dirigida a Nosso Senhor. Aquela lembrança, que lhe ficara tão clara, tão viva, dava-lhe agora a idéia de escrever uma carta à Virgem Santíssima. E vamos ver como se arranjou, para isso, o nosso Joãozinho que, se não sabia ler, muito menos escrever.

A uma esquina da avenida perto da esplanada do Gros Caillou, era estabelecido num cubículo um "memorialista", quer dizer : um desses profissionais que se encarregam de escrever cartas ou outros documentos, a serviço dos analfabetos. Era um antigo soldado que se portara com bravura em cem combates e voltara da guerra um tanto inutilizado mas não o bastante para ser recebido no Asilo dos Invalidos.

Joãozinho percebeu-lhe o vulto através da vidraça embaciada do cubículo. O velhote fumava a sua cachimbada, esperando os possiveis clientes. O menino entrou, cumprimentou:

— Bôa tarde. Queria que o senhor me escrevesse uma carta.

— São dez soldos... respondeu o inválido a quem chamaremos Bouin.

Joãozinho não tirou o boné pela simples razão de o não possuir, mas disse com a maior cortezia :

— Então, faça favor de desculpar.

E já abria a porta para se retirar. Mas o velho Bouin viu nele alguma coisa que lhe causou impressão e perguntou-lhe :

— Escuta, és filho dalgum militar?

— Não, senhor. Sou filho de mamãe e não tenho pai.

— Compreendo... disse o escriba. — Não tens dez soldos.

— Não tenho nada!

— Nem tua mãe, com certeza. E querias escrever uma carta pedindo alguma coisa para comer, não é verdade?

— E' isso mesmo!

— Nesse caso não te vás. Por escrever quatro ou cinco linhas e gastar meia folha de papel, não fico mais pobre do que sou.

Joãozinho obedeceu. Bouin preparou um pedaço de papel, molhou a pena e traçou ao alto, em bela letra: Paris, 17 de Janeiro de 1873". E na linha seguinte: "Senhor"...

— Como se chama essa pessoa?

— Quem? perguntou por sua vez Joãozinho.

— A pessoa a quem desejas dirigir-te, o senhor que vos deve socorrer, a tua mãe e a ti...

Joãozinho compreendeu e respondeu:

— Não é um senhor...

— E' uma senhora, então?

— Sim, senhor. Não, senhor! Quer dizer...

— Como assim! exclamou o velho. — Não sabes a quem queres mandar a carta?

— Oh, isso sei, sim, senhor!

— Pois então, dize lá e acabemos com isto!

Joãozinho ficára vermelho. Sentia um acanhamento extranho, que não poderia explicar. Fazendo, porém, das fraquezas forças, declarou :

— A pessoa a quem desejo mandar a carta... é Nossa Senhora.

O rosto de Bouin fez-se de repente muito sério, quasi ameaçador. O velho depoz a pena, tirou o cachimbo da boca e declarou severamente :

— Prefiro acreditar que não tenhas vindo caçoar comigo. Além disso és muito criança para levar dois petelecos. Põe-te lá fóra, vá!

O menino obedeceu tristemente. Vendo-o, porém, tão pobrezinho, tão desemparado, o escriba encheu-se de compaixão.

— Quanta miséria por esse Paris... disse consigo. E em voz alta :

— Como te chamas, menino?

— João.

— João de quê?

— Mais nada.

Bouin sentiu que os olhos se lhe enchiam de lágrimas, mas limitou-se a dar de ombros e a perguntar :

— E que desejavas tu dizer à Virgem Maria?

— Que mamãe está dormindo desde a noite passada e eu, esta máhã, quiz acordá-la e não pude... Não me respondeu nem nada...

O velho militar, com o peito oprimido, tinha medo de compreender:

— E disseste, ha pouco, que precisavas dalguma coisa para comer..

— E' verdade. Também queria pedir isso a Nossa Senhora. Antes de adormecer mamãe me deu o último pedaço de pão que havia em casa...

— E ela, que comeu?

— Nada. Nos ultimos dois dias, quando partia o pedaço de pão, dizia: "Come tu, Joãozinho, eu não tenho vontade."

— Mas... Explica-me ainda: Como fizeste para a despertar?

— Como sempre: beijei-a, quiz abraçá-la...

— E respirava?

Joãozinho sorriu. Assim devem sorrir os anjos:

— Não sei. Mas a gente não respira sempre?

Bouin voltou a cabeça para que o pequeno lhe não notasse a intensidade da comoção. Em vez de responder à pergunta de Joãozinho, insistiu no seu interrogatorio :

— E quando a beijaste, não notaste nada?

— Estava fria. Lá em casa sempre faz frio...

— Mas... tremia?

— Não senhor. E linda! As mãos não se mexiam, cruzadas sobre o peito. E tão brancas... Tinha a cabeça deitada para traz na travesseira e com os olhos assim, meio abertos, parecia estar vendo o céu.

Enquanto ouvia aquilo, Bouin dizia consigo:

— Tantas vezes tenho sentido inveja dos ricos, eu que como bem, que bebo quando tenho vontade... E ha criaturas que morrem de fome: De fome!

Chamou a si o pequeno, pô-lo sobre os joelhos e, falando-lhe com extrema doçura :

— Menino, a carta já foi escrita. Já foi enviada e recebida. Leva-me onde está tua mãe. Vamos.

— Mas por que chora o senhor? indagou Joãozinho, muito admirado.

— Quem, eu? Não ha tal, não estou chorando. Os homens não choram. — E, apertando a criança ao peito, inundava-lhe a cabeça de lágrimas. — Tu é que vais chorar, coitadinho. Mas fica desde já sabendo que te quero como a um filho. Eu também tive mãe... e muito tempo... E agora, depois do que me contaste, a vejo estendida no leito onde me disse, ao morrer: "Meu filho, sê sempre honrado e bom cristão". A Virgem Santa estava à cabeceira do leito, numa estampa que tinha custado dois soldos, mas lhe mostrava o sorriso de doçura que agora me entra de novo no coração. Sim, honrado, tenho sido, sem dúvida. Mas bom cristão...

Levantou-se com a criança nos braços e apertava-a ao peito como se falasse a alguém a quem não via :

— Olhe, mamãe... Estou tão contente... Os amigos que se riam de mim se quizerem — mas vou ficar com este menino. A sua carta que não chegou a ser escrita surtiu, em vez de um, dois efeitos: deu-lhe um pai, a ele, e, a mim, restituiu-me o coração.

Assim o caso se passou, embora eu lhe não tenha dado a devida eloquência... Quem era aquela mulher? Ignoro. Qual fôra o martírio da sua vida? Não sei. Mas em Paris vive hoje um homem, moço ainda e que escreve... Não cartas a dez soldos, como o excelente Bouin, mas historias que muita gente lê comovidamente e com admiração. Bouin é um velhinho feliz, honrado como sempre e que a essa virtude juntou a de bom cristão. Mais do que o próprio escritor, gosa o êxito do "pequeno" como continua a chamar-lhe. E ao terminar esta historia — porque foi ele próprio que m'a contou — acrescentou gravemente:

— Não sei que carteiro leva estas cartas. Estou, porém, certo de que sempre chegam ao seu destino e são entregues à mãe dos que deixaram de ter mãe neste mundo.

Que Dôres De Cabêça!

As dôres de cabêça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a tésta com Mentholatum. Sentirá logo uma agradavel sensação de frêscura e bem estar. Insista sempre no legítimo

MENTHOLATUM

BRINDE DE ANO NOVO

Recebemos da Companhia de Seguros Minas-Brasil uma folhinha para 1943.

Agradecemos.

PREÇO DE FERROVIAS

A "Madeira-Mamoré" custou 40.736:000$000 em apolices, 4.476:000$ em dinheiro e lb. 1.001.000-000, o que, conjuntamente, ao cambio da época em moeda corrente, representava 60.227:000$000. Segundo os calculos da Comissão do Patrimonio o seu custo atingiu o total de Rs. 64.034:988$575. Sendo a sua extensão de 364 quilometros e uma fração, o custo quilométrico foi, portanto, de 165:733$516. Segundo a medição de 1922, da Comissão do Patrimonio, 175:920$023.

A Noroeste do Brasil custou-nos 90.823:777$441, fóra a encampação que levada a termo em Maio de 1918, no total de 37.731:000$000, elevou o seu custo a 128.554:777$441.

Sendo a sua extensão de 1.273 quilometros (Bauru-S. Paulo) — a Porto Esperança-Mato Grosso) fica o custo quilometrico apurado em 100:977$860.

CRUZADA BRASILEIRA

Recebemos o Boletim n. 1, lançado em dezembro de 1942, da "Cruzada Brasileira" — Associação de Combate á Tuberculose e á Lepra.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aparelçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pannos, as manchas, as asperezas e a tendencia para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e cedia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

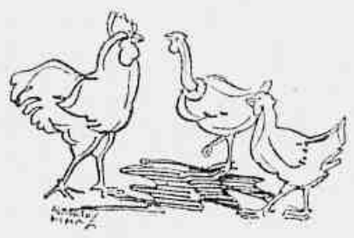
Experimente-o.

Tipos antigos das ruas cariócas.

Segunda dóse

A SEMANA EM REVISTA

GUERRA & GALINHAS



Todo país em guerra exige procedimento popular compatível com a situação. Mórmente no setor da economia doméstica, onde a poupança deve ser uma norma de conduta. Entretanto, não basta o gesto passivo de *não gastar* — é necessário produzir, também. Neste sentido, a Legião Brasileira de Assistência transmitiu instrução à população carioca, aconselhando-a a crear galinhas nos quintais, no sentido de prevenir a cidade de qualquer possivel crise no seu abastecimento.

Zelosas, muitas donas de casas apressaram-se em povoar a *zona rural* domestica de uma alegre farândula de *penosas*, que, ao amanhecer fazem um escarceu dos diabos, interrompendo o sono cômodo dos granfinos.

Os espertalhões, que não dormem nunca, imaginaram tirar uma vantagem qualquer da situação. Outro dia, por exemplo, apareceu na casa de uma anciã, um grupo de homens "chefiados" por um "dr. Eduardo", que se intitulava fiscal da Prefeitura. A "autoridade" começou logo *aplicando* uma elevada multa pelo elevado número de cabeças existentes alí. Não obtendo o pagamento, foi feita, então, a apreensão das aves e transportada, em caminhão, para outro lugar. Evitando novas aventuras deste tipo, as autoridades já anunciaram aos quatro ventos — podem crear galinhas à vontade!

NOTICIA DE MINAS

Minas já é conhecida na imprensa carioca como o lugar dos fatos esquisitos, dos acontecimentos únicos. Tudo que transcende as fronteiras vulgares, arranca logo a exclamação — é de Minas! Pois agora Belo Horizonte nos enviou mais uma novidade, cujo maior valor reside no absoluto ineditismo do fato em todo o Brasil — o aparecimento de uma *chauffeuse* de taxis! Acrescenta o despacho que se trata duma jovem que abraçou com entusiasmo a referida profissão. Em Minas, parece que o acontecimento não teve maiores consequências, coisa que não sucederia por aquí, achamos nós.

PRECOCIDADE

Não senhores, desta vez o *record* não é americano. E' brasileiro. Foi conquistado inocentemente, em Belém do Pará. Encontrou-se à foz do rio Camará, no Município de Soure, uma fragil embarcação com um garoto de 5 anos, sósinho a bordo. Depois da confusão do primeiro instante, tudo se esclareceu. O garoto acompanhara o pai numa viagem a Belém, permanecendo no barco, enquanto o homem fazia compras. Com a fôrça da correnteza, rompeu-se a amarra e o muito jovem navegante iniciou o seu involuntario cruzeiro, atravessando tôda a baía de Marajó. O jornal não disse, porém, qual era o estado de espírito do *heroi*, depois de recolhido.

A LEITURA ESTA' EM MODA

Pitorescas as influências da guerra. Elas não se desenrolam sómente no plano material das consequências diretas, isto é, na escacês de víveres, na ausência de homens, na eclosão das epidemias. Ela vem projetar-se em todos os setores, modificando aspectos, gerando coisas novas. Determinou uma produção literária como talvez nenhuma outra guerra jamais houvera determinado. Livros dos mais diversos feitios, escritos por autores de tôdas as nacionalidades, surgem por aí, aos montes, atravancando as livrarias.

O fenômeno digno de ser observado é que essa espécie de literatura, se nenhuma outra missão intelectual exerce sinão a de excitar as imaginações, desenvolveu, no entanto, uma função social interessante, creando o *hábito da leitura*. Pela força de venilar a cada instante problemas sérios, familirizou o público com êles, levando-o a buscar novos textos, novos autores, inclusive aqueles que não se entregaram ao sensacionalismo do momento. Até escritores antigos; até gregos. Já ví uma granfina de posse lendo *A Republica*, de Platão. A oportunidade é única para os literatos sem publico — para os medalhões escribas. Aproveitem-na!

O OUTRO LADO DOS DITADORES

Os ditadores que hoje se agitam na ribalta da política internacional teatralizaram de tal maneira as respectivas figuras que é quasi dificil pensar que êles são solenemente iguais aos outros homens, sujeitos aos mesmos incidentes, às mesmas coisas que influenciam as demais existências.

Assim, quando aparece um amigo qualquer de Mussolini ou de Hitler, revivendo cenas da juventude destes homens, êles são logo assediados de perguntas, crivados de indagações diversas. Ha sempre a esperança de descobrir uma nova face, um novo detalhe sensacional.

Pois é que os homens que privaram com os ditadores sejam tão numerosos hoje em dia. Um, por exemplo, declarou ha dias que Hitler assassinou a própria namorada, alguns anos atrás. Agora, outro disse uma série de coisas relativas a Mussolini. Mussolini pedreiro de outros tempos. Trabalharam juntos em Canton Sangallo, na Suiça. Mais tarde iria reencontrar-se com êle em um destacamento do Exército, no Monte Suman (Alpes). Mussolini era simples cabo e passava o tempo [illegible] medio de seus companheiros, bajulando a oficialidade, motivo pelo qual não [illegible] resto. De resto sempre foi um soldado medíocre...

FLAVIO

É o que dirão seus filhinhos ao saborearem sopas, pudins ou cremes preparados com Maizena Duryea. Dê-lhes sempre alimentos saborosos e altamente nutritivos, preparados com a incomparavel

MAIZENA DURYEA LTDA.

PILULAS DE FOSTER

Balsâmicas e diuréticas para as doenças das vias urinarias e no tratamento da uricemia e suas manifestações.

Excesso de ACIDO URICO

Quando os rins não funcionam normalmente o ácido úrico se acumula no organismo, causando dores lombares, reumatismo gotoso, irregularidades da bexiga. O ácido úrico não descarregado pelos rins tende a se acumular nas juntas e nos músculos, produzindo as incômodas dores reumaticas. Para que os rins voltem a funcionar normalmente ha necessidade de um diurético. Preparadas segundo uma fórmula diurética, as PILULAS DE FOSTER proporcionam o alivio desejado ás dores e sofrimentos.

PILULAS DE FOSTER

PARA OS RINS E A BEXIGA

Anuncio aprovado pelo D. N. S. sob o n º 207 em 2-4-41

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr $ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda ao interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o *preço da capa*.

Compre o seu livro na Livraria da Casa do Estudante do Brasil

(Avenida Rio Branco, 120 — Loja 13 — Tel. 42-1346)

Fazendo assim:

1—Auxiliará uma obra de assistência ao estudante brasileiro.

2—Contribuirá para o desenvolvimento de uma instituição do povo.

3—Concorrerá para uma organização que garante a seu filho a oportunidade de estudar.

4—Ajudará o desenvolvimento de uma editora que visa somente os interesses dos estudantes, dos intelectuais e do povo

5—Cooperará num esforço pela aproximação dos povos e para o bem-estar da humanidade.

6—Prestará auxilio á construção da grande séde da C. E. B. — verdadeiro lar do estudante, no triplice aspecto moral, material e intelectual.

7—Fornecerá meios para se elevar o padrão de vida do estudante brasileiro.

8—Estimulará os trabalhadores da C. E. B. no esforço que fazem pelo desenvolvimento da técnica nacional.

9—Dará ajuda para a tradução e publicação dos melhores livros de ciencia e de técnica estrangeiros.

10—Favorecerá — o que é mais importante — o barateamento do livro brasileiro.

Não ha duvida: está no fim

Restam poucos exemplares do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943, edição largamente distribuida por todas as livrarias e bancas de jornais do Brasil.

E, em verdade, outro não poderia ter sido o destino de um livro com trezentas páginas, muitas das quais coloridas, cheio de assuntos interessantíssimos, informações utilíssimas, leitura variada para todas as classes, condições e idades.

Ter por oito cruzeiros uma enciclopédia composta de assuntos por assim dizer "concentrados", embora variadíssimos; ter em mãos uma soma de informações que, de outra forma, só seria obtida mediante longo trabalho de consulta a toda uma biblioteca; conduzir facilmente para qualquer parte, uma obra que educa e diverte, porque é ao mesmo tempo instrutiva e repousante, são privilégios de quem compra o ALMANAQUE EU SEI TUDO — o livro dos mil assuntos.

Assim, antes que seja tarde, peça a seu jornaleiro ou a seu livreiro um ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1943.

Leia-o, deixe que todos os de sua casa tambem o leiam e, depois, mande-o ao encadernador para que passe a figurar em sua estante, confundindo-se com os seus melhores livros.

Se o fornecedor não atender a seu pedido, solicite um exemplar, mediante o envio de oito cruzeiros em vale postal ou pelo reembolso dos Correios, à CIA. EDITORA AMERICANA: Rua Maranguape, 15 — DISTRITO FEDERAL.

OBRAS COMPLETAS DE CASIMIRO DE ABREU. — *Rio de Janeiro, 1943.*

Na coleção "Grandes Poetas do Brasil", que a Livraria Zélio Valverde em tão bôa hora e com tão louvavel intuito resolveu oferecer ao público amante das bôas, verdadeiramente bôas letras, vem em segundo lugar Casimiro de Abreu. De certo este nome se não aproxima em grandiosidade dos de Gonçalves Dias, Castro Alves, Fagundes Varela, já incluidos no mesmo plano editorial. Trata-se, porém, dum nome dos mais amados e mais dignos de amor que se assinalaram na poesia brasileira.

O êxito de Casimiro de Abreu foi grande na sua época, tão grande que não podia passar depressa nem pelos tempos fóra ser esquecido. Circunstâncias diversas, além do talento do poeta, contribuiram para o prestígio sensacional das suas obras. Diversamente do comum dos rapazes, filhos de portugueses que foram a Portugal completar a sua educação e nem por isso se julgaram vítimas dum destino especialmente cruel; bem ao contrário de Gonçalves Crespo que, apezar das saudades inspiradoras dalgumas páginas célebres, lá se adaptou, criou o seu ambiente de amisade, amou, se fez amar e foi feliz — Casimiro de Abreu converteu-se, adolescente ainda, em personagem de tragédia. Vergou os ombros ao peso duma fatalidade imaginária, nem por isso menos atrós. Sentiu toda a amargura do exílio. As *Canções* desse período traduzem uma dor excessiva, exagerada pelo temperamento romântico, pela influência da moléstia incubada, pelo rítmo soluçante e insistente das estrofes, pela toada elegíaca das rimas e de todas as sonoridades — mas, no fundo, realmente, estremamente sincera.

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador,
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho,
Sem carinho e sem amor!

Assim o poeta dilatava, carregava ao extremo o alcance e os aspectos de bem curta e bem leve adversidade. E eis uma das razões do seu triunfo na admiração da época. As donzelas, embebidas de lirismo e de melancolia, incondicionalmente o adoraram; a bôa burguezia, embora lhe não desejasse a intimidade, foi, por assim dizer, forçada a admirá-lo; toda a gente culta lhe votou a mais declarada simpatia. Mas, em verdade, Casimiro de Abreu não se limitou à interpretação da sua desgraça intima. Lançou-se a altos vôos de concepção e a largos esforços realizadores. Como Garrett consagrara um poema, rendeu ele a homenagem dum episódio dramático à figura de Camões. E, aos vinte e três anos de idade — o sr. Murilo de Araujo, no breve mas emocionante prefácio deste volume, estabelece vinte e um — Casimiro de Abreu sucumbia à tuberculose, ainda uma moléstia de poeta e de menina poética daquele tempo...

❁ ❁ ❁

CAMINHOS DA VIDA, poesias de João Bastos — *Rio de Janeiro, 1942.*

O autor deste livro saíu vitorioso da eleição efetuada na capital do Espírito Santo para se saber a quem cabia o titulo de Principe dos Poetas Capichabas. Saiu vitorioso, acrescentemos, em terceiro lugar. Mas tudo é relativo, e o seu triunfo nem por isso deixa de se tornar invejavel. Na terra espiritosantense não devem ter conta os poetas — como por todo o Brasil. Tanta razão, pelo menos, como o velho legislador, propagandista apaixonado do amanho agrário, ao falar da natural opulência e da espontânea generosidade do sólo, teria quem afirmasse ser este país essencialmente poético. Poético, ainda mais que pela feição enlevadora dos seus panoramas, pela índole inspirada e versejadora da sua gente. Assim o terceiro poeta de qualquer Estado com razão se orgulhará de ter vencido milhares e milhares de candidatos voluntários ou dignos de apresentação ao seu lugar. Depois, isto de se escolher um poeta para ficar sendo o primeiro entre os seus confrades apresenta dificuldades deveras momentosas e complexas. Cada voto depende duma série de razões especiais, individuais, em que o merecimento, na expressão absoluta, poderá deixar de entrar. E haverá merecimento poético suscetivel de comparação segura, infalivel, ao valor e às virtudes de certos concorrentes? Não é coisa que se meça, pese ou de qualquer forma se avalie com exatidão. Neste pleito do Principado Capichaba, os sufrágios dos mais altos representantes da inteligência e da cultura divergiram, se dividiram — e cada eleitor sem dúvida julgava escolher o maior, o melhor, o mais digno da vitória. Portanto, dos três poetas mais votados, qualquer deles se poderá considerar o primeiro, sem propriamente vaidade da sua parte nem falta de respeito pelos outros.

O sr. João Bastos varia os motivos de inspiração como as fórmas ou processos técnicos. Os seus versos não procedem dum estado de espirito predominante ou de determinado fundo emotivo. Obedecem a certas fases psicologicas ou até a impressões de momento. Por isso se encontra neles paixão arrebatada, tenebrosa dúvida, ventura plena, desespero, ceticismo, ironia. Citaremos, nessa diversidade de páginas, em que o sr. Bastos se mostra sempre artista cuidadoso e fino, a anedota sentimental intitulada *Despedida*:

Tinha apitado o vapor.
Conchegado ao peito amigo,
de minha mãe, doce abrigo,
eu pranteava a minha dor.

Desconsolada, no entanto
minha mãe me consolava:
— "Meu filho, não chores tanto!"
E ao dizer tambem chorava.

Chega meu pai e ocultando
seu pesar sob um sorriso
— "Mas vocês estão chorando?!
Ora essa! Tomem juizo..."

E ao retorcer o bigode,
num gesto de franfarrão,
mais que depressa sacode
duas lágrimas da mão...

❁ ❁ ❁

O MISTÉRIO DO POLO, livro para crianças, da autoria de Lúcia Machado de Almeida — *Rio de Janeiro, 1943.*

O título deste volume pertence especialmente à segunda das duas histórias que o compõem. A primeira, *O veneno do Dragão Marinho*, tem por assunto as aventuras do Espadarte na longa travessia em direção à gruta onde mora aquele bicho temerosíssimo.

Dera-se o caso de haver adoecido, "com uma dor no coração" e [o semblante cada

LITERARIO

vez mais "pálido e tristonho", a rainha adorada dos seus súbditos que era "uma peixinha pequenina, do tamanho dum bago de milho" e se chamava Piabinha. O médico Dr. Golfinho mandou-a ficar de cama, em repouso completo e só tomando "chá de folhas de alga". Mostrou-se, porém, pessimista quanto à possibilidade da cura. Para isso, declarou ele, só havia um recurso: o veneno existente no "ferrão" do Dragão Marinho". E eis porque o Espadarte, vassalo fidelissimo e deveras heroico, empreendeu a esforçada viagem.

Todos os peixes com quem se ia entendendo tentavam dissuadí-lo, falando-lhe do perigo imenso de afrontar o monstro oceânico. Mas o Espadarte não sabia o que fosse medo e ia preparado para a luta: além de ter mandado afiar o ariete, levava uma "caixinha misteriosa" amarrada ao corpo... Com efeito, em frente ao dragão, o nosso heroi tirou da caixinha um frasco e uma esponja; despejou nesta o liquido contido naquele; avançou para o inimigo e "puff" apertou-lhe bem nas ventas a esponja." O bruto caíu sem sentidos e o Espadarte "varou-lhe o coração". A droga, toda a gente adivinhou, era clorofórmio.

Assim o D. Quixote dos mares venceu o dragão e levou ao Dr. Golfinho o remédio salvador. O mais curioso — e o mais util da história — é a descripção dos peixes singulares e pouco conhecidos que o protagonista vai encontrando pelo caminho. Há aí, como no *Mistério do Polo*, uma lição atraente de história natural. A autora deve entender profunda e minuciosamente daquela materia. O mesmo, infelizmente, se não pode dizer quanto aos seus conhecimentos da lingua em que escreve. "O Espadarte se viu jogado *numa* praia — outra enorme onda que *se arrebenta* na praia — os peixes eram *inteiramente* negros e não tinham a barriga branca — por isso *chamavam-no* o peixe cachimbo — um peixe... *sumia* misteriosamente". Isto, em menos de páginas e meia. Bem sabemos que não poucos homens de letras e bastante cotados escrevem coisas semelhantes ou peores ainda... Dado, porém, o genero e o destino do presente volume deveria haver um escrúpulo especial. Nem por ensinar ictiologia às crianças, a autora tinha o direito de lhes "desensinar" a sintaxe.

❁ ❁ ❁

OS GATOS, de Fialho d'Almeida, selecção e prefácio de José Lins do Rego — *Rio de Janeiro, 1942.*

O sr. José Lins do Rego, organizador deste livro e seu prefaciador, falou-nos recentemente, alhures, de "O bom e o mau Fialho". Em verdade, os dois se distinguem facilmente: o dificil é separá-los em trabalhos independentes ou completos. Na mesma crônica ou no mesmo conto se encontram, em certos casos, trechos de real e forte beleza e passagens que ocorreriam talvez a outro escritor mas que este não aproveitaria ou, na leitura de aprimoramento do trabalho, não deixaria de riscar.

Guerra Junqueiro define o panfletista dos *Gatos:* um gênio falido. E desenvolve as razões politicas, sociais e outras — isto no prefácio daquela confusão de sublimidades e misérias, de surtos e síncopes de inspiração, que se tintitula *Pátria* — por que Fialho deixou de construir uma obra puramente magnífica e deveras duradoura. Ora, considerado o caso *terre à terre*, os *Gatos* sofreram a influência do meio contra o qual se quizeram insurgir. No mais ardoroso e impetuoso da sua revolta, não deixavam de respirar tal ambiente nem de com ele se envenenar. Era aquela uma fase terrivel de abandono colectivo da própria dignidade. A sociedade acanalhava-se, mais que voluntária, deliciadamente. A grande elegância da linguagem lisboeta era o calão. A mocidade aristocrática imitava a linha e o ar dos cocheiros de praça. A moda, o *chic* mandava ser toureiro ou parecê-lo. O próprio soberano, durante as férias gosadas em solares ou quintas de província — diz-nos, nas suas *Memórias*, o veracíssimo Raul Brandão — cercava-se de guitarristas mandados ir da Mouraria e com eles batia o fado. E o infante, guiando a toda a velocidade o seu carro berrava palavrões aos transeuntes...

Em verdade, as *Farpas* resistiram, indenes, firmes e sempre agudas, a tudo quanto houvesse de envolvente, desgastador, maleficamente dominador nos costumes portugueses ou lisboetas do tempo. Por isso tão vigorosamente os combateram e tão consideravelmente os modificaram. Os *Gatos*, porem, à força de reflectir os disparates e os vícios duma época, ficavam, de vez em quando, iguais a eles. Alternando com as horas de mentalidade superior e rica sensibilidade, vinham-lhes crises de rebaixamento nas idéias e no estilo, atestando, com a falência dum gênio, observada por Junqueiro, o aniquilamento dum carater, que o mais singelo dos leitores, correndo a coleção dos *Gatos* e até os outros livros, poderia verificar.

O sr. José Lins do Rego separou páginas como as do *Enterro de D. Luiz* e do *Violencelista Sérgio* — escoimadas estas, se nos não trae a memória, dalgumas passagens indignas do resto — para nos dar aquilo que considera os bons *Gatos*. E por tal tarefa certamente os admiradores de Fialho se mostrarão reconhecidos.

❁ ❁ ❁

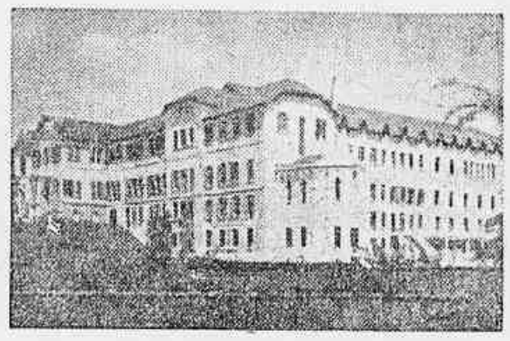
EMIGRADOS DE LUXO, romance de Maurice Dekobra, tradução de Edison Carneiro — *Rio de Janeiro, 1942.*

A Maurice Dekobra se podem negar muitas virtudes, muitas requisitos para merecer o respeito da crítica e a admiração do mundo. Ninguém, porém, dirá que lhe falte originalidade. Por mais que aos espíritos severos custe admitir a legitimidade do êxito daqueles romances traduzidos, por assim dizer, em todas as línguas, forçoso será reconhecer-lhes alguma coisa de diferente, de inconfundivel. Numa época em que a literatura de ficção reduz a inventiva e standardiza o estilo, como se tudo, idéia e fórma, fosse feito á maquina. Dekobra mantém, além das qualidades atraentes e divertidas, certa orientação e certa maneira propriamente suas. De muitos outros novelistas se tornaria dificil distinguir as obras, repartindo-as mais ou menos acertadamente pelos respectivos autores. Do autor de *Mon ceur au ralenti*, das *Liaisons tranquilles*, de *Minuit, place Pigale*, uma página, em regra, basta para sabermos que não foi escrito por outrem. Eis o que certamente, explica, se não de todo justifica, a sua notoriedade universal.

Em *Emigrados de luxo* o assunto oferece, em relação aos seus precedentes, mais gravidades, mais profundeza. Trata-se dos amores dum fidalgo francês de antiga linhagem, um duque, com uma simples moça austríaca, fugida dum campo de concentração. O castelo ducal é destruido pelos aviões alemães; a França capitula; o casal consegue fugir para a America do Norte. Essa linha geral abrange aventuras mais ou menos sensacionais, episodios mais ou menos pitorescos, anedotas e ditos de toda a sorte intercalando, variando no desenvolver do caso sentimental e o romance termina por uma recepção dada pelo casal aristocrata num "Automatico" de Nova York e o brinde que o duque levanta à grande dama hospitaleira que se chama Liberdade.

J. L.

COLÉGIO DE SANTO ANTONIO
(SOB INSPEÇÃO PERMANENTE — DEC. 21.318 DE 25-4-932).
(Colégio por dec. 11.194 de 4-1-943)
S. JOÃO DEL-REI -- MINAS
DIRIGIDO PELOS PADRES FRANCISCANOS HOLANDESES
O Estabelecimento mantem cursos primário (*só para o internato*), de admissão, ginasial (1.º ciclo) e colegial (2.º ciclo).


Vista parcial da fachada principal do Colégio de Santo Antonio.

PREÇOS PARA O INTERNATO
Curso primario e de admissão, por ano..... Cr$ 1.800,00
Curso ginasial (1.º ciclo) por ano..... Cr$ 2.100,00
Curso colegial (2.º ciclo) por ano..... Cr$ 2.700,00
Não se pagam taxas nem lavagem de roupa.
O Estabelecimento possue amplas salas de aula, ótimos gabinetes de Química, Física e História Natural.
Para as horas de recreio há uma piscina olimpica de natação, 3 campos de esporte, 2 grandes pátios internos e amplo *auditorium* com cinema sonoro.
Para pedidos de estatutos dirigir-se à Diretoria.

HOMENAGEM AO DR. ABREU SODRE'

Recebemos, impresso em ótimo papel e primorosamente confeccionado, um folheto ilustrado referente à homenagem que amigos e admiradores do dr. Erico de Abreu Sodré, presidente da Cia. Bandeirante de Armazens Gerais, lhe ofereceram no Automovel Clube de São Paulo, em Setembro de 1942.

Na citada publicação, vem, primeiramente, o belo discurso pronunciado pelo ilustre dr. João Batista Pereira, saudando o homenageado, discurso que revela não apenas a inteligência mas também a cultura do orador, figura do maior destaque no meio bandeirante.

Segue-se a oração com que o homenageado dr. Erico de Abreu Sodré agradeceu, igualmente um discurso brilhante.

Este figura entre os grandes beneméritos de São Paulo, como profissional e como realizador de empreendimentos que muito teem contribuido para a grandeza do Brasil.

DURMA feliz e com saude NUM COLCHÃO ventilado de molas HOLLYWOOD Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134 DECORAÇÕES: Secção dirigida por GILBERT DE PARIS

ESCRAGNOLLE DORIA

O ALCAZAR

Na rua dos Invalidos, proximo ao Campo de Santa Anna, o Rio de Janeiro de 1857 conheceu o primeiro café-concerto da cidade. Sem nada que lembrasse o Eden biblico deram-lhe o nome de *Paraiso*. Era uma casa tanto de bailes como de café-concerto. Abria-se aos domingos, frequentado pela grossa flôr da sociedade plebeia, ávida de dansar ou pular. Naquela sociedade havia quem se entregasse aos dous exercicios opostos sobretudo coregraficamente.

O *Paraiso* funcionava no centro de uma chacara em geral atraindo grande concorrencia domingueira, feita multidão nas noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, quando eram permitidas fogueiras no ambito da chacara. Outro periodo do ano lucrativo para o *Paraiso* era o do Carnaval com seus bailes mascarados de tres noites seguidas de saltos, berros e libações.

Ainda em 1857, o *Paraiso* conheceu um primeiro rival e o Rio de Janeiro um segundo café-cantante, este com as verdadeiras carateristicas de tais estabelecimentos. Fundou o francês José Arnaud o novo café-concerto de escassa concorrencia, o proprietario pois com motivos para desanimar. Não perdeu coragem. Foi á França, organisou elenco, voltou ao seu café concerto disposto a vencer sabendo quanto a audacia ajuda a fortuna. Ao reaberto café-concerto deu Arnaud um nome de origem arabe significando palacio: Inaugurou o Alcazar.

No teatrinho do Arnaud nada de um palacio. Um palco, um logar inferior para a orquestra, mesinhas para os espectadores, nada mais. Tres cousas distinguiriam o teatrote da rua da Vála, hoje Uruguaiana: a novidade do genero lirico-bregeiro, a qualidade dos frequentadores, a turbulencia intermitente da parte juvenil daqueles frequentadores, turbulencia explicavel pois nem todos se contentavam com refrescos.

Assinalou 1864 a resurreição vitoriosa do Alcazar e o triunfo monetario do Arnaud: Permitio-lhe tal triunfo ir montando cada vez melhor as peças do repertorio alcazarino aos poucos deixando de lado a cançoneta picante substituida pela maior malicia das operetas bufas.

Na época diser opereta bufa era diser Offenbach e a sua endiabrada musica entregue a libretistas irreverentes. Trasiam a mófa tradições da humanidade ou regimens politicos do tempo na *Bela Helena* ou na *Grã Duquesa de Gerolstein*. As *grivoiseries* parisienses musicadas pelo alemão Offenbach sobre o Meno não impediriam entretanto Meilhac e Halévy de sentarem-se gravemente em poltronas da Academia Francesa. Meilhac na ilustre associação substituiria Labiche, o comediografo espirituoso. A senhora que lhe pedio informações sobre Shakspeare, o academico perguntou com a maior seriedade: trata-se de algum casamento?

Em Julho de 1866 ,bem encenada e bem ensaiada a partitura da *Bela Helena* por Gravesteina Junior, Arnaud apresentava a publico a opereta que em 1864 tanto exito alcançára em Paris, a rir-se da antiguidade.

Offenbach, em 1858, dera musica á opera-bufa *Orfeu nos Infernos*, letra de Crémieux, compositor e libretista pondo em caricatura cenica a linda lenda helenica de Orfeu tão suave de amor conjugal ridicularisado na obra de Offenbach.

Em 1864, Meilhac e Halévy, ajudaram o musico israelita prestando talentos ora á indecencia, ora á inepcia, cousas das quais o publico já não ia cogitando, Na *Bela Helena* era atacada a instituição do matrimonio sem o qual a especie humana é pura zoologia.

O Alcazar se não propunha a moralisar nada, nem ninguem, levando a palco a *Bela Helena*, mulher fatal na pessôa da estrela da compania. O teatro obriga as estrelas a descerem á luz de tangões e gambiarras, as nuvens substituidas pelo velario.

A estrela da constelação do Alcazar deixou fama cupidinea no Rio de Janeiro. Foi a Aimée, cujo nome já lhe indicava patria. Bonita como o diabo, quando entretanto Mefistofeles é feio, airosa, cheia de painete gaulês, a Aimée revolucionou no Rio de Janeiro, meio mundo de corações inflamaveis tanto os da *jeunesse dorée*, não raro sem tostão, como os corações de cavalheiros que devendo ser conspicuos não o queriam ou podiam ser. Registre-se, calando nomes, e nem se apure quantos beliscões ou ciumadas feminis a Aimée custou aos mencionados cavalheiros e seu batalhão.

Fique só a Aimée em cena por habituada a esta. Sem destronal-a, a desfalcava de admiradores a Lovato, para cujos celebrados olhos negros encantadores se voltavam muitas vistas de cobiçosos dos tres estados civis.

A' musica unia-se em parceria a dansa no Alcazar. Na coregrafia de então muito era de moda o descabelado *cancan* no qual as dansatrises no frenesi das pernadas soltavam tranças. As operetas do Alcazar exigiam dansas e o Arnaud formando escolhido corpo de baile deu alma áquelas operetas. Uma se intitulava *Les Ondines au Champagne*. As ondinas, genios das aguas na mitologia germano-escandinava, nunca se banharam na espuma do *champagne*.

Mas as ondinas do Alcazar provinham de raça diferente, palpavelmente gratas a um dos cinco sentidos.

Entre as pseudo-ondinas distinguia-se por mocidade, e graça sobre levesa, a Chatenay, á qual reservado estaria triste fim. Seja apontado mais adiante. Por emquanto a Chatenay revoluteia na ponta dos sapatinhos de setim no bailado das Ondinas idealmente em ondas de *champagne*.

Não faltavam cafés nas redondezas do Alcazar. A presença do teatrinho determinára a abertura de sete ou oito botequins na rua da Vala, para quarteis-generais de boemios notivagos aplaudidores ou não das divas do Alcazar.

Aimée suplantava todas e a cronica maliciosa da cidade lhe atribuia uma arte especial no depenar admiradores.

Os depenados ainda lhe ficavam restando, a frequentar-lhe a casa sem sentirem a dôr do perdido. A anestesia no amor adormece brando e a sua narcose não se compara com a anestesia cirurgica desagradavel se util.

Depois de estrondoso exito no papel principal da *Bela Helena*, a Aimée apresentou-se noutro de genero, numa especie de pastoral musicada *Dafinis e Cloe*, a lembrar o romance bastante livre de Longus, o gr go do quinto seculo de nossa era. Uma cena da pastoral de Longus reproduz em côres a *Narração de Phidias*, grande e famoso quadro de Amoedo, exposto no Museu Nacional de Belas Artes. No papel de pastor, em *Dafnis e Cloé*, a Aimée só arrebanhou admirações pela calculada ingenuidade com a qual apresentou o personagem. Em breve, porém, regressaria ao genero ofenbaquiano de espírito e canalhice, cheio de *sous-entendus*.

A Aimée ao chegar ao Rio de Janeiro já dispunha de bôa escola vocal. Querendo aperfeiçoa-la tomou professor de canto, Briani. Este, no sobradinho de residencia na rua dos Ciganos, ora da Constituição, lecionava a sua arte, por bom preço, pago por muita senhora de sociedade para brilhar nos melhores concertos exigindo trilos e volatas.

Industriada por Briani, a Aimée fez maravilhas em opereta marca Offenbach, *O Barba Azul*. Ninguem mais excederia a estrela alcazarina no papel de Boulotte, apresentado em Novembro de 1866 e de primeira recita em Paris em Fevereiro do citado ano.

Na opereta não se tratava daquele Barba Azul sacrificador lendario de seis esposas. Meilhac e Halévy o transformaram no quimico Popolani aplicador de narcoticos em vez de venenos e condenando as conjuges a passarem resto de vida emparedadas.

O exito do *Barba Azul*, e nele o da Aimée, privaram o Arnaud de colaboradora apreciada, a Risetto. De ciumes com a Boulotte lá se foi para outro café cantante, o Eldorado, na rua da Ajuda, onde hoje a Cinelandia emplastra anuncios garrafais.

Em Fevereiro de 1868 o Alcazar punha em cena terceira opereta de Offenbach para terceiro triunfo artistico da Aimée. Deu-lh'a opereta bufa em tres jocosos atos *A Grã Duquesa de Gerolstein*, precedida por outra opera-bufa *La Vie Parisienne*. Nesta, gente da America do Sul aparecia não a muito bôa luz, um brasileiro participando do côro de viajantes, com um barão sueco e sua esposa, leva-os a um giro pelos teatros parisienses.

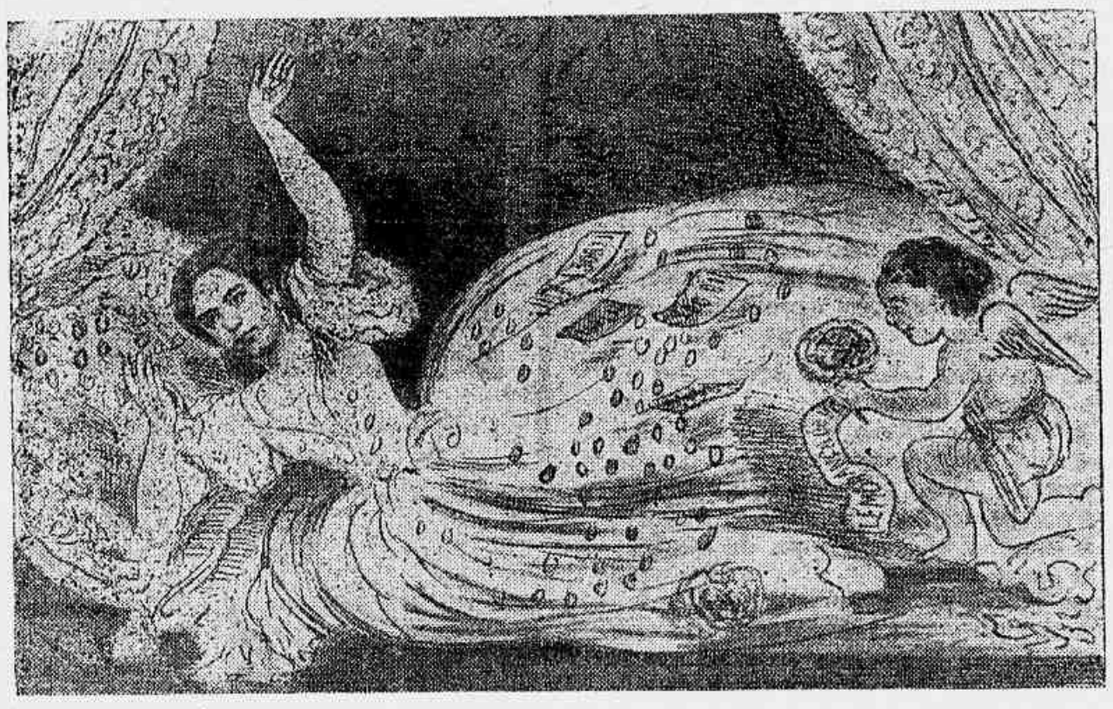
A *Grã Duquesa de Gerolstein* é satira em musica, para desprestigio das monarquias europeias, no Velho Mundo maioria de regimens. Entretanto o Segundo Imperio napoleonico lhe autorisou a representação, estranhavel que representantes dinasticos fossem apressadamente aplaudir a militarisada grã-duquesa, de peito constelado por veneras ridicularisadas diante dos que as concediam. A humanidade conta épocas psiquiatricas de loucura quasi geral. Em 1867 um homem notavel, Alphonse Daudet, reclamava para um belo livro a escrever o titulo de *O Seculo de Offenbach*.

Em Paris a grã-duquesa de Gerolstein se encarnára em Hortencia Schneider, no teatrinho do Alcazar a Gerolstein viveu em Aimée, de chicotinho em punho, pondo-o a sibilar para melhor afirmação de vontades despoticas.

No Rio de Janeiro a vida da Aimée foi uma cadeia de élos positivamente de ouro, pois de não pouco dinheiro alheio a cadeia se compoz. Como resistir á que um critico teatral assim pintava: "E' um demoninho louro, uma figura esbelta, graciosa, meio angelica, uns olhos vivos, um nariz como o de Sapho, uma bocca amorosamente fresca, que parece ter sido formada por duas canções de Ovidio, emfim a graça parisiense *toute pure*".

Qual o retratista da Aimée atravez helenismo e latinidade? Algum assiduo frequentador do Alcazar? O entusiasta era Machado de Assis, sempre tão comedido e pudico.

A cadeia de elos de ouro da vida carioca da Aimée não teve de ouro o ultimo élo, Em Agosto de 1868 no espetaculo de adeus da diva finda em formidavel pateada, de revide a conceitos pouco lisonjeiros a nosso respeito atribuidos á Aimée. Verdade? Mentira? Que faz o humano senão oscilar entre essas duas interrogações? Graficamente o ponto de interrogação muitas vezes é torto.



A NOVA DANAE

Desenho alusivo ao beneficio da artista Aimée, a 23 de Outubro de 1865.
(Semana Illustrada)

Não houvesse a despedida da artista sido assinalada por modo desairoso e a sensação da sua falta maior seria para o Alcazar. Caricaturas da época mostram reconciliações conjugaes por motivo da partida da alcazarina tão de canivetadas aos contratos matrimoniais.

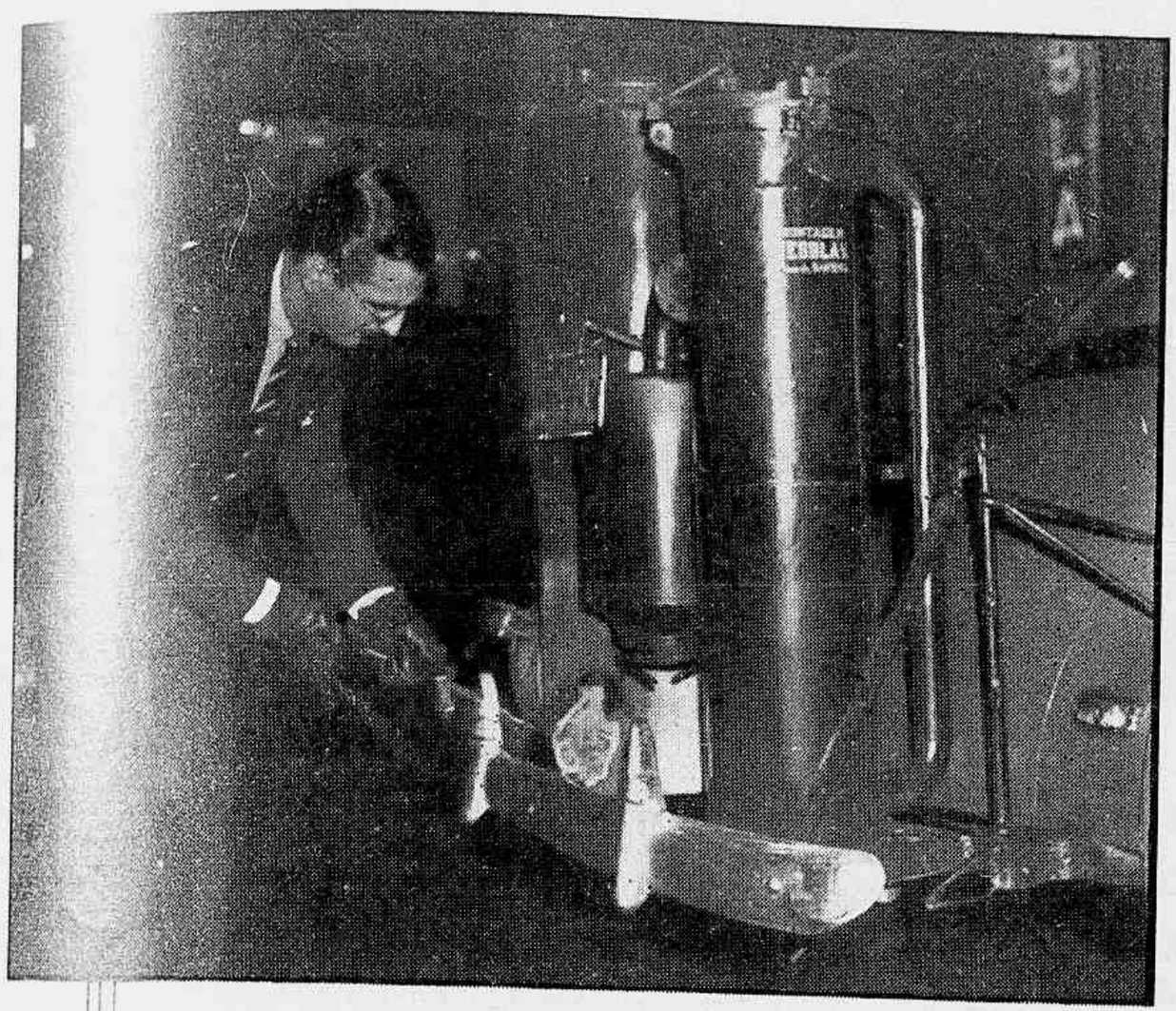
Arnaud substituio a Aimée pela Delmary, soprano distinta, pela Leonor Rivero, depois idolo de platéa carioca. Sem a Aimée o Alcazar ainda conheceu felicidade mesmo num Rio de Janeiro de não poucos teatros de vario genero e de publico portanto diferente, muito procurados o Phenix Dramatica dirigido pelo Heller e depois pelo Vasques, o São Luiz de propriedade e empreza de Furtado Coelho.

No Alcazar o Arnaud, mesmo sem Aimée, chamou a mealheiro uns bons contos de réis, Gravestein a guiar orquestra e cantores a movimentos de batuta, á direita ou á esquerda, o Huascar de Vergara a bem cenografar palacios, jardins e aposentos.

Por morte de Arnaud o seu teatrinho passou á sua viuva, aos poucos ficando no ról dos palcos sem companhia, Assim o era em 1878 até desaparecer, para viver na tradição da cidade e das suas noites folgasonas.

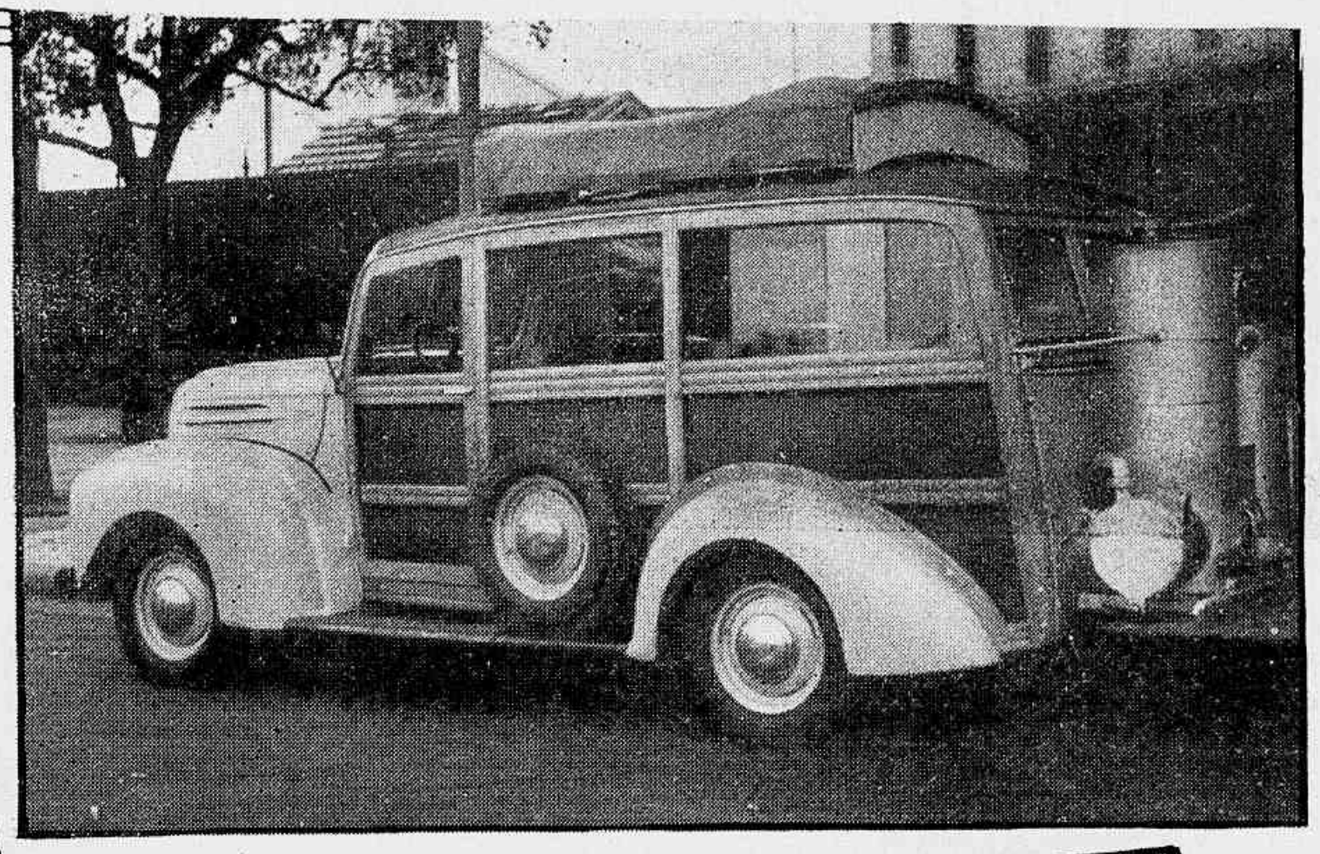
A lembrança do Alcazar permaneceu no Rio de Janeiro qual nóta de alegria e destemperança. Unica recordação tristissima se ligou ao Alcazar em Desembro de 1866, a da morte da bailarina Chatenay. A desditosa teve roupas leves incendiadas por um bico de gaz, ao aproximar-se por demais a dansarina das luzes da ribalta. Igual mórte horrivel coubéra em Paris a outra dansarina, Emma Livry.

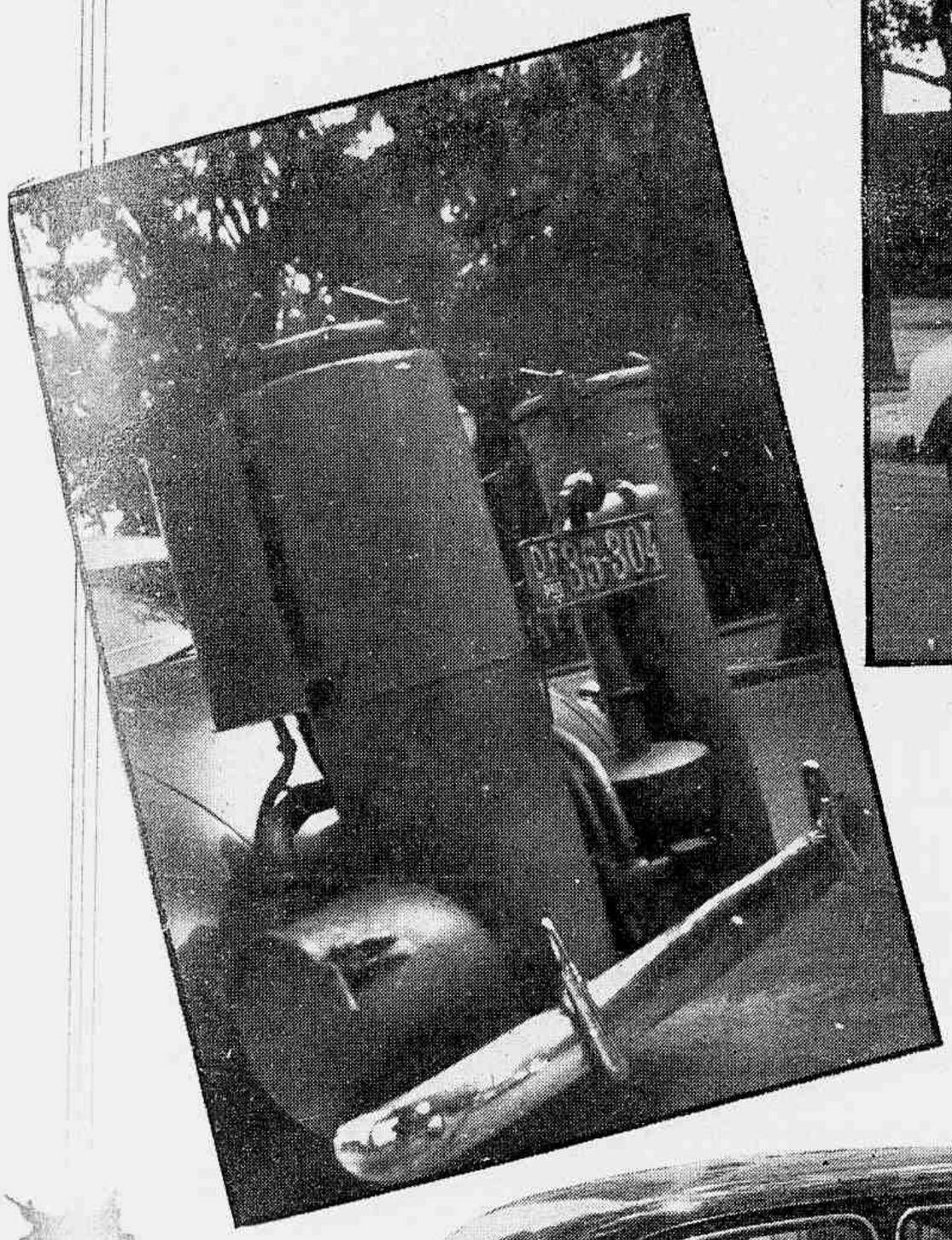
Demolido o Alcazar, substituiu-o uma padaria, Isso levou Artur Azevedo a dizer "ser justo dar o pão ali onde tanta gente o havia perdido". Trincado pelos finos dentes da Aimée, acrescente-se.

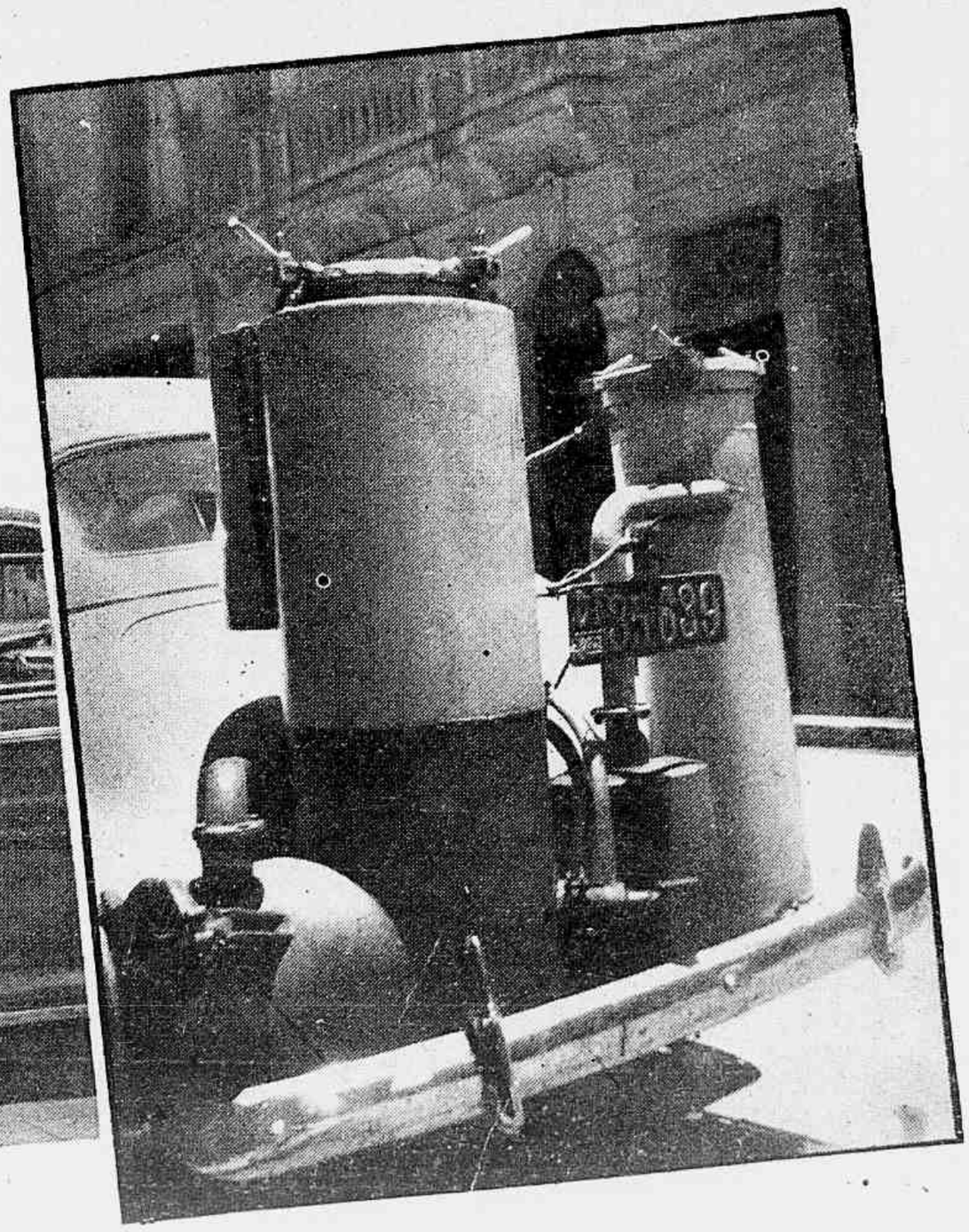


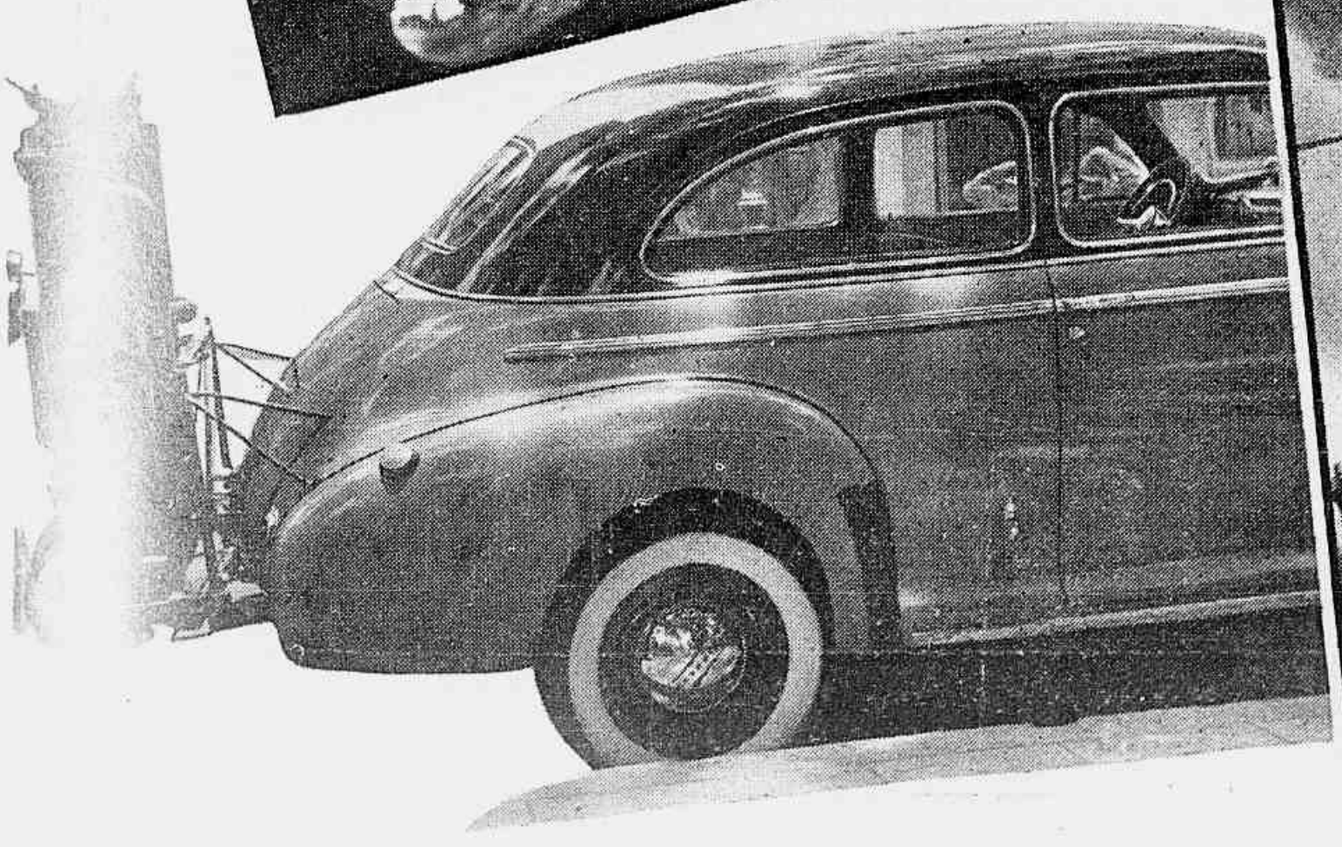
GAZOGENIO
A Grande Moda

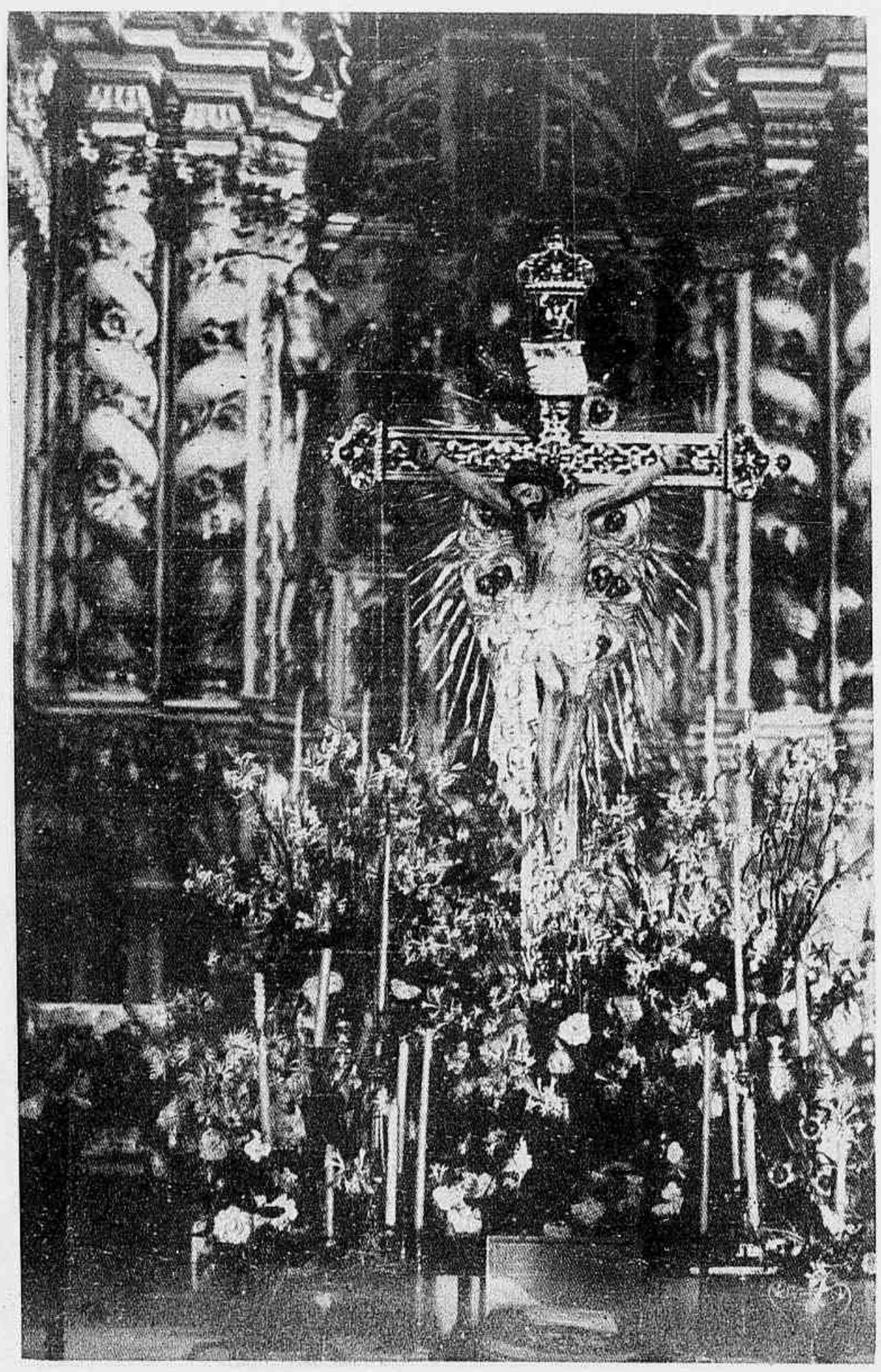
Em pouco menos de seis meses, temos assistido a um espetáculo curioso nas ruas e avenidas das principais metropoles do Brasil: o uso dos aparelhos de Gazogenio, adaptados nos veículos de motores a explosão. O racionamento da gazolina — medida imposta pelo esforço de guerra — pareceu-nos a principio, embora de imperiosa necessidade, uma solução que causaria temporaria tristeza no aspecto da cidade. Carros particulares, de praça e transportes ficariam empoeirados nas garages aguardando melhores dias, enquanto as ruas desertas, sem aquele natural atropelo de veiculos que caracterisa os grandes centros, parecer-nos-iam pitorescas aldeias ou, pior ainda, grandes cidades desoladas por uma catástrofe qualquer. Felizmente nada disso aconteceu. A guerra como sempre tem impelido os homens para grandes conquistas e os encorajado no desenvolvimento de novas industrias. O gazogenio, que ha muito havia sido experimentado e aprovado entre nós, encontrou a sua feliz oportunidade. A necessidade desenvolveu uma industria... O carvão substituiu a gazolina. Os carros vão deixando as garages, as ruas se tornam alegres, enquanto o tráfego vai tomando a sua feição habitual. Em rápida reportagem que fizemos entre automobilistas, nesta capital, constatámos que a eficiencia do gazogenio é bastante satisfatoria, e que ha uma certa preferencia pelo gazogenio a carvão vegetal, modelo C. E. G. (Comissão Estadual do Gazogenio de São Paulo), instalado na parte trazeira do carro, em suportes giratorios, sem modificar a mala. Não sendo dos mais estéticos, entretanto são os mais práticos para renovar a carga do gerador, facilitando a limpeza e evitando o aquecimento interior. As fotos que ilustram esta página são modelos do gazogenio mais em voga: Piratininga, montagem e distribuição MESBLA.











A tradicional e mui venerada Imagem do Crucificado, no altar-mór da Basilica do Bonfim.

SENTIMENTOS DE SOLIDARIEDADE POPULAR — QUANDO COMEÇAM OS FESTEJOS — O "OXALÁ" DOS TERREIROS — RESUMO HISTÓRICO DO CULTO — NESTE ANO DA GRAÇA DE 1943 A VELA DA VITÓRIA — FÉ E PATRIOTISMO

Por ANTONIO OSMAR GO[illegible]S

Não ha festa, na Bahia, em que o povo melhor demonstre sentimentos de solidariedade, sem preconceitos nem separações, do que a do Senhor do Bonfim.

A gente, no meio da multidão imensa, na singular policromia de rostos e de roupas, quasi que não póde estabelecer identidade de classes ou castas sociais, porque tudo é comum. Nisso, evidentemente, não se distingue divisor de especie alguma, não há solução de continuidade.

A festa do Bonfim é, por excelência, a festa da Bahia, como por excelência é a festa típica de todos os bahianos.

Brancos, mulatos, negros, estrangeiros e brasileiros, todos se misturam, solidários nas públicas demonstrações de fé no Orago famoso ou de adesão á devoção respectiva, cada qual com a sua mentalidade própria, mas que nem por isso se choca com a mentalidade particular de cada um, porque, no caso, ha uma mentalidade só, comum de todos.

E' que a festa empolga devéras a quem quer que, mesmo de animo prevenido como simples observador, tenha a oportunidade de assistir, presenciando o conjunto de práticas mais ou menos ingênuas e espontâneas, as modalidades assim de se cultuar um Santo, que o povo considera seu, fazendo parte de sua familia, integrado na massa popular, protegendo-a e aumentando-lhe as resistências gerais, contra todos os perigos e ameaças, no tempo e no espaço.

Os festejos começam, de ordinário, no fim da primeira quinzena de janeiro, por novenas solenes e bastante concorridas, desde o inicio, lá na Basilica, bem no alto da Colina Sagrada. São nove dias e nove noites de enorme afluência de gente muita áquela igreja, branca e pitoresca, [illegible] então se torna pequena para conter a o[illegible] compacta de fiéis, que alì acorrem, afim de prestar a homenagem de sua veneração, pagar promessas e formular pedidos.

No sentido dessa popularidade extraordinária, o Senhor do Bonfim é considerado bahiano, nascido na Bahia, e é como tal que os bahianos o estimam e veneram, exaltando-se no apaixonamento pelo bahianismo do Santo, de modo que, na opinião de muita gente, a sua devoção não deveria ser orientada nem obedecer a normas e protocolos eclesiásticos. Deveria ser como o povo quer e entende. O Santo é do povo dizem, e, por conseguinte, ao povo é que deve caber o direito exclusivo de festejá-lo, como bem entender, onde e quando lhe conviér. E, com isso, chega a haver zelos e ciumes, que se manifestam mesmo publicamente, como já se teem manifestado, por ocasião de saidas da Imagem em procissões, nos momentos graves de calamidades, epidemias, guerras, etc. quando o povo, vencendo a resistência dos cordões de isolamento policial, toma do andor, para tambem carregá-lo aos ombros, como lhe compete.

O Senhor do Bonfim é do povo, e do povo da Bahia, pelo que a ninguem é lícito pretender evitar o seu contacto diréto com o povo bahiano — eis o que se ouve, á guisa de estribilho popular. E, nesse meio, ha muitos individuos que, embora com outras crenças ou militando em seitas diferentes e mesmo hostis ao catolicismo, afirmam, com a mais candida ignorância, só acreditarem no Senhor do Bonfim e em nada mais. Ai está a que ponto chegou, na Bahia, o culto popular do Senhor do Bonfim, que, além disso, se estende aos terreiros do fetichismo ao[illegible] onde é identificado pelo nome estrambótico de "Oxalá" ou "Oxalá".

A' direita: Gente de todas as classes sociais, em plena atividade, lavando o adro da igreja.

Grupo de bahianas", com os potes cheios de agua e de flores, prontas para darem inicio á tradicional lavagem da igreja.

Registra a história que foi o Capitão português de mar-e-guerra, Teodorico Rodrigues de Faria, quem trouxe de Lisboa a respectiva Imagem do Crucificado. Trouxe-a de lá, meiados do século XVIII, por devoção particular a essa invocação de Cristo na Cruz, tendo-a como modêlo a Imagem que, sob a mesma invocação, se venera numa pequena capela do convento de Setubal, em Portugal. Pela Páscoa foi ela conduzida, com grande acompanhamento de povo, para a igreja da Penha, [illegible] la de Itapagipe. Ai se tornou centro de devoção e peregrinação cada dia mais insuperado, pois inumeros já eram os milagres, tanto da alma como das enfermidades do corpo como nas enfermidades

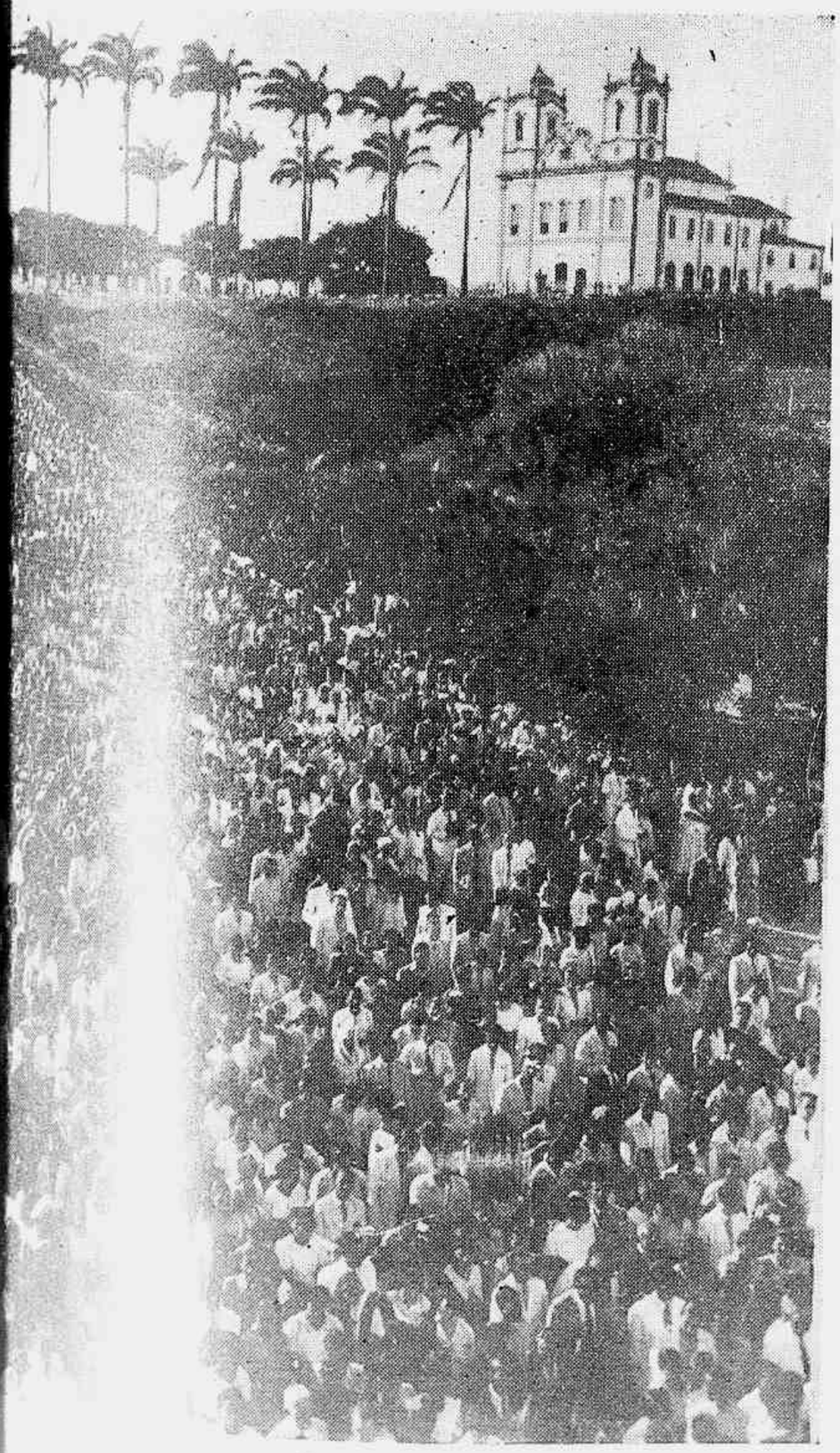
Vista da Basilica do Senhor do Bonfim, no alto da Sagrada Colina.

que transformaram a Colina Sagrada num centro unico de peregrinação de toda a população da Cidade do Salvador, ninguem houve que, aos pés da venerada Imagem, deixasse de formular uma prece ardente, fervorosa, sincera, pela vitoria definitiva e absoluta das Nações Aliadas, vitória certa do Bem contra o mal, vitória do Direito, da Justiça, da Liberdade e, por tudo isso, vitória do Brasil.

Demonstração belissima e mgnifica de fé viva e de patriotismo sadio não ha duvida que foi a desses dias do Senhor do Bonfim, na Bahia, a começar pelo original cortejo organizado na manhã de sol da quinta-feira tradicional da lavagem do templo, o qual, partindo da Conceição da Praia, atravessou todo o bairro comercial, em demanda da Basílica, onde se realizou a popular cerimonia, já hoje não permitida dentro da igreja, mas levada a efeito, alegremente, no seu adro e nas escadarias exteriores. Cortejo interessante e de côr nitidamente regional, porque composto de autênticas "bahianas", com a sua indumentaria carateristica, sem estilizações deformadoras, aguadeiros e aguadeiras, burricos enfeitados, carroças e outros veiculos engalanados, floridos, conduzindo potes, latas, moringas, vassouras e todos os demais apetrechos necessários ao ato, vendo-se tambem homens, mulheres e crianças, ricos e pobres, sobraçando flores e irradiando comunicativa alegria, todos vi-

que a Imagem vinha operando, de modo a atrair sempre maior numero de devotos e peregrinos. Então, o Capitão resolveu edificar, bem no topo da aprazivel colina de Itapagipe, uma nova capela, para onde, solenemente, em concorrida procissão, foi transportada a já mui venerada Imagem do Crucificado. Isto, a 24 de Junho de 1754. Falecendo três anos mais tarde, foi o corpo do devoto Capitão português sepultado junto ao presbiterio da capela nova. E', portanto, um culto duas vezes centenário, e que os anos só tem feito aumentar, mais e mais, no coração do povo bahiano.

Neste ano da Graça de 1943, ano que a nossa querida Pátria iniciou em guerra de legitima defêsa contra o ataque brutal, inominavel de que foi vitima, desfechado pelo nazi-fascismo agressor, covarde e assassino; neste ano que traz ao mundo angustiado todas as mais alviçareiras esperanças da Vitória próxima, a festa do Senhor do Bonfim, da Bahia, tomou um carater excepcional de uma grande festa civico-religiosa. Foi o caso que o povo bahiano, nas manifestações esplendidas e emocionantes,



A' direita :

A vela simbólica da VITORIA das Nações Unidas, conduzida em charola florida, sobre os ombros de autenticas "bahianas", para ser colocada aos pés do Senhor do Bonfim.

A' esquerda :

Aspecto parcial de uma procissão descendo a ladeira do Bonfim, vendo-se ao alto o templo famoso.

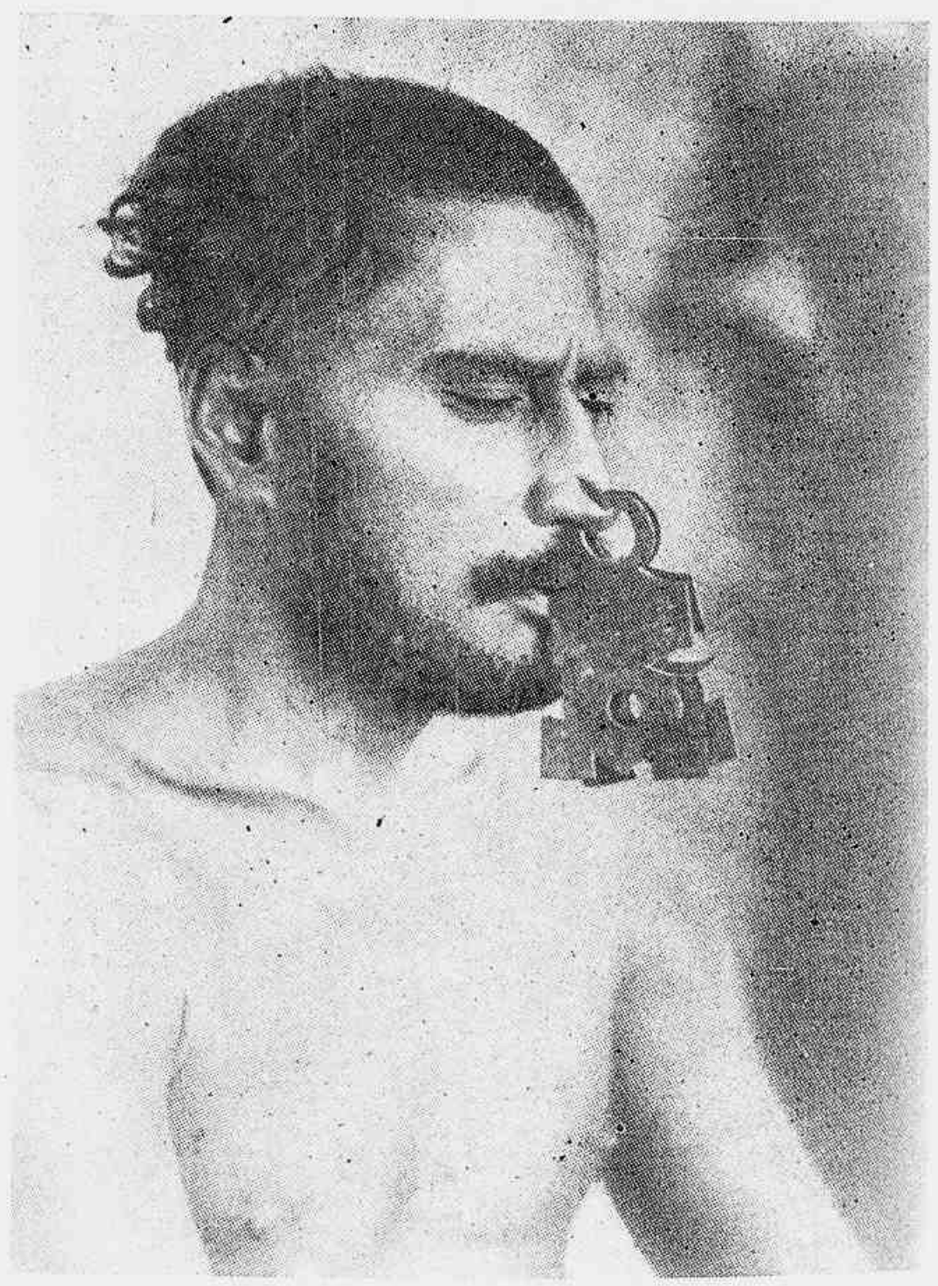
profundas e fortes, de todas as suas classes sociais, perfeitamente identificadas, aliou o sentido e o espirito do culto do Santo ao espirito e ao sentido do culto da Pátria. E logo, no dizer incisivo do romancista da Bahia, Jorge Amado, o Senhor do Bonfim passou a ser chamado de "Padroeiro das Nações Unidas".

Com efeito ninguem, durante as novenas concorridissimas, e em todas as demais solenidades correspondentes, sivelmente animados pela mesma centelha de fé e de patriotismo.

Sim, porque, neste ano da graça de 1943, a promessa do povo da Bahia, ao Nosso Senhor do Bonfim, foi simbolizada num expressivo ex-voto, que a população da Bahia carregou em charola coberta de rosas, na quinta-feira da lavagem do templo — uma grande vela, com o -V- da Vitória, a qual foi depositada e lá se acha aos pés da milagrosa Imagem, até que alvoreça o dia vitorioso das Nações Unidas, trazendo a paz de Deus ao mundo.

A mesquita de S. Sofia, é há muitos séculos o orgulho de Istambul Nesta belíssima fotografia, vemos o domo maciço, com os seus minaretes, erguidos contra o Bósforo, que separa a Europa da Asia Na extrema esquerda acha-se Scutari. O jardim ao centro era outrora campo de ousadas façanhas dos sultões. O conjunto é de uma surpreendente beleza, tal um mosaico de mil cores, uma grama colorida que se arrancasse às páginas das "Mil e uma noites".

S. Catarina de Alexandria é este delicioso quadro de Luini. Tem muito das Virgens de Leonardo, pelo sorriso enigmático e pela doçura extraterrena da expressão, a mesma tambem da "Gioconda", que hoje se diz ter sido roubada ao Louvre para deleite particular de Hitler



Este bonito aborigene das ilhas de Coral, dos mares do sul, que acaba de ser pai, usa semelhantes apetrechos de casco de tartaruga, com uma dignidade merecedora de melhor sorte O enfeite pretende representar um embrião humano e dar fertilidade às mulheres

CONTO BRASILEIRO

NEGRINHA

Monteiro Lobato

Negr... era uma pobre orfã de ... anos. Preta? Não, fus-ca, ...tinha escura, de cabe-los ... e olhos assustados.

Nasce... de mãe escrava, na senzala, e sev... primeiros anos de vida vivera-os p... cantos escusos da cozinha, sobre ...pos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patr... não gostava de crianças.

Excelen... senhora, a patrôa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada pelos ...adres, com logar certo na igreja e camarote de luxo garantido no c... Entaladas as banhas no trono, uma cadeira de balanço na sala de ...tar, ali bordava, recebendo as amigas e o vigário, dando audiências, d...cutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma — "dama de grandes virtudes apostólicas, dizia o padre, esteio da religião e da moral".

O'tima ... D. Ignacia. Mas não admitia chôro de criança. Ai! punha-lhe os nervos em carne viva. Viuva sem filhos, não a calejara o chôro da carne da sua carne, e por isso não suportava o chôro da carne da carne escrava. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo, nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? A mãe da criminosa abafava-lhe a boquinha e corria com ela para o fundo do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões desesperados:

— Cala a boca, peste do diabo!

No entanto o chôro nunca lhe vinha sem razão. Fome, quasi sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer, doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com olhos eternamente assustados. Orfã aos quatro anos, ficou para ali, feita um gato sem dono, levada a ponta-pés. Não compreendia a idéa dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava, ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas não andava, quasi. Com pretexto de que ás soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão de porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto horas e horas.

— Braços cruzados, já, diabo.

Cruzava os bracinhos, a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. O relogio batia uma, duas, tres, quatro, cinco horas — um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento ve-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as azas. Sorria-se, então, feliz, um momento.

Puzeram-na depois a fazer crochê, e as horas se lhe iam a espichar trancinhas sem fim.

Que idéa faria de si essa criança, que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o numero de apelidos com que a mimoseavam. Tempos houve em que foi — bubonica. A epidemia andava na bérra, como novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um só gostinho na vida, nem esse de personalizar a peste...

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais roxos, cicatrizes, vergões. Batiam nele, os da casa, todos os dias, houvesse ou não motivos. A sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o iman exerce para o aço.

Mão em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça, de passagem. Coisa de rir, e vêr a careta...

A excelente Dona Ignacia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fôra senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalháo.. Nunca se afizera ao regimen novo — essa indecência de negro egual a branco, e qualquer coisinha: a policia!

"Qualquer coisinha": uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: — "Como é ruim, a Sinhá!"

O 13 de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava, pois, Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Simples derivativo.

— Ai! Como alivia a gente uma roda de cocres bem fincadas!...

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os niqueis da crueldade: — cocres, mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no côco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom, bom, bom! gostoso de dar!) e o a duas mãos, o sacudido. A gama dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, ao torcicão do umbigo, suculento, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, ponta-pés e safanões á uma — divertidissimos! A vara de marmelo, flexivel, cortante: para doer fino, nada melhor!

Era pouco, mas antes isso do que nada. La de vez em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado, e matar saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

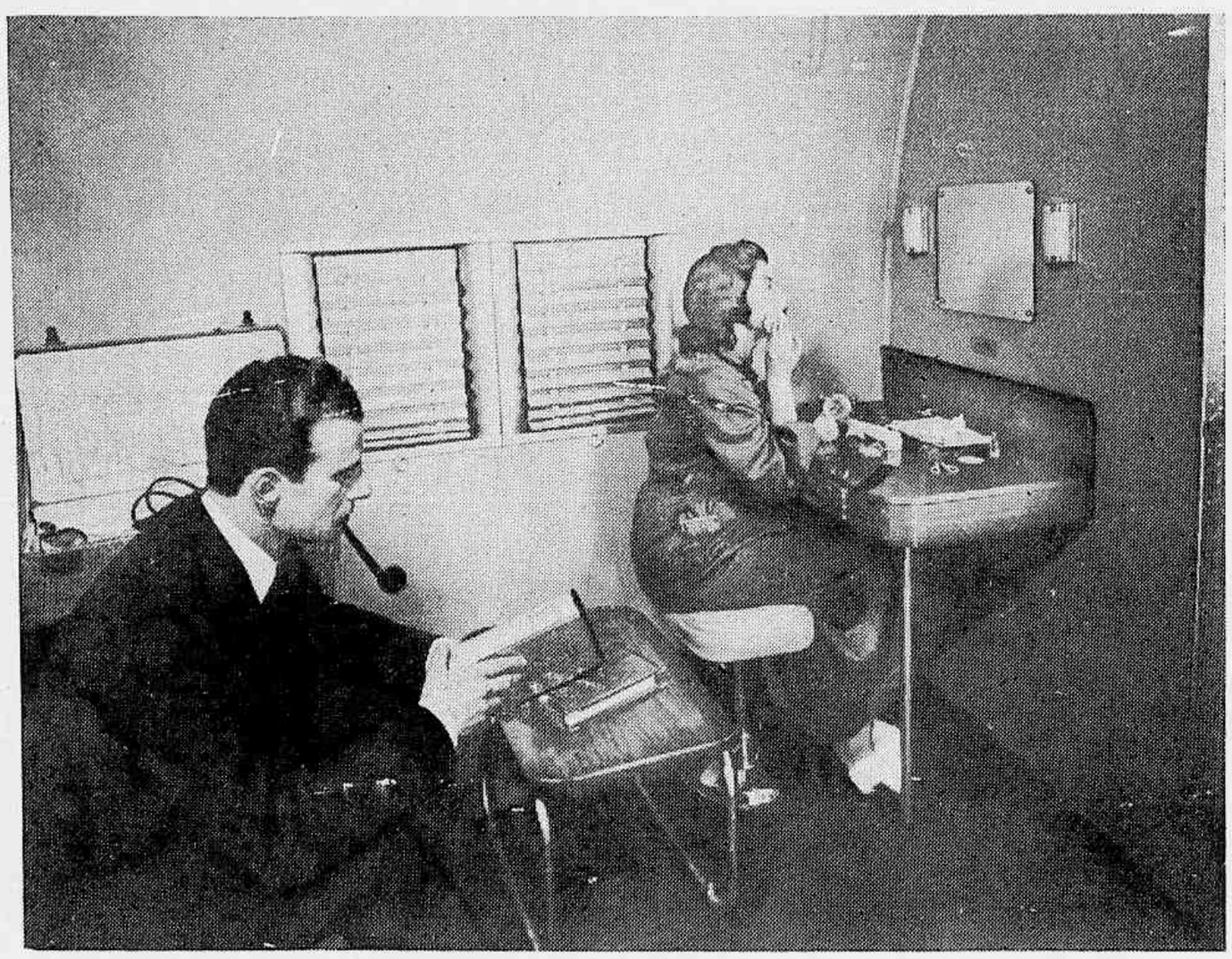
Não sabem? Ora! Uma criada nova furtára do prato de Negri-

(*Continúa na pagina 34*)

VELHAS PÁGINAS, SEMPRE NOVAS

JULIO VERNE

por OLAVO BILAC



A cabine de luxo dum confortavel transatlantico aéreo.

Julio Verne viverá na história das letras, enquanto houver no mundo imaginação alvorescendo para os sonhos que ele sabia arquitetar como um vidente. Embora tudo o que o grande romancista das crianças tivesse fantasiado tenha sido hoje realizado pela infatigável curiosidade do homem, o encanto de suas narrações não perderá jámais o sabor que encantou a tantos milhares de meninos, pelo universo afóra. Esta admirável cronica de Bilac vale pelo melhor elogio ao genio de Julio Verne.

HA poucas semanas, indo á Bibliotéca Nacional reunir material de trabalho, fiquei sentado em frente a um mocinho imberbe e pálido, que devorava com os olhos e com a alma as páginas do livro que pedira.

Quando cheguei, já ele estava no fim do volume; e, a cada página voltada, uma vibração nova, de ansiedade, de supremo gozo intelectual, de infinito encanto de espirito, agitava a sua face de adolescente, sob a claridade crua da lampada elétrica. Os seus olhos, num movimento febril, iam do comêço ao fim de cada linha, voando; os seus dêdos torturavam a quina da folha, dobrando-a; uma ruga funda se lhe cavava na testa; e toda a sua cabeça palpitava no esforço da atenção. Havia naquela atitude um prazer tão agudo que já era sofrimento. Aquela alma inocente de menino de 13 anos atravessava a crise de uma dessas tensões intelectuais, que já não são dadas a quem chega á idade madura tendo abusado da inteligência...

As ultimas folhas do livro foram lidas em poucos minutos. Quando a ultima linha morreu sob o flamejamento dos olhos ávidos, houve na face do leitor um afrouxamento subito da força vital — um como alivio misturado de tristeza - alivio de quem se liberta de repente de um grande pêso, tristeza de quem vê findar um sonho esfalfante e ao mesmo tempo suave. O mocinho ficou algum tempo imóvel, fixando na capa do volume um olhar indeciso e flutuante - um desses olhares « que olham para dentro »; - depois, levantou-se, teve um espreguiçamento de todo o corpo, e saiu, lentamente, como ainda embalado pela ultima vaga da fantasia em que se perdêra.

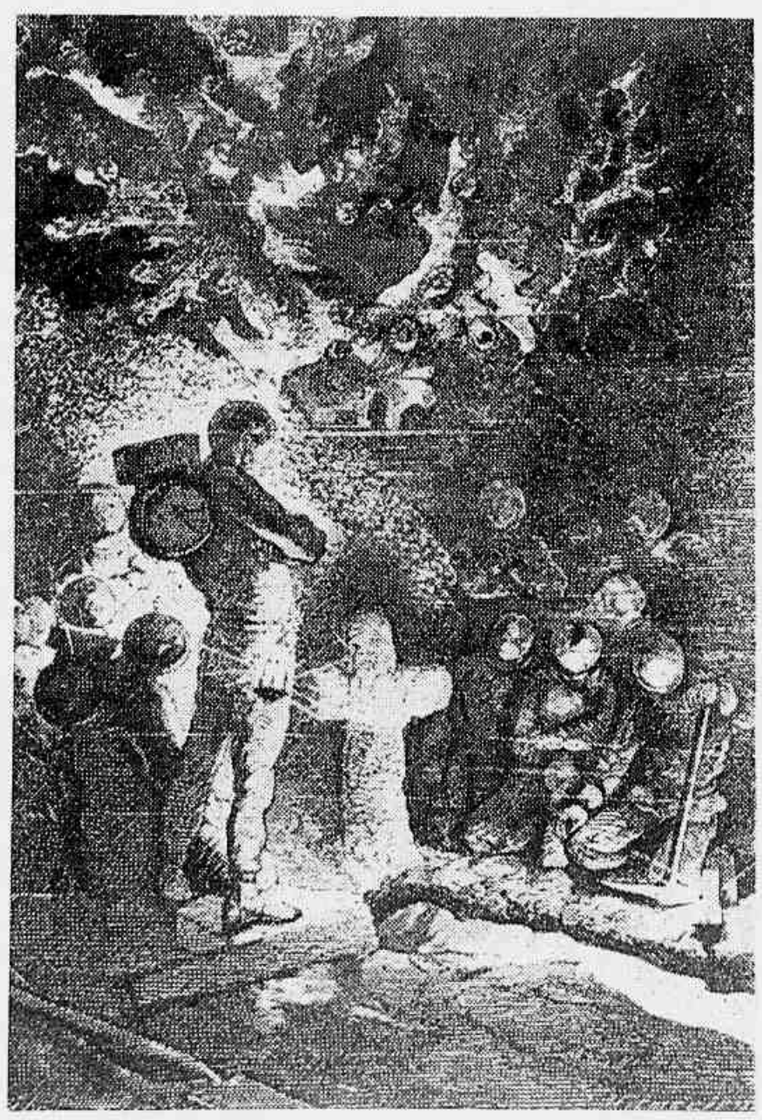
Curioso, ergui-me do meu logar, e apanhei o livro, que ficára sobre a táboa da mêsa. Era a « Viagem á roda da Lua », de Julio Verne.

Oh! a saudade, a deliciosa e dolorosa saudade que então me apertou o coração! saudade dos meus trese anos, da minha inquieta e sofredora puberdade, agitada de sonhos que ninguem perdoava, de súbitos acéssos de fervor de estudo e de preguiça, e das vagas torturas de uma imaginação que acordava e não se entendia a si mesma...

Agora, no lugar que estava vasio diante de mim, naquele lugar ha pouco ocupado pelo leitor da «Viagem á roda da Lua», - estava eu ainda vendo um mocinho pálido e nervoso, sonhando e sofrendo. Era o mesmo de ha pouco era e não era...Era o simbolo de uma idade: era um desdobramento de mim mesmo, era eu mesmo, era a minha pessoa recuada até a adolescencia.

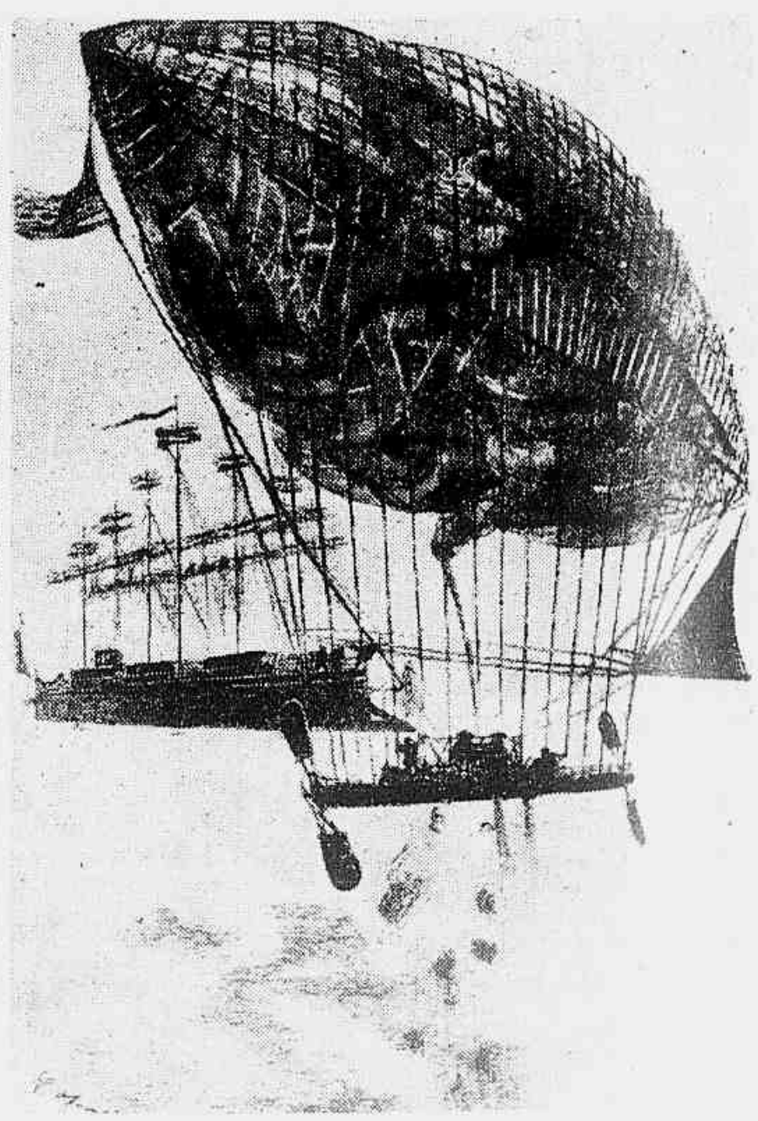
Que são os homens todos, nesta vida sempre vária e sempre imutável, sinão fórmas diversas de uma mesma essência? Nós somos os espectros de outros homens: aquele velho que alí vem, coberto de cabêlos brancos, vai, na escala das agonias e das esperanças, ser continuado e prolongado por aquele menino que passa por ele sem o ver, sem suspeitar que acaba de acotovelar a sua própria personalidade futura...

Quantas vezes, tambem, como aquele menino que saira da sala da Bibliotéca e ali gozára e sofrêra tanto com a leitura de Julio Verne, - quantas vezes tambem, eu devia a esse grande encantador de almas o consolo unico dos meus sofrimentos de criança!



O tumulo dos submarinos, ou a Sombra de Chateaubriand.

O marinheiro antigo e o cientista.



O helicoptero "Robur" e o "Avant

Julio Verne era um criador de mundos novos, que se rasgavam ante o meu espirito inquieto...

Como eu era criança, como ninguem sabia esclarecer a minha alma, como não havia quem me explicasse a vida, este mundo, em que eu vivia, só me parecia hostil e cruel. As injustiças que eu sofria — essas pequeninas injustiças que assombram a alma da criança e ficam eternamente doendo na alma do homem, — tomavam um vulto exagerado, e afiguravam-se-me tremendas e monstruosas. Havia dias em que eu me considerava mais desgraçado do que os escravos, que via algemados e espancados, e do que os burros de carga, que encontrava na rua, ofegando sob as chicotadas. A minha puberdade (como a puberdade de quasi todos os homens) foi um tecido de inquietações, de revoltas, de desespêros. E, para mim, esta vida era uma cousa torpe, um cativeiro ignobil e torturante, em que tudo era severo e duro, e sobre o qual pairava ameaçadora, numa eterna inclemência, a sombra da negra palmatória do conego Belmonte, meu mestre...

Graças, porém, a Julio Verne, eu fugia, num surto vitorioso, deste mundo que me aborrecia, e entrava, cantando, vestido de luz, sorrindo, delirando, nos mundos radiantes que a sua piedade abria á minha imaginação.

No colégio, todos nós liamos Julio Verne; os livros passavam de mão em mão; e, á hora do estudo, no vasto salão de parêdes nuas e tristes — enquanto o conego dormia á sésta na sua vasta poltrona, e enquanto o bedel, que era charadista, passeiava distraidamente entre as "carteiras", combinando enigmas e logogrifos — nós mergulhávamos naquele infinito páramo do Sonho e encarnávamos-nos nas personagens aventureiras que o romancista dispersava, arrebatados por uma sêde insaciável de perigos e de glórias, pela terra pelos mares e pelo céu.

O! os homens e as cousas que vi, as paizagens que contemplei, os riscos que corri, os amores que tive, os sustos que curti, os combates em que entrei, os hinos de vitória que cantei e as lágrimas de derrota que chorei, - viajando com Julio Verne, conduzido pela sua mão sobrehumana!

Quasi morri de frio no polo, de fome numa ilha deserta, de sede na árida solidão do centro da Africa, de falta de ar no fundo da terra, de deslumbramento na proximidade da lua!

Atravessei areiais amarelos e infinitos, beijei com os olhos oásis esplêndidos, dormi á sombra das tamareiras da Siria e á sombra dos pagodes da India, contemplei o lençol intérmino das aguas dos grandes rios, cacei tigres e crocodilos na Asia e na Africa, arpoei baleias no mar alto, perdi-me em florestas virgens, naveguei no fundo do mar entre vegetações fantásticas e animais imensos, ouvi o estrondo da quéda do Niagara, enjoei com o balanço de um balão no meio do céu formigante de astros, e quasi fui comido vivo pelos Peles Vermelhas!...

E, quando os meus olhos pousavam sobre a ultima linha de um desses romances, quando eu me via de novo no salão morrinhento e lugubre, quando ouvia de novo o ressonar do conego e as passadas do bedel charadista — havia em mim aquela mesma subita descarga de força nervosa, aquele mesmo afrouxamento repentino da vida, aquele mesmo alivio misturado de tristeza a que, ha poucas semanas, na sala da Bibliotéca Nacional vi, sucumbindo o rapazola que lia a « Viagem á roda da Lua ».

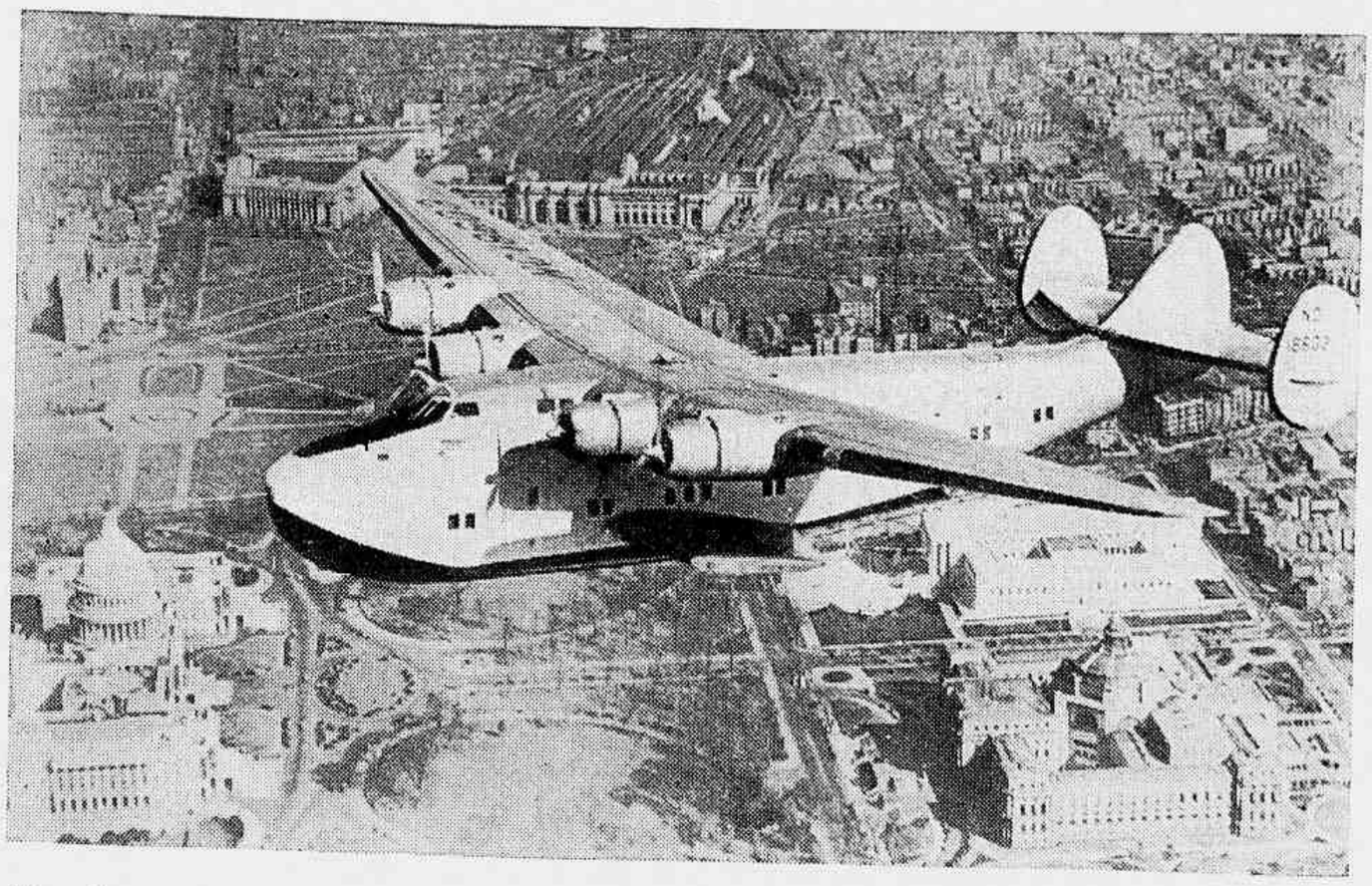
Era o regresso á triste realidade, á táboa dos logaritmos, á gramática latina, á palmatória do conego, ás charadas do bedel. Era o desmoronamento dos mundos, o eclipse dos sóis, a ruina dos astros: era o pano de boca que descia sobre o palco da ilusão, matando a fantasia e ressuscitando o sofrimento...

Nós todos, homens feitos ou já velhos, lendo a noticia da morte de Julio Verne, sentimos que morreu o maior amigo' o maior benfeitor da nossa adolescencia.

Nesta mesma hora, em que escrêvo, quantas almas ardentes, na encantada e melindrosa révora da existencia, estarão embebidas na leitura dos livros desse grande apóstolo da estrelada e consoladora mentira !

Ha quem diga que a glória maior do talento de Julio Verne consiste em haver vaticinado, sob a fórma de sonhos, alguns sucessos e algumas conquistas que a ciencia mais tarde realizou. Póde ser !...

Mas, pensando bem, considero quanto seria preferivel que todos esses sonhos permanecessem no estado de sonhos — e que Nansen nunca chegasse ao polo, e os submarinos franceses não tornassem exequivel a utopia do « Nautilus », e Santos Dumont não chegasse a aperfeiçoar o balão em que o alegre Joe atravessou a Africa...



Um clipeer yanke, o sonho de Julio Verne tornado realidade, meio seculo depois, de sua morte.

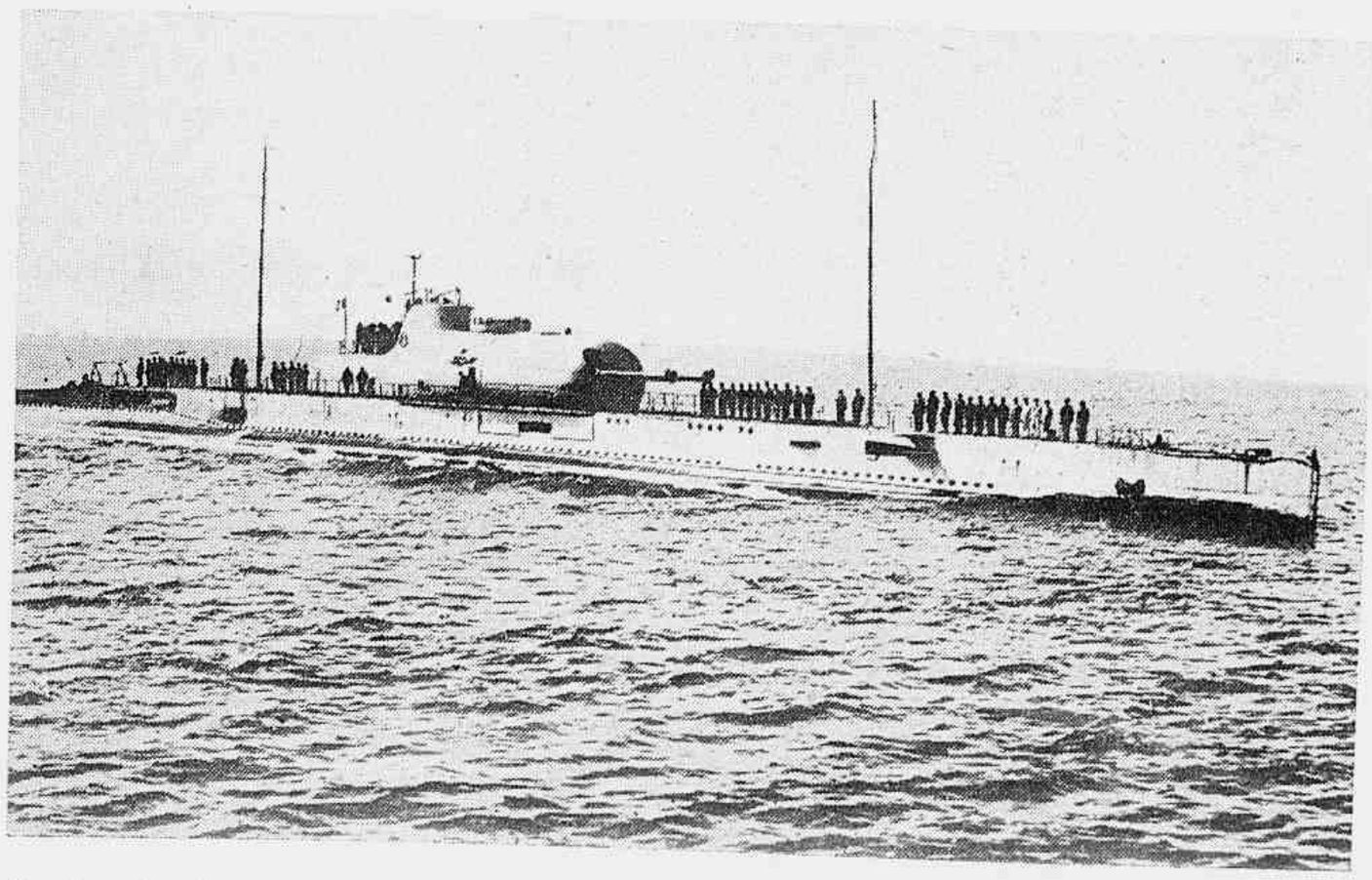
O que eu venero e amo no homem, que acaba morrer, não é o seu papel de precursor e de profeta: é o seu papel de enfeitiçador e consolador de almas de fecundador de imaginações. Sobre os espiritos juvenis, a leitura de Julio Verne tem a ação do sol sobre a terra: aquece as sementes que dormem, refórça dentro delas a vida, prepara-as para a germinação vitoriosa.

Todas as puberdades são tristes... Dir-se-ia que, ao chegar a essa idade perigosa, a criança tem uma antevisão e uma pressensação do que vai sofrer na vida: como que a sua alma se recolhe, hesitante, numa angustia vaga, numa timidês doentia, procurando alguma cousa que a proteja e console. Nessa crise do corpo e da alma, é preciso que o cérebro receba uma excitação saudável, que lhe ative a germinação da força criadora. A razão virá depois: nessa idade, o que precisa de desenvolvimento é a imaginação.

Julio Verne, aos 25 anos, numa fotografia de Nadar.

O que mais desenvolveu a minha imaginação, e o que consolou as vagas e indefiniveis tristezas da minha adolescencia foi a leitura de Julio Verne. Todos os homens da minha idade dirão o mesmo. E, daqui a anos, quando eu e os homens da minha idade já tivermos tambem entrado o escuro caminho por onde Julio Verne penetrou na paz, — outros homens dirão o mesmo, e abençoarão o nome desse criador de mundos maravilhosos.

(1907)



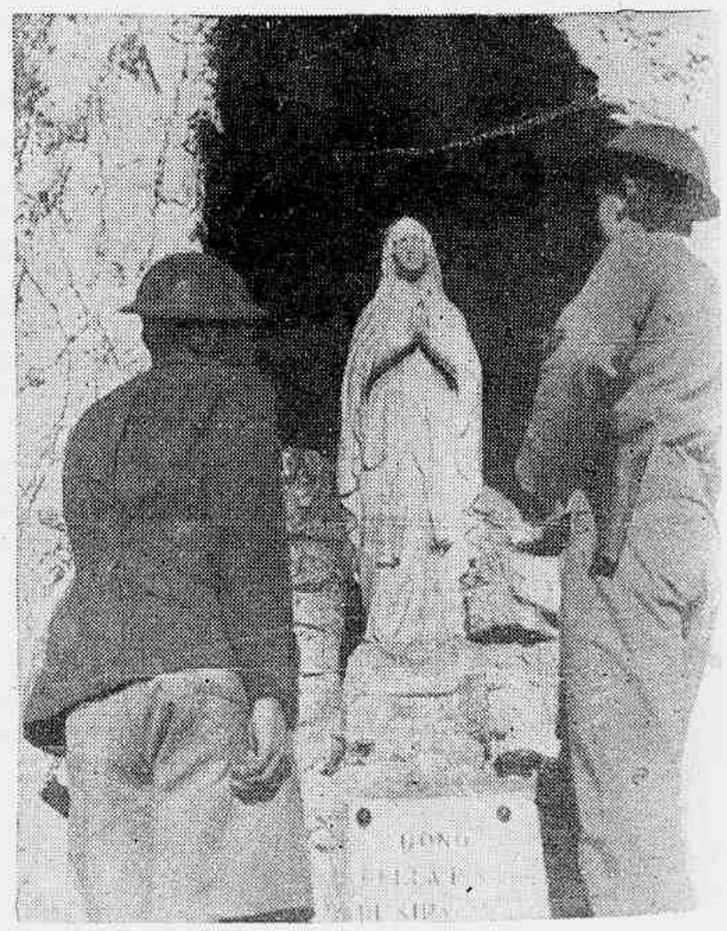
O submarino francês "Surcouf" Nele, sim, é que seria possivel a aventura das 20 000 leguas submarinas

As granjas mais modestas entram num periodo de febril atividade nas semanas que antecedem ás festas de Natal e de Reis. Aqui vemos um bando de perús, na engorda.

Um pequeno cantor, do

Tradição, al

Alem dos mares, ao celebrar o Natal, os homens do todo o imperio não esquecem seus mortos. Um soldado britanico e um australiano, deante do monumento erguido em Tobruk á memoria de seus heroicos defensores australianos.



Apesar dos terriveis bombardeios a que foi submetida meses, pela aviação inimiga, esta imagem da Virgem

Na Inglaterra, milhares de donas de casa e centenas de ajudantes preparam com dois meses de antecipação o delicioso "christmas pudding", que se comerá no Natal e no ano novo. Assim o exigem antigas tradições.

...dantil de Canterbury, ensaia um cantico ...ir na Missa do Galo.

...a de um povo

(Fotos especiais do B. N. S.)

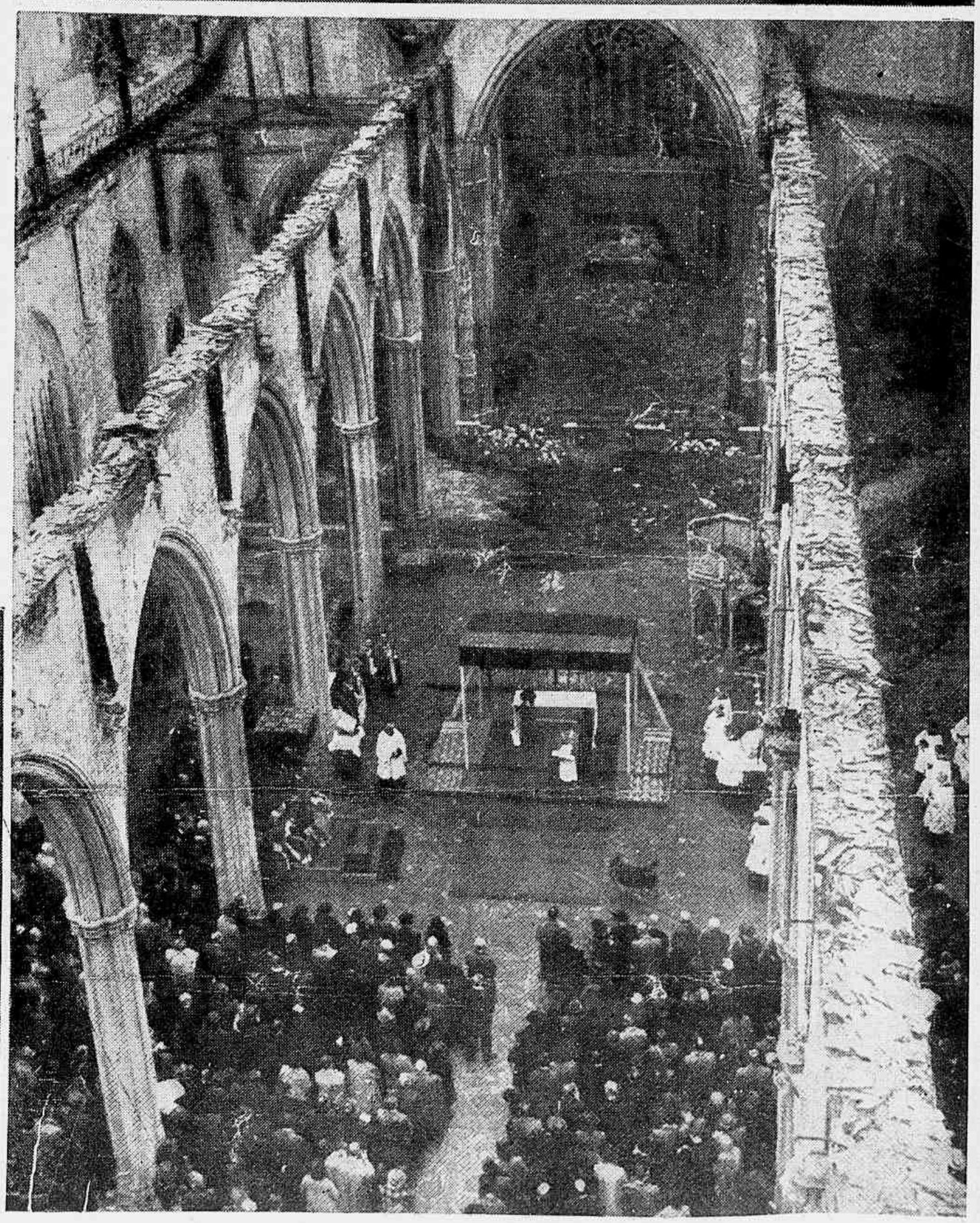
...um individuo.
...ismo fisico, as criatu-
...biente, e tem o espi
...s crenças, da história,

...rá talvez mais apêgo
...s do que o inglês. Já
...e a tradição é o ali-
...a. Certo ou errado, o
...s é a formidavel ex-
...bral que representam
...rã Bretanha os seus
...nários, o carater espe-
...dades religiosas ou ci-
...vez, nenhum flagelo,
...conseguiu alterar nem

...pois de três anos de
...rifícios impostos pela
...todas as guerras da
...certas usanças mais
...mplo foram cerceados
...com o mesmo doce
...os de paz.
...nas, o culto ...di-
...aspectos dum ...nde
...o essas fotos ...das
...a catedral de ...th-
...a o canto de ...is,
...catacumbas ...os,
...refugiavam ...io
...er, para a vida ...a.

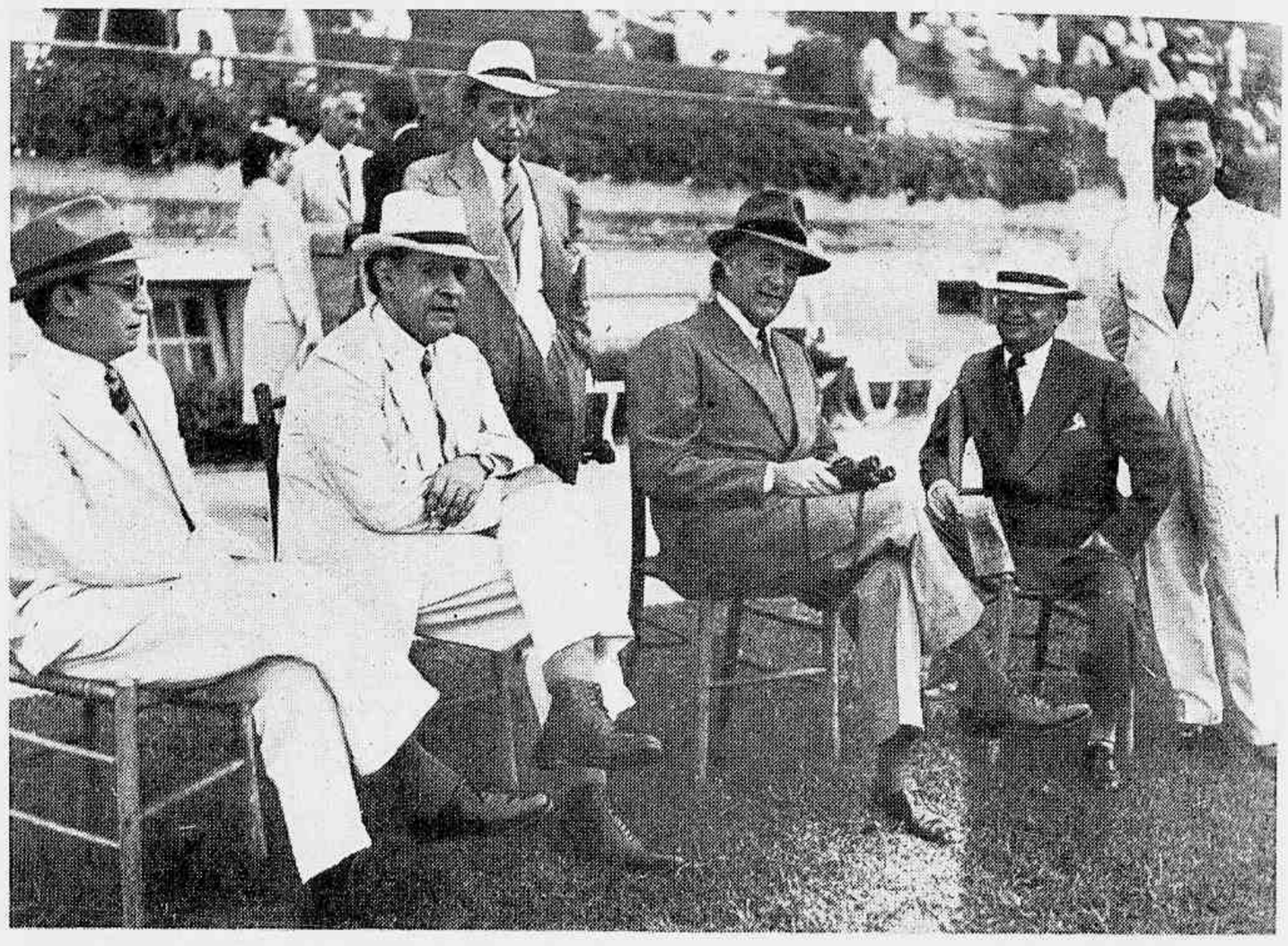
Com a guerra ...prodigalidade ...que a alegria ...

Papai Noel continua a distribuir seus presentes na sua habitual ...meninos da Grã Bretanha, cujas autoridades se empenham em ...ne o coração das crianças, nem o sorriso desapareça de seus lábios.

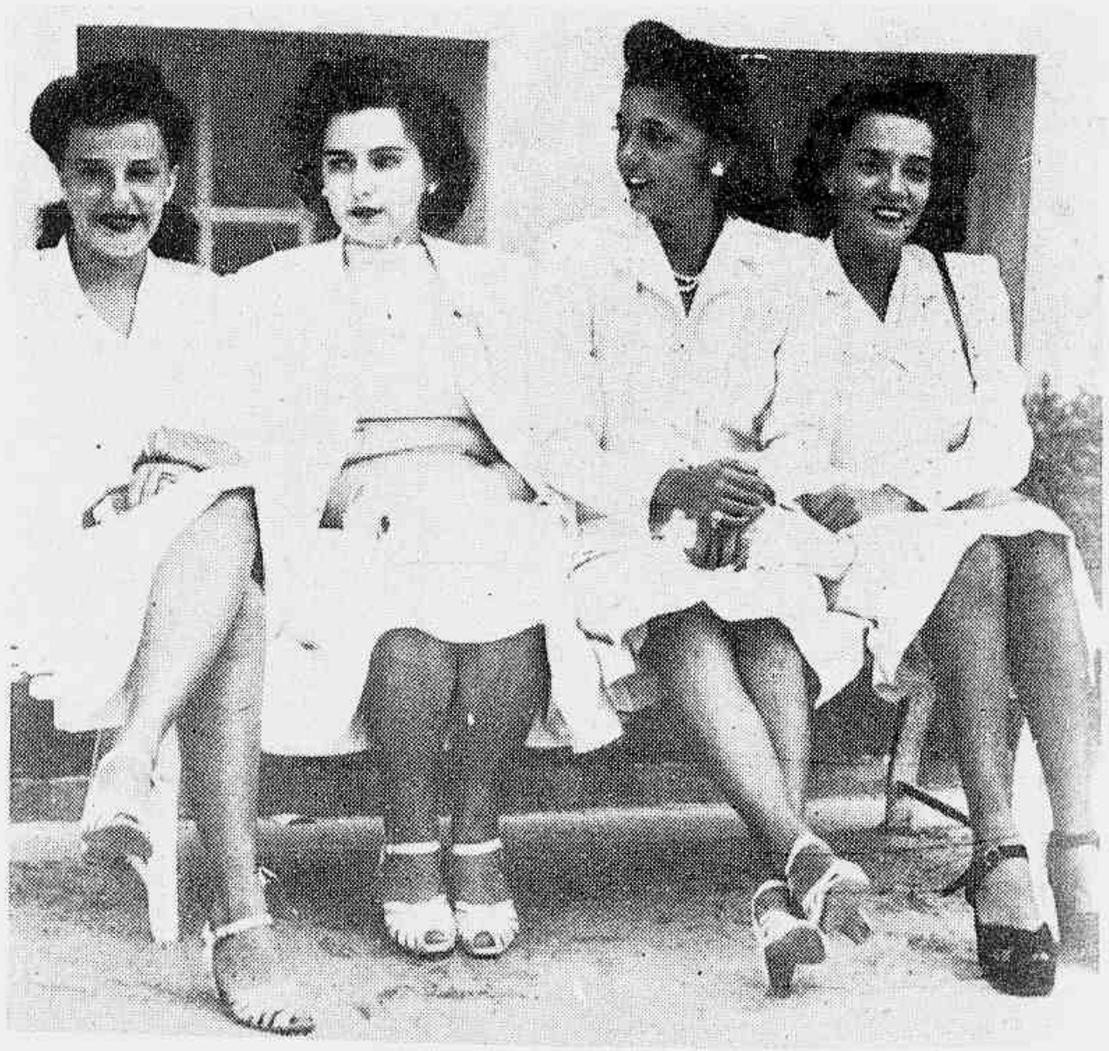


No ano passado, Monsenhor Amigo, arcebispo de Southwark, celebrou o oficio de Natal ao ar livre, entre as ruinas de sua magnifica catedral, alcançada pelas bombas da aviação inimiga. Jamais foi tão grande a fé religiosa da nação britanica.

JOCKEY CLUB MUNDANO



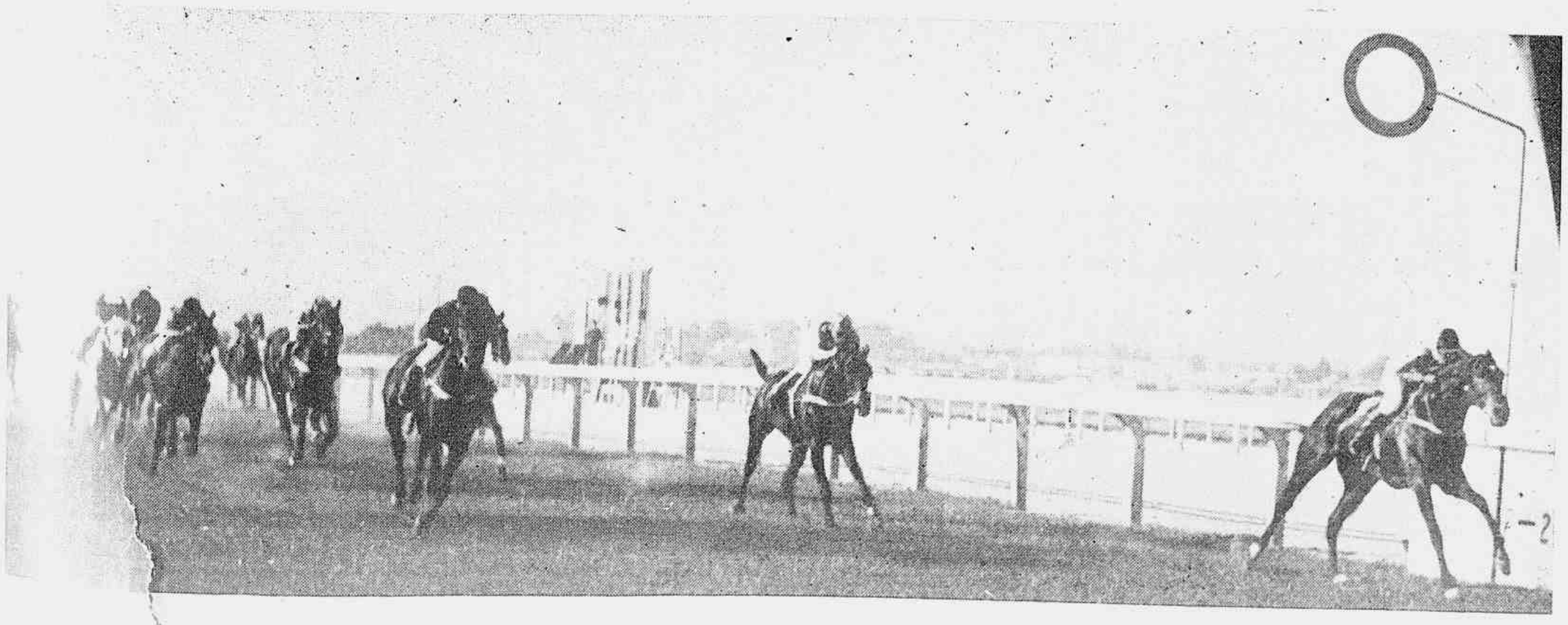
Realizou-se domingo no Hipódromo da Gávea a 14.ª corrida do ano. A assistência, como sempre, numerosa. Encantador o elemento feminino. Achava-se presente grande número de pessôas de destaque na sociedade e na política, tornando-se assim aquela reunião esportiva uma verdadeira reunião social. Nesta página, os mais interessantes flagrantes fotográficos alí obtidos.



De São Paulo

O acontecimento social da semana em S. Paulo foi o "Sweepstake", com o grande prêmio Brasil, de 200 mil cruzeiros, vencido pelo cavalo LATERO.

Nossas fotografias mostram alguns aspectos colhidos entre a seleta e elegante assistencia ao movimentado torneio hipico, vendo-se em baixo o cavalo vencedor ao atingir a meta final.



NOTICIARIO ELEGANTE

ENLACE AIDA PERROTA — JORGE TAVARES CAVALCANTI

No Mosteiro de São Bento, realizou-se, no dia 6 p.p. ás 17 horas, o enlace matrimonial da senhorita Aida Perrota, filha do sr. conde Vicente Perrota e de sua exma. esposa, d. Adelina Perrota, com o dr. Jorge Tavares Cavalcanti, engenheiro arquiteto, filho do dr. João Tavares Cavalcanti Filho, médico nesta capital e de sua exma. sra. D. Alcina Tavares Cavalcanti.

Testemunharam o ato, no civil, por parte da noiva, o sr. Cel. Luiz Carlos da Costa Neto, superintendente do Acervo da Empresa "A Noite" e Exma. senhora; por parte do noivo, o dr. Francisco Pessoa de Queiroz, diretor do "Jornal do Comércio" de Pernambuco e Exma. esposa.

No religioso foram paraninfos, por parte dos noivos, seus pais.

ANIVERSARIOS

20 Senhora Lucília Accioly.

21 Ministro Carlos Maximiliano; dr. Otávio de Ornelas Drumond Milanez; dr. João Passos Cabral.

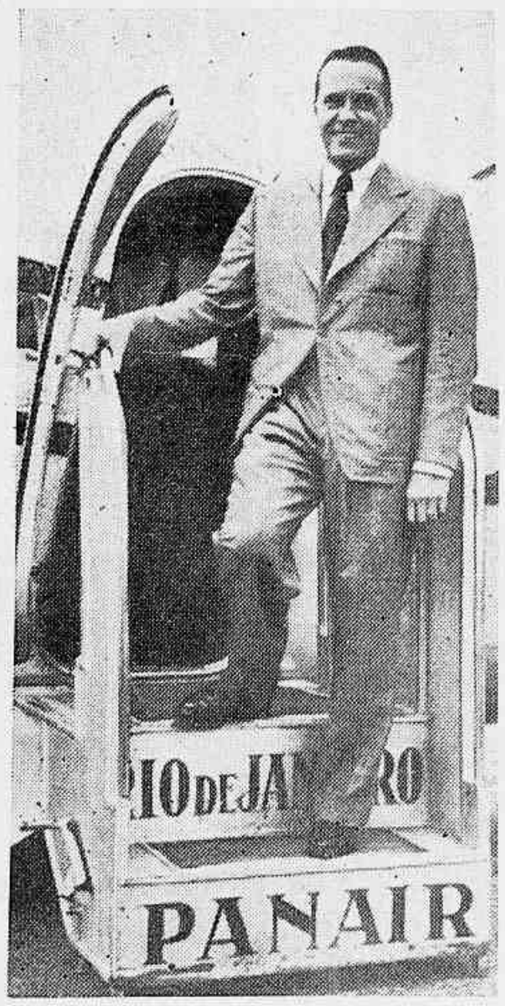
22 Dr. José de Alencar Piedade; dr. Romero Zander; dr. Alcides Pereira da Silva.

23 Ministro Washington Oliveira; dr. Alvaro Simões Corrêa.

24 Senhora viuva desembargador Abel Garcia; senhora Elza Couto de Bastos Neto; professor Oscar Clark.

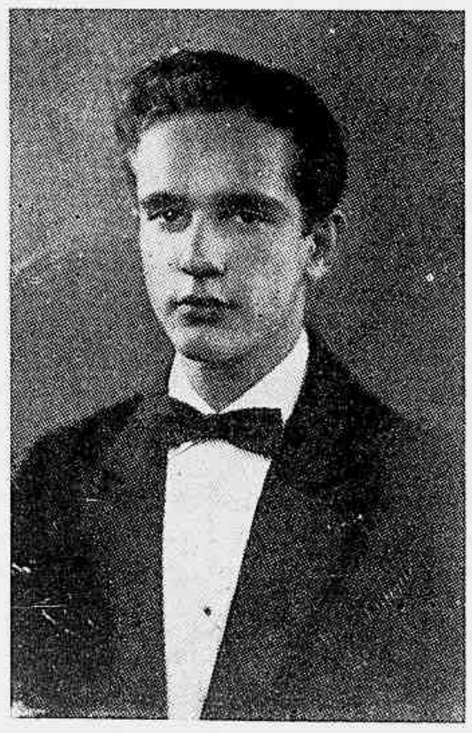
25 Senhora Otília Machado Coelho; dr. Romero Estelita Cavalcanti Pessôa.

26 Dr. Wenceslau Braz; dr. Waldir Niemeyer.



O dr. Paulo Sampaio, recentemente nomeado diretor-gerente e presidente interino da Panair do Brasil, S. A., ao embarcar para o norte do país afim de inspecionar os diversos serviços da empreza nacional, agora sob sua direção.

Dr. Raul do Amaral Peixoto, adjunto de procurador dos feitos da fazenda municipal, que por motivo do seu anniversario de formatura recebeu uma homenagem dos seus amigos e colegas de turma.



Entre os que vêm de terminar o curso de sciencias e letras encontra-se o jovem Jorge de Carvalho Moura Costa, filho do sr. José Maria Moura Costa, figura de grande expressão na industria e no turf, e sua esposa sra. Lucilia de Carvalho Moura Costa.

Nagib David, cirurgião-dentista, formado pela Faculdade de Farmacia e Odontologia do Rio de Janeiro. O brilhantismo que demonstrou durante o curso assegura-lhe uma vitória antecipada na sua profissão.

Repouso em clima adoravel, 500 mts. alt. Passeios, aguas minerais, matas, cascatas, açude, diversões. Fazenda Santa Rita (Parada Eng.º Neri Ferreira), a duas horas do Rio. Tel. Mendes 61 — No Rio. Confeitaria Pascoal

JOIAS

As de fantasia, nem sempre muito caras, mas de lindo efeito, voltam a ter grande voga. Aqui vemos alguns modelos de «clips», adereços e pulseiras, realmente deliciosos.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

V Bonbons
VITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os melhores.

Nunca use perfume diretamente, aconselha o senhor Westmore. Use um vaporizador para o espalhar por trás das orelhas e nas pontas dos cabelos. Isso deixará uma fragrancia persistente e não dará a idéia de ter tomado um banho de perfume.

A postura erecta é um dos principais requisitos para a apresentação atraente da mulher. O corpo erguido e os ombros lançados para trás copiam o desenho no quadro negro. O modêlo ostenta a graça que nós associamos á beleza.

Agora que as cintas pódem ficar racionadas como os automoveis, será uma boa idéia aprender a conservar a linha delgada, sem recorrer aos elásticos. Isso póde-se obter com simples exercicios, como a curvatura para trás, aqui ensinada.

AJUDE-SE A SER BONITA

(Serviço especial da REVISTA DA SEMANA)

"Bonita é quem se faz" — póde ter um significado positivo, se a leitora seguir á risca as palavras de certo famoso especialista de beleza, americano, que acredita estar em mãos de todas as mulheres se tornarem belas. E quando ele diz bela não se refere a um perfil assombroso nem a uma figura escultural, pois acredita que o moderno ideal de beleza depende mais da energia vital, do aspecto impecavel e da individualidade da mulher. E quem se atreverá a negar tal coisa?

Nem todas as mulheres sabem tirar partido das vantagens que uma generosa Mãe Natureza lhes concedeu. Qualquer uma que se disponha a empregar algum tempo e usar boa vontade em se estudar, em breve há de descobrir que, sozinha, sem nenhuma fórmula mágica, será capaz de melhorar muito. Póde, por exemplo, melhorar as atitudes: a maioria das moças anda de ombros caidos. Póde fazer alguma coisa diferente com os cabelos, os cílios, a boca, as mãos, afim de lhes melhorar o aspecto. Mesmo uma coisa tão simples como respirar corretamente pode fazer maravilhas. Então vem a pelo a questão da maquilhagem. Grande número de mulheres sabe pouco a respeito dessa arte — sim, porque é de fato uma arte. Algumas damas que se maquilham fariam muito melhor se permanecessem inocentes de pó e de "rouge". Pelo menos teriam "aspecto humano", como dizia o poeta dos "Lusiadas", se não atraente, e não semelhariam evadidas duma fábrica de bonecos de cêra.

Nesta série de fotos, o tal especialista americano, Mr. Westmore, ensina algumas coisas para as mulheres parecerem mais bonitas. Todas as senhoras deveriam aproveitar o mais possivel os seus recursos naturai de beleza, pensa ele, e nestas breves lições procura mostrar como isso é possivel.

A maior parte das mulheres usa "rouge" demais e em logares errados. Mr. Westmore emprega um desenho para explicar os pontos da maquilhagem no rosto, servindo-se do modêlo para a explicação.

Encoste-se à parede, com os calcanhares, pantorrilhas e a parte posterior da cabeça tocando nela. Depois tendo essa atitude. E' assim, mais ou menos, que seu mantido, quando você anda. Mesmo uma pequena que bonita póde tornar-se realmente atraente desde que se

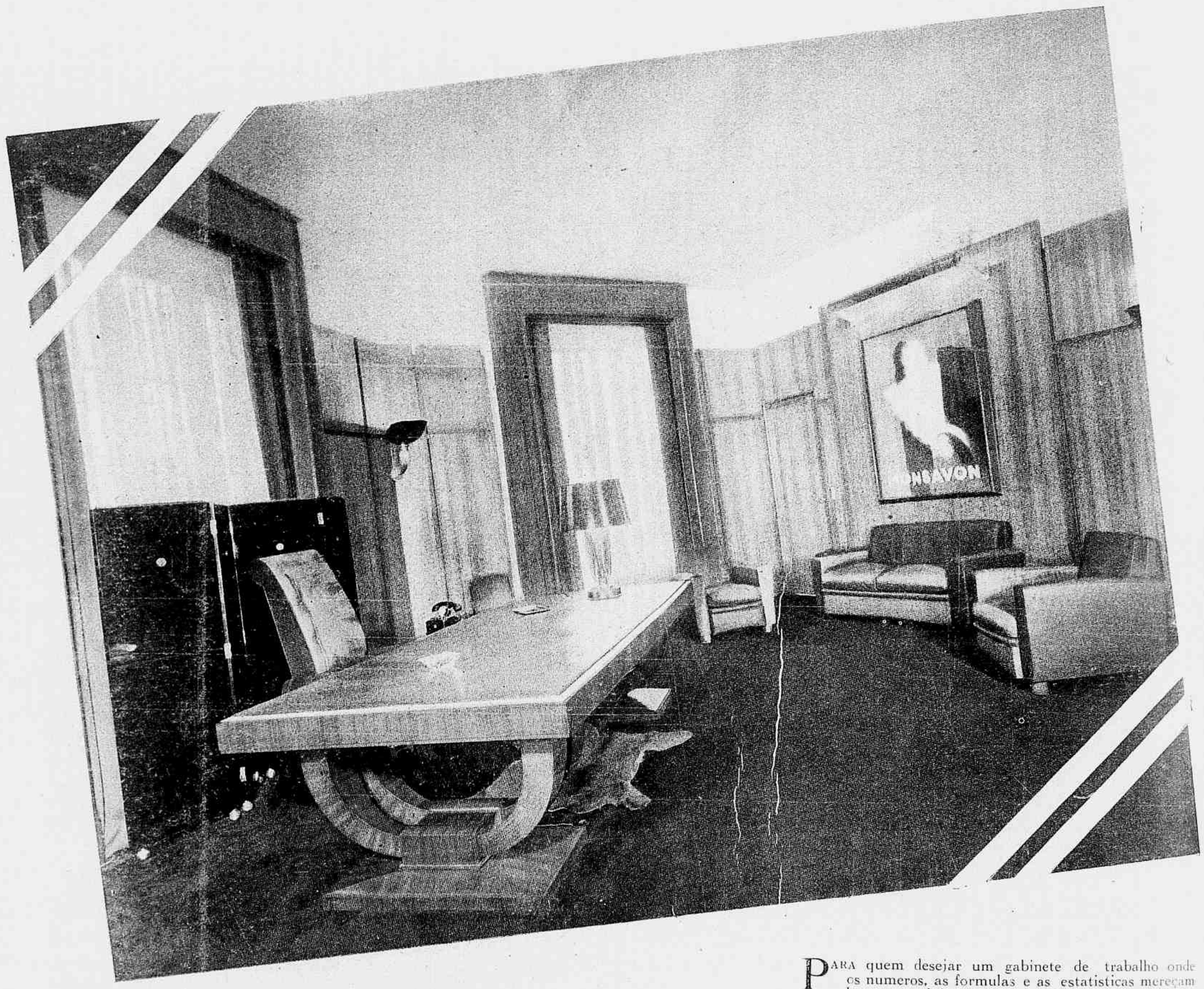
Mãos bonitas são [illegible] dos principais atrativos da mulher. As mãos merecem que se lhes dê todo o cuidado possivel. O perito aconselha amaciar a cuticula antes de cortar das unhas. Isto se obtem colocando pedacinhos de algodão embebidos em oleo, sobre a unha e a cuticula, durante alguns minutos.

Alguns minutos de massagens dos dedos, todas as noites, valem a pena [illegible] diz Mr. Westmore. Esta massagem conserva a pele das mãos macia e lisa, e tende a prevenir as juntas descarnadas ou salientes.

Qualquer pessoa póde fazer este exercicio tão facil, sem mais equipamento do que uma bola de borracha comum. Tudo que se deve fazer é conservar a bola entre as mãos e comprimi-la. Isto desenvolve o peito, as mãos e os ombros, dum modo discreto e sem musculos empolados.

A figura, raspando as sobrancelhas ou depilando-se é contrário á raspagem e mesmo á depilação, [illegible] necessario. Aconselha que as linhas agudas das sobrancelhas devem ser deixadas do modo mais [illegible] apenas os pelos rebeldes.

Sob a supervisão do perito, a pequena está aqui demonstrando um simples exercicio para o controle do pêso nas ancas. E' um mero exercicio de inclinação, com toda a curvatura feita sobre as ancas. A audiencia é composta de candidatas ao estrelato do cinema.



PARA quem desejar um gabinete de trabalho onde os numeros, as formulas e as estatisticas mereçam honras e deferências especiais, num ambiente ultra-moderno, que faça esquecer, como importunas, quaisquer reminiscencias passadistas, está aqui um vigoroso exemplo de audacia realizadora.

O decorador soube aproveitar os angulos irregulares para fazer realçar os elementos decorativos dos lambris altos, que parecem feitos para emoldurar o cartaz, cuja imponência condiz com a sobriedade dos moveis estofados de couro com almofadas soltas.

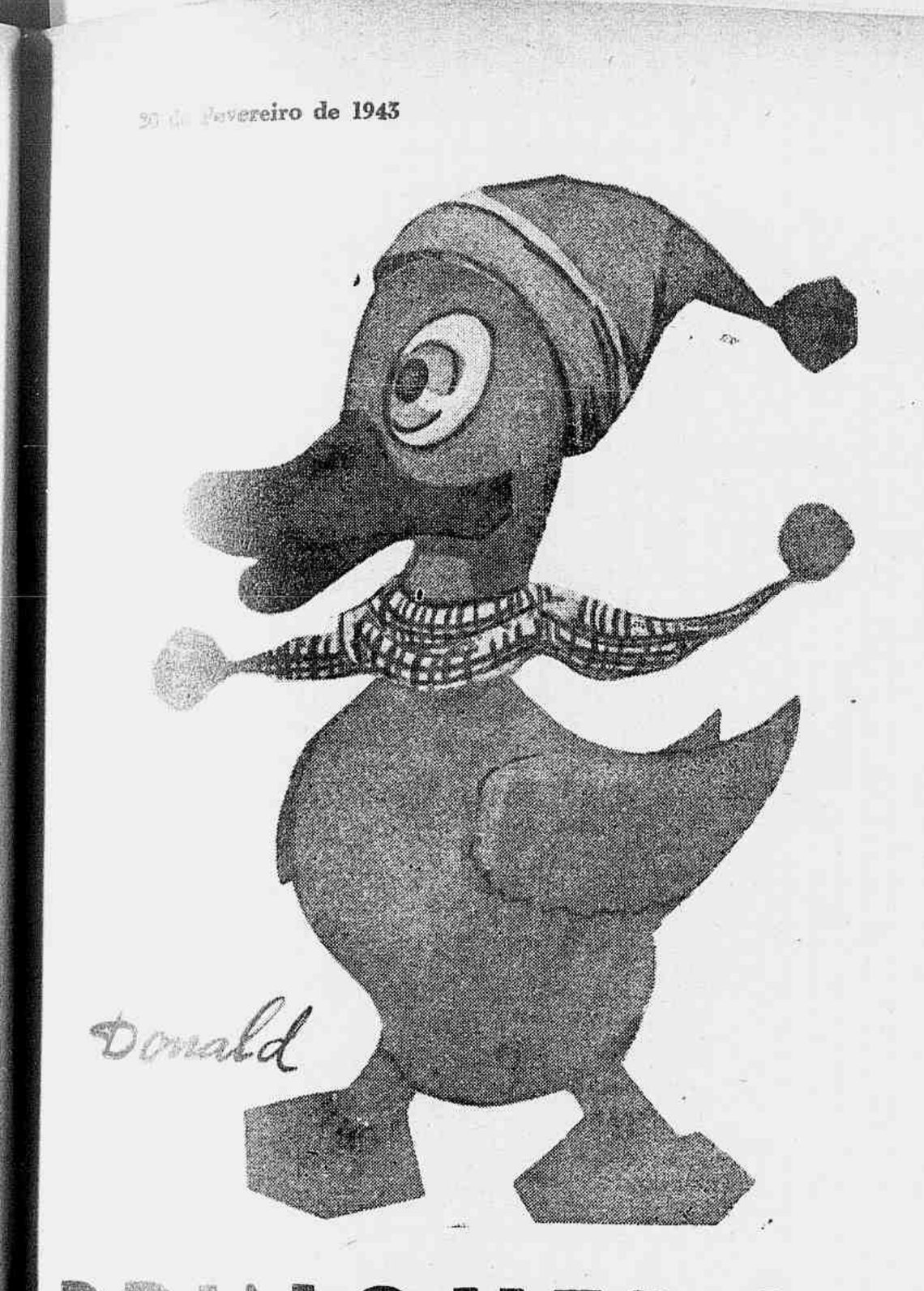
A grande mesa de despacho, com a respectiva poltrona de alto espaldar, foi desenhada técnicamente, com um sentido psicologico, que traduz uma vontade forte e dominadora.

Chão todo atapetado de passadeira *gris-perle*, cortinas de *voile* creme sob reposteiros de pelucia Havana, *double-face*, em galerias folheadas que parecem a continuação dos lambrís; e, harmonisando tudo, num equilibrio admiravel, a *linha* de inconfundivel originalidade, que só um bom decorador sabe traçar e realizar.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



BRINQUEDOS

Dada a voga dos brinquedos feitos em pelucia, em jersey, em feltro, em tafetá, torna-se apreciavel a idéia de Dora Otero ao apresentar estes quatro bichinhos.

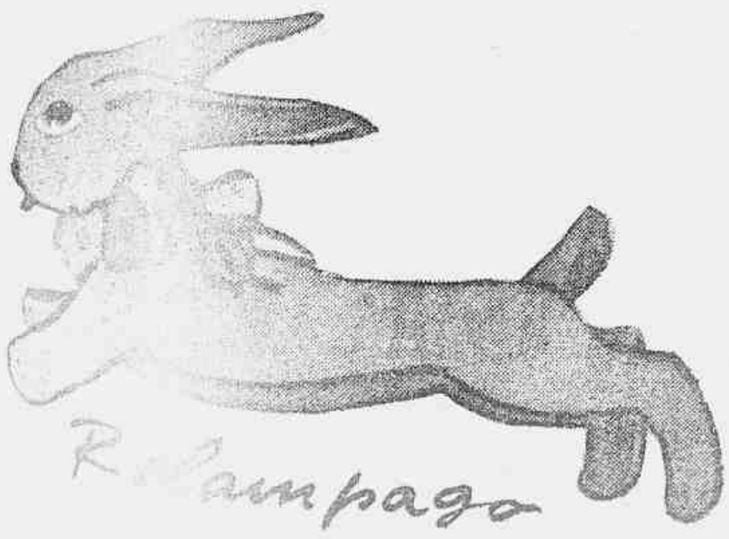
Para executá-los, cumpre fazer antes o desenho, depois recortá-lo, colocá-lo sobre cartolina para que o molde fique perfeito e não sirva uma vez só. A escolha do material, as proporções ficam dependendo da habilidade da "artista" que os executar.

"Donaldo" é feito 25 cent. de pelucia alaranjada, com 80 cent. de largura. O gorro e a echarpe são feitos de "crochet" ou de retalhos.

"Basset" leva 40 cent. de feltro de 90 cent. de largo. Póde ser feito de outro tecido, mas as orelhas serão forradas. A coleira póde ser de veludo; os olhos e o focinho, bordados.

"Totó", um simpático vira-latas, é feito de tecido escocês, requer 50 cent. de fazenda com 1,10 de largo. Pede um pedaço dobrado de 50 por 55 cent. As orelhas são forradas de outro material. Os olhos são conseguidos com diversas rodelas de feltro coladas superpostas.

"Relampago" precisa 20 cent. de feltro azul, com 80 cent. de largura, 10 cent. de feltro côr de rosa com 90 cent. de largura. As florinhas do pescoço são feitas de retalhos; os olhos e o focinho pelo mesmo processo observado nos outros.



TRATAMENTO

contra

ACNE

de

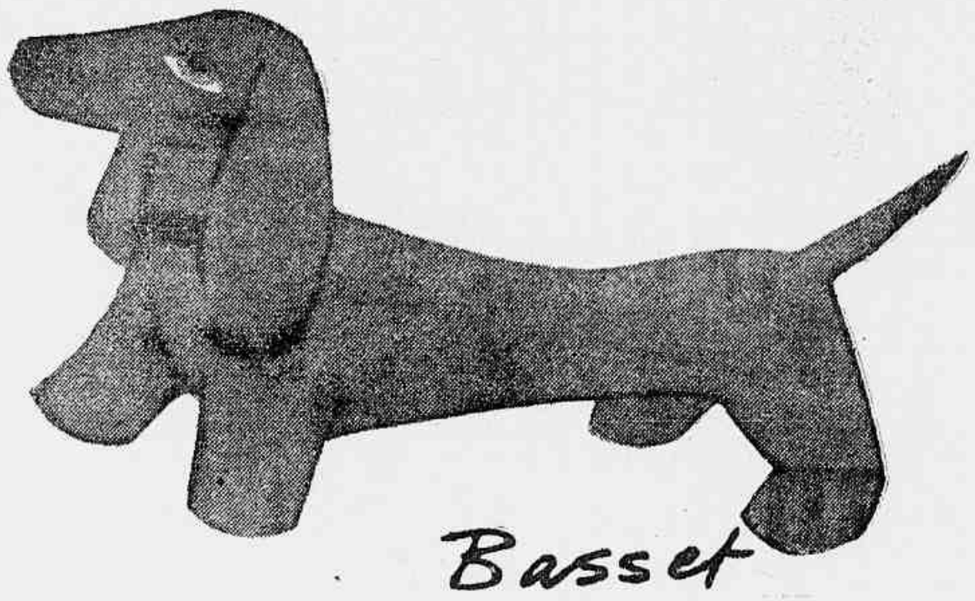
Helena Rubinstein

OS cravos, espinhas, poros dilatados e demais imperfeições, poderão ser facilmente eliminados com o uso do CREME ACNE (Medicated cream), eficaz para corrigir espinhas e cravos, desinfetar os poros e evitar o reaparecimento de imperfeições.
LOÇÃO REFINADORA. Possue qualidades antissépticas, adstringentes e curativas, para eliminar a oleosidade excessiva e fechar os poros dilatados.

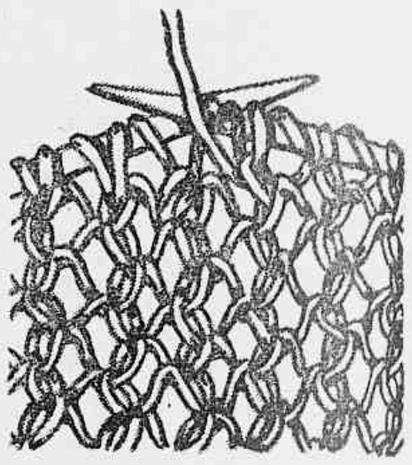
Perfumarias

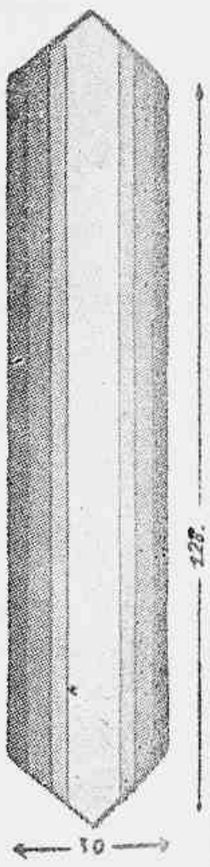
CARNEIRO

Rua 7 de Setembro, 92 — Praça Floriano, 31
Rua do Ouvidor, 116 e Ouvidor, 138



MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE





UMA ECHARPE ELEGANTE E PRATICA

Muito leve, feita em lã angorá, esta echarpe branca com listras de tons azuis, fica admiravelmente bem em louras. Além de leve é quente e presta-se para completar agasalhos em noite da serra.

"Material": 40 grs. de lã angorá branca; 25 de lã azul clara; 25 da mesma em azul neve; 25 da mesma lã azul mais escuro, tricotadas com duas agulhas de 3 1/2 milimetros de diametro, dando 20 malhas por 10 cent. de largura e 25 carreiras por 10 cent. de altura.

Ponto empregado: "ponto turco em relêvo" — este ponto se executa com um multiplo de 2 m. por 2 m. ourela: 1ª carreira — (pelo direito) 1 m. lisa x 1 laçada, 1 m. lisa etc., 1 m. lisa; 2ª c. — (pelo avêsso) 1 m. lisa x, 1 laçada, 1 diminuição á direita, x, etc., 1 m. lisa; 3ª c. — igual á primeira, e assim por diante. ("Ourela simples") 1 m. escorregada, 1 m. lisa, passar a m. escorregada sobre a m. tricotada, diminuir á direita, tricotar 2 ms. juntas pelo avêsso.

Execução — Com a lã branca, colocar 4 ms. Tricota-las pelo direito; depois, na carreira seguinte, tricotar com ponto turco, fazendo sempre a malha ourela pelo direito. Depois aumentar no fim de cada carreira, á direita e á esquerda do tricot 2 ms., mas quando tivér 18 ms. começar á direita, depois á esquerda, a lista vertical azul claro (com 1 novêlo azul-claro para cada lista; cruzar as lãs nas mudanças de nuances e tricotar sempre pelo direito a m. ourela de cada tom).

Quando cada listra azul-claro comporta 6 ms. começar de cada lado a lista azul média com 1 novêlo de lã para cada lado. Quando cada lista azul-médio comportar 10 ms. começar a listra azul-escuro, com 1 novêlo azul-escuro para cada listra. Quando cada listra azul-escuro comportar 6 ms. continuar todas as listras retas.

Quando chegar a 128 cent. de altura total, fechar a extremidade pontuda da echarpe, rematando 2 ms. no comêço de cada carreira. Quando ficarem apenas 4 ms., tricotar pelo direito, depois rematar.

Segundo a preferência ou a oportunidade, afim de acompanhar um costume de côr diferente, poderá esta echarpe ser executada com outras combinações de côres. O branco servirá sempre de base, fazendo então as listras em três tons de rosa, de verde ou de amarelo. Este trabalho em tricot compensa largamente o tempo e o material empregados, embora ficando muito caro, devido ao preço atual da boa lã estrangeira. Tambem quanto se dá por uma simples echarpe de lã atualmente? Uma das qualidades do tricot, convém não esquecer, está na durabilidade.

MADO.

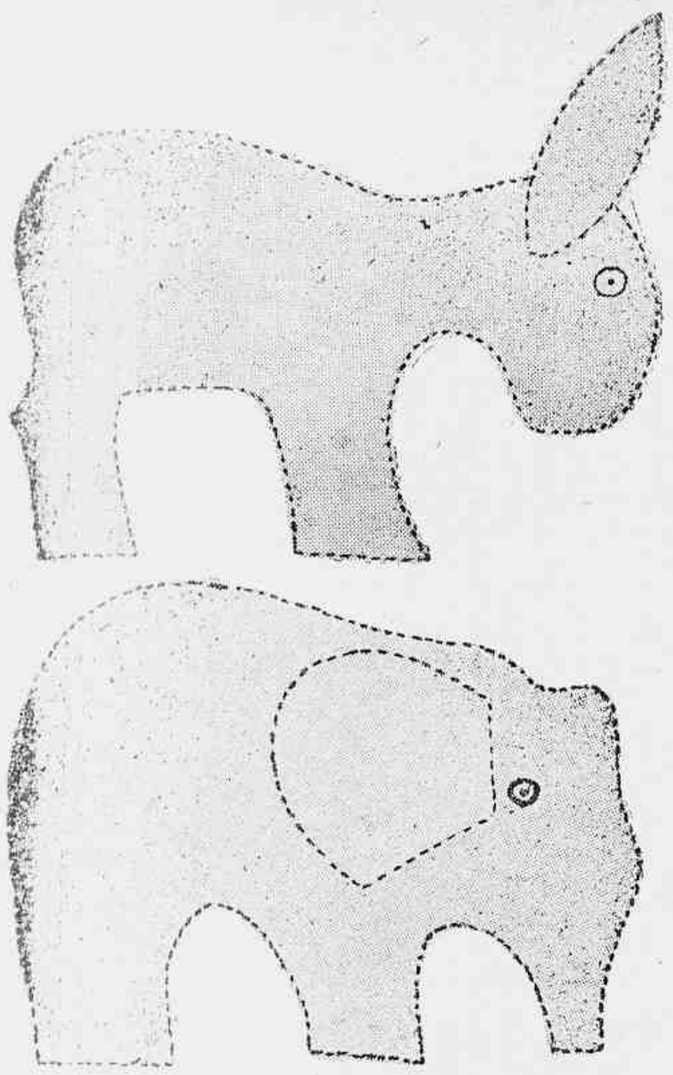
A arte de pintar cabelos

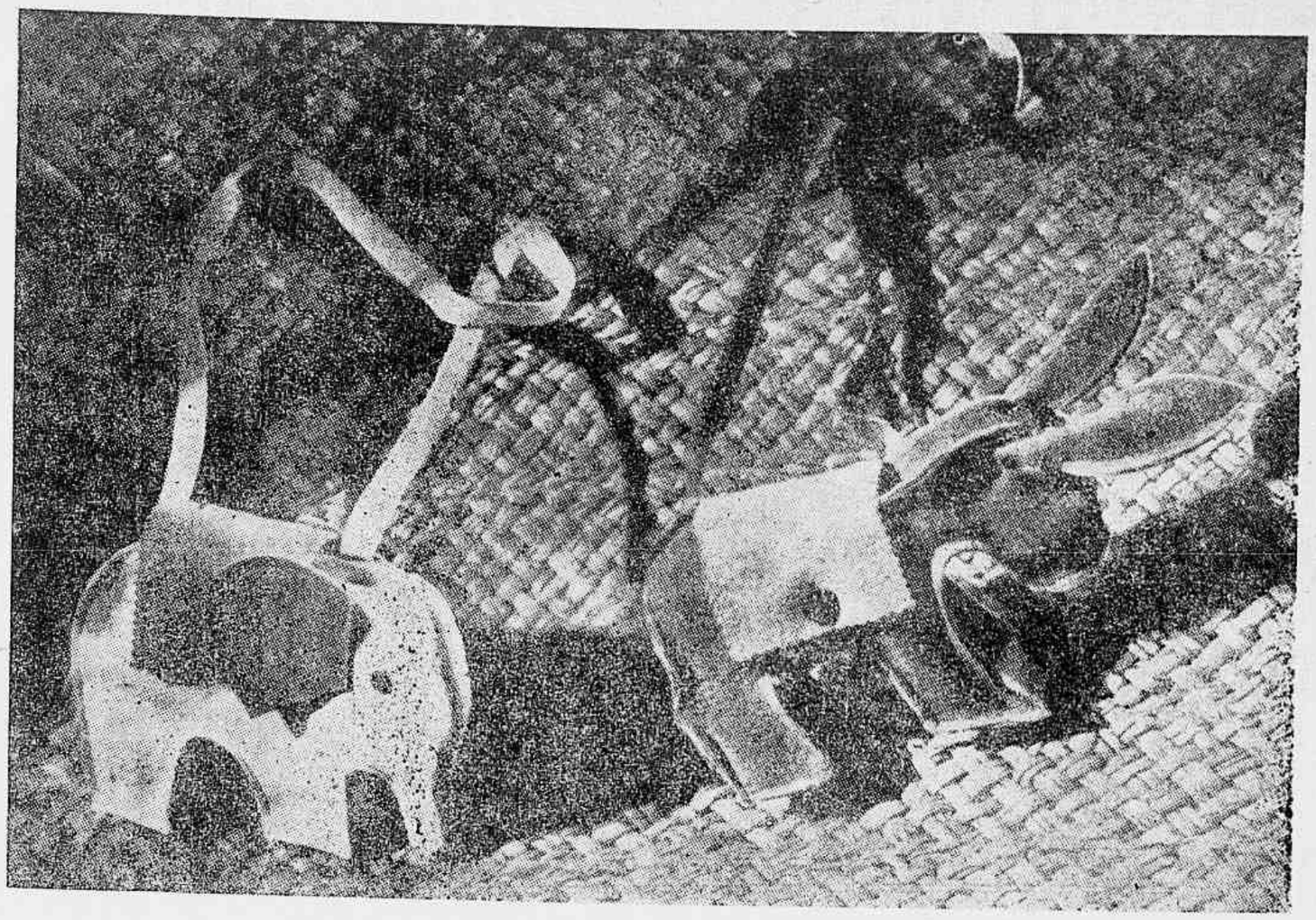
Este livro util para todas as senhoras é oferecido pela

TINTURA
FLEURY

O rejuvenescedor dos cabelos

Solicitem-no à Rua 7 de Setembro, 40 sob. - Rio de Janeiro





Carteiras originais

São facilmente improvisadas, não oferecendo a menor dificuldade de confecção. Requerem, no entanto, paciência e uma certa dose de fantasia.

Os "sketches" que aqui aparecem não estão em tamanho natural, visto as carteiras modernas serem de tamanho maior, mesmo para as crianças.

Com um feltro de côres vistosas, recortam-se os modelos observando que cada um deles deve ter duas partes iguais para o corpo e quatro para as orelhas, que são forradas com o mesmo tecido. Com uma tira de dois centimetros de largura por sessenta de comprimento, ligam-se as duas partes do corpo, pespontando ou debruando. Antes de armar a carteirinha, deve-se calcular que a parte da tira vá até o lombo do animalzinho para colocar um fecho "éclair". Cortam-se, depois, outras duas tiras para alças. E, para terminar, coloquem uma pequena sela que oculte o fecho e seja prêsa com um botão. Olhos são feitos de contas, levando um pequeno contorno em ponto de haste.

Seria interessante fazer o burrinho com a côr marron, o elefante em cinzento e as selas de ambos em vermelho.

A BELEZA FEMININA

O "maquillage" requer uma grande arte. Atualmente toma designações de flores, influência talvez do famoso instituto de Mirosmenil dirigido por Colette ha algum tempo. Recordando-se do seu tempo de criança, quando em Saint-Torpez se iniciava na botanica ensinada por camponeses, deu ás tonalidades de "rouge" nomes de flores.

Na América, onde a Moda ora tem seus lideres, Max Factor, Helena Rubeinstein, no grande "Curso de Beleza", curso que poderiamos chamar relampago, pois abrange apenas uma semana, lembraram para "rouges", e bâtons", nomes de — dália, papoula.

Resta á mulher "avisada" escolher, entre os dois, aquele que melhor combina com a sua tonalidade de pele. Está a aparecer o "rouge" papoula que, entre nós, ficará bem na morena. Quanto ao dália, com seus matizes delicados, com os reflexos inimitaveis, será regalo das louras.

—

As sobrancelhas alteram completamente a expressão fisionomica.

Disse Lavater que as sobrancelhas marcam o carater da mulher, seus estados de animo. Cuidado, pois, com as depiladoras, aquelas que desejarem conservar um pouco de mistério.

Mme. de Girardin atribuia igual propriedade ás sobrancelhas masculinas, pelas quais acentuava o carater das pessoas de seu interesse...

As sobrancelhas horizontais e delgadas denotam carater alegre, imaginação, alma nobre e generosa. Excessivamente finas, perfidia e dissimulação. Sobrancelhas arqueadas, cheias, espessas — saude e obstinação. Unidas junto ao nariz — energia e temperamento belicoso. As sobrancelhas muito cheias, grossas e unidas—animalidade. As pequenas e finas — timidez, requinte. Pequenas, grossas mas bem formadas—sensualismo. Sobrancelhas ruivas indicam debilidade. Sobrancelhas negras denotam força espiritual.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
Dr. Mme. Campos
AUMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

A SEDUÇÃO DOS OLHOS...

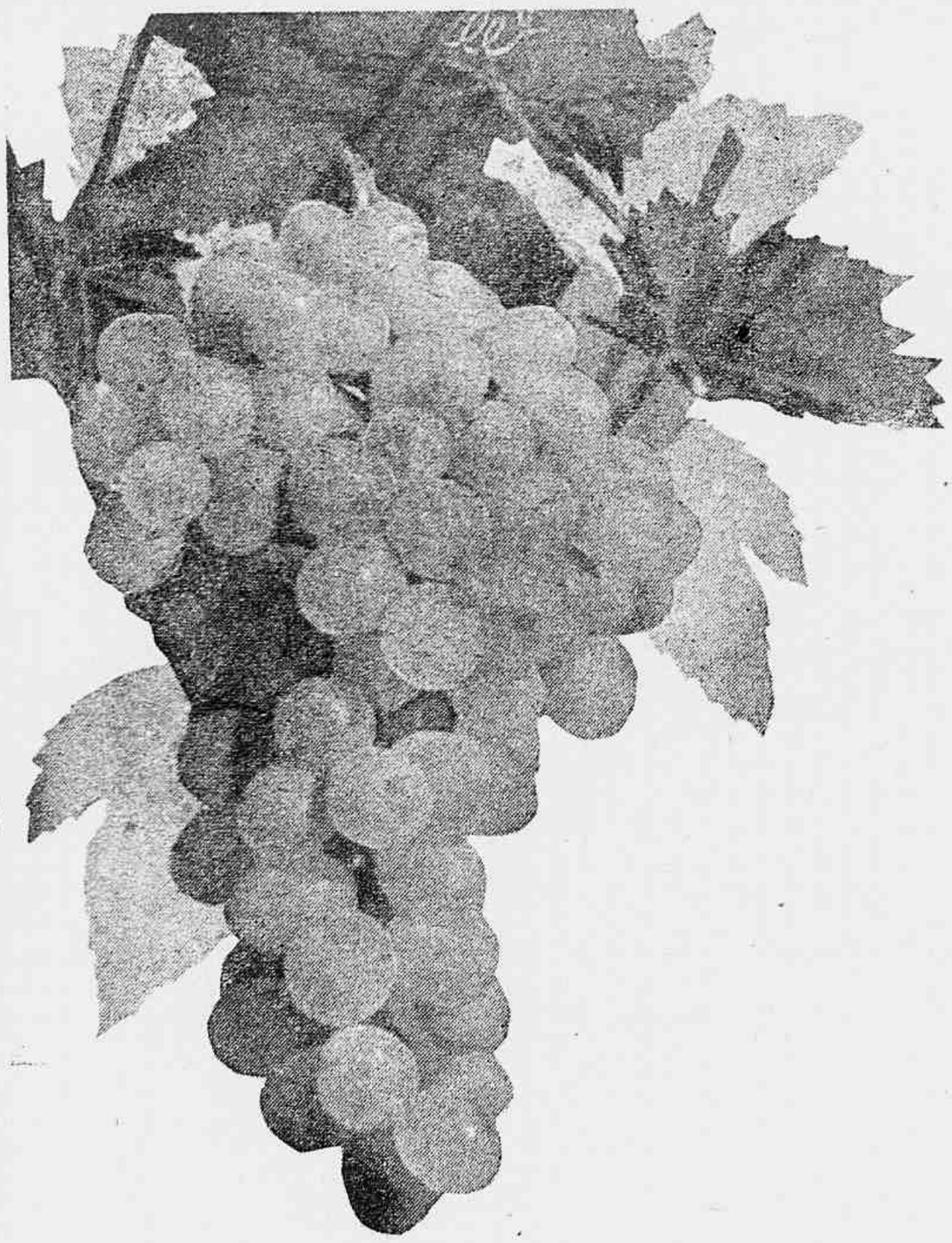
está na beleza dos cilios.

Só o uso continuado do CILION será capaz de fazer pestanas longas e fortes, recurvas e brilhantes.

CILION combate caspas e terçóis.

Cilion

Um produto
MOURA BRASIL



A UVA

Na uva tudo se aproveita. Contém sáis ácidos, açucar, potassio, proteina. Na pele se encontram vitaminas "A" e "B". A vitamina "A" produz crescimento e prolonga a vida concorrendo para a formação de novas células. A vitamina "B" reforça o sistema nervsoso e mantém em bom estado as glandulas mais importantes.

Ha ainda na uva o tanino — esse tónico geral do organismo.

A uva é de fácil digestão, auxilia as funções renais, produz perfeito funcionamento dos intestinos.

A cura uval hoje tão usada em vários paises tem um grande valor terapêutico, sendo aconselhada para o tratamento da gota, reumatismo, inflamação dos rins, eczema, etc. Até contra perturbações renais, obesidade, molestias nervosas, tem a cura uval vantagens.

Entre vários processos para aproveitamento da uva, indicam-se os seguintes:

—

"Torta de uvas": Prepara-se uma boa massa. Com ela forra-se uma fôrma especial que vai ao forno (cheia de grãos para não ficar empolada). Depois, enche-se com bagos de uva bem doces e maduros. Deita-se por cima geléia de maçãs, derretida e deixa-se esfriar.

—

"Suco de uvas": 1 quilo de uvas cozidas em 1 1/2 litro dágua. Passa-se depois em peneira bem fina, junta-se depois 3 chicaras de açucar, leva-se novamente ao fogo para ferver um pouco. Deixa-se esfriar e serve-se com água mineral gelada ou mesmo água simples e bem gelada, juntando um pouco mais de açucar, caso assim exija o paladar.

—

"Geleia de uvas": Com a polpa restante da uva de que se fez o suco (a uva indicada é a preta) junta-se um pouco de açucar e dá-se o ponto. Serve-se com creme de leite gelado.

AS SOBREMESAS

Completam sempre os confeitos e balas as sobremesas. Em dias de festa servem para enfeitar a mesa, com a apresentação de que são revestidos. Balas dentro de flores, de cestinhas, de corações trançados, etc.

BALAS DE MAÇÃ

Descascar as maçãs, tirar os caroços, juntar o caldo de um limão e cobrir completamente com agua. Levar ao fogo pora cozinhar e, quando cozidas, coar pela peneira, recolher o caldo, tão limpido quanto possivel. Colocar o caldo obtido em uma panela, juntar o açucar, á razão de três vezes o peso do caldo e deixar cozinhar até ao ponto de quebrar. Derramar sobre o mármore besuntado de manteiga, deixar esfriar um pouco, para cortar com tesoura, fazendo-se as balas. A calda póde ser aromatizada com agua de flor ou baunilha.

BALAS DE GOMA

Diluir a frio 130 grs. de goma arábica em 130 grs. de agua de flor. Juntar, depois, 130 grs. de goma arábica em pó e 450 grs. de açucar. Misturar bem e fazer as balas do tamanho desejado, pulverizando com açucar cristalizado.

Balas de alcaçuz, alteia, limão, nabo, mamão, guaco, aniz (planta), hervadoce, etc. são feitas mais ou menos segundo os mesmos processos. Retira-se o suco da substancia, junta-se á calda e segue-se o processo acima explicado.

BALAS DE CEVADA

Ferver 200 grs. de cevada em meio litro dágua até que os grãos estejam bem rachados. Coar a agua obtida e levar ao fogo, com 300 grs. de açucar, mexendo-se um pouco. Quando a calda estivér no ponto de quebrar, derramar sobre a pedra-mármore, untada de manteiga; deixar esfriar um pouco para cortar. Póde-se juntar á calda essência de baunilha.

Uma primeira refeição SUPER para uma boa saúde!

Para iniciar o dia com bastante energia e vitalidade sirva-se tôdas as manhãs de um prato da deliciosa aveia Quaker Oats.

A Aveia Quaker Oats é um cereal de grão integral, abundante em elementos exigidos pela natureza para ter força e saúde.

A aveia Quaker Oats é rica do principal elemento contra a fadiga, a vitamina Thiamina (vitamina B1), essencial para uma boa digestão e equilíbrio dos nervos.

A aveia Quaker Oats é tambem rica em minerais, hidrocarbonatos e proteínas. Seja qual for o seu trabalho conte sempre com aveia Quaker Oats para nutrir-se convenientemente e para começar bem o dia.

As crianças se desenvolvem bem com a aveia Quaker Oats

As mães conhecem o valor de um prato de Quaker Oats para as crianças na fase do crescimento. Quaker Oats ajuda a conservá-las de boa saúde e proporciona as energias de que elas necessitam para estudar e brincar. Sirva aos seus filhos um prato de aveia Quaker Oats, todos os dias, como primeira refeição.

"Super" nutritiva, "Super" deliciosa e "Super" econômica também

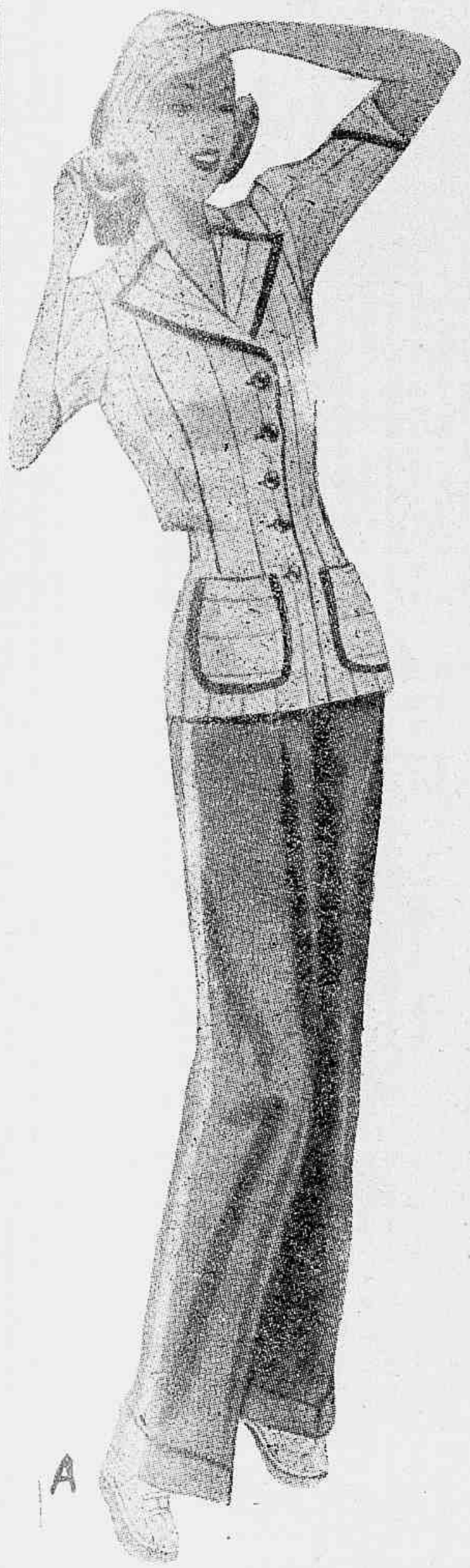
A aveia Quaker Oats é mais econômica que quasi todos os outros cereais — mais benéfica também. A aveia Quaker Oats de cozimento rápido é preparada em 2 e 1/2 minutos. Dê Quaker Oats a toda a família. Compre uma lata hoje mesmo.

Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as impropriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker - a original e legítima - identificada sempre pelo nome e pela figura do Quaker. Rejeite substitutos.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.

SOL NA PRAIA



A — Calça comprida de jersey azul marinho. Jaqueta celeste com listras de côres fortes. A gola, bolsos, punhos debruados de azul marinho.

—

B — Avental para banho de sol em algodão vermelho, com salpicos brancos. Sáia com pamos. Blusa muito decotada. Colarinho do mesmo tecido.

—

C — Casaco de lã xadrez com capuz. E' apropriada para proteger contra o vento e o sol.

—

D — Interessante "short" em linho azul-anil listado de branco.

V. S. SÓ SE SURPREENDERÁ COM A SUA QUALIDADE

Sim, porque REÓR oferece absoluta segurança, mesmo depois de um prolongado uso. Fabricado com material inoxidável de primeira qualidade e pelos métodos mais modernos, êste zip nacional supera em tudo os melhores concorrentes estrangeiros.
REÓR tem uma caracteristica variedade de tipos, niquelados, dourados e esmaltados em todas as côres, para os mais diversos usos, e é vendido a preços econômicos.

COMPANHIA BRASILEIRA DE METÁIS

UNIFORMES FEMININOS NA MARINHA AMERICANA

Dez mil americanas fazem o serviço de vol ntárias no Colégio Smith, afim de formarem com os corpos de oficiais. Para que seus uniformes fossem perfeitos, a Marinha recorreu a Mainbocher, o famoso costureiro ha longos anos estabelecido em Paris, mas nascido em Chicago. Mainbocher fez desenhos especiais. O resultado dos seus modelos foi perfeito. A elegancia desta "girl" parece satisfazer por completo o famoso modelista, a julgar pela sua expressão fisionomica nesta foto.

Capa de chuva e "havelock". O chapéo obedece á inspiração do chapéo americano de 1760 e o "havelock" foi inspirado pelo de um general inglês do século XIX.

Faceiro chapéo azul marinho, de fabas enroladas, alta copa tendo um emblema da marinha. Traz o modelo ainda, na blusa branca, o tradicional laço preto á marinheira.

Capote de inverno com bolsos dos lados e cinto atrás. Acompanha bolsa a tiracolo, com grandes alças, sapatos de salto baixo, tipo Oxford, luvas pretas e brancas.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

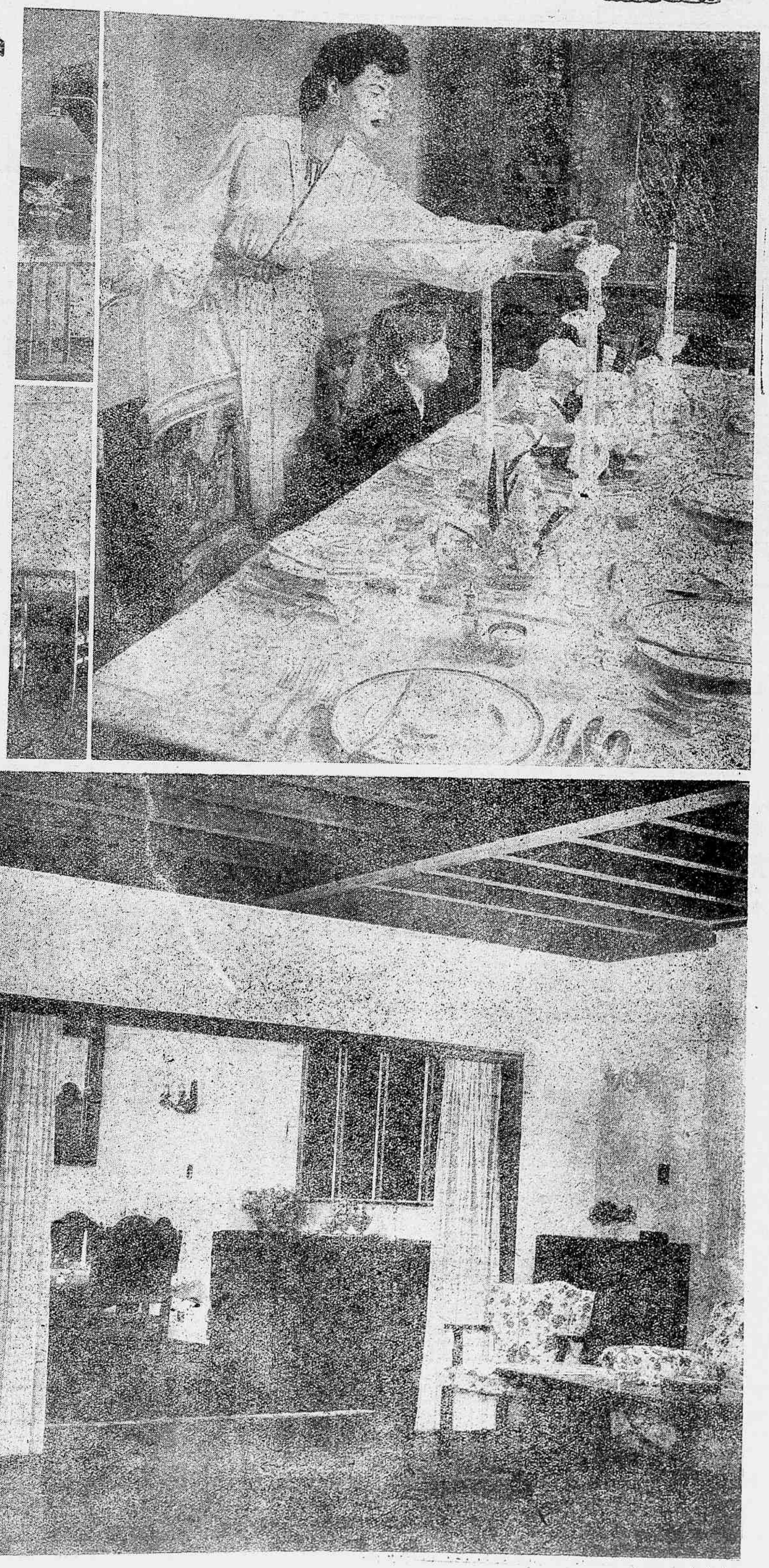
REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA

INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

O Lar

É o grande momento de espectativa, antes do começo da alegre reunião de amigos que vai festejar uma data amável para o coração dos donos da casa. A mêsa, elegantemente ornamentada, bem sóbria como deverá ser para uma reunião dessas, vale como índice do gosto da jovem anfitriã.

Em baixo, temos um admirável "living room", pegado á sala de estar, de que é separado apenas por uma cortina espêssa, que permita o arranjo final, longe dos olhos das visitas. Um console de desenho moderno, alguns quadros, meia duzia de cadeiras estofadas, completam a harmonia do conjunto.



MOBILIARIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", expõe em seu grande mostruario anexo às oficinas, á rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo á estação principal da Leopoldina), números modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema da escassez de espaço, sem prejuizo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo tambem em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruario anexo á fábrica.

Monteiro Lobato surgiu explosivamente para o grande publico, mercê dum fabuloso reclamo de Ruy Barbosa, no Senado, invectivando Jeca Tatú, de criação do grande escritor paulista. Antes disso, porem, seu nome andava bem vivo na admiração do leitor de melhor classe, a quem não poderiam passar despercebidos os admiraveis contos publicados na REVISTA DO BRASIL, *de sua direção.* OS FAROLEIROS, O ESTIGMA, MATAPAU, CHÔ-PAN *mostravam um escritor de pulso, fabulador notavel, senhor dum estilo inconfundivel (embora com umas reminiscencias não muito remotas de Camilo e Fialho d'Almeida). Sua maneira de contar chamava a atenção desde a primeira linha. Dai o sucesso sem precedentes de* URUPÊS, *onde aqueles contos e outros novos apareceram, coincidentemente com as apostrofes do tribuno baiano. Depois de* URUPÊS, *vieram outros contos de* NEGRINHA, O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, CIDADES MORTAS, NO MUNDO DA LUA, *nenhum deles, porem, apesar de todas as qualidades da maioria das paginas, com a homogeneidade de* URUPÊS.

Outros livros de cronicas muito brilhantes e originais, IDEIAS DE JECA TATÚ, NA ANTEVESPERA *e um livro de impressões da America seguiram-se espaçadamente, nunca decepcionando o leitor dos primeiros tempos. Algumas paginas, especialmente das* IDEIAS *podem figurar entre as melhores do genero aparecidas entre nós.*

Com o correr dos tempos, Monteiro Lobato, que a muitos titulos pode ser considerado o Maupassant brasileiro, haveria de se revelar ainda sob outra faceta não menos digna de reparo, a do emerito contador de historias para crianças.

Seus livros infantis alcançam tiragens não sonhadas pela maioria das de seus confrades. As crianças de todo o Brasil adoram as proesas de Narizinha, Rabicó e outros tipos da sua fauna divertida.

Hoje, é ele o campeão das traduções, especialmente de livros ingleses e norte-americanos, somando-se já por dezenas o seu acervo nesse setor.

NEGRINHA

(Continuação da pagina 25)

nha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela guardava para o fim. A criança não sofreou a revolta e atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— Peste! Espere aí! Você vae vêr quem é peste.

E foi contar o caso á patrôa.

D. Ignacia estava azeda, e necessitadissima de um derivativo. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! disse desentalando as banhas do trono e indo para a cozinha, qual uma perúa choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo!

Veiu o ovo. D. Ignacia mesma pô-lo na chaleira d'agua a ferver e, de mãos á cinta, gosando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, á espera. Seus olhos contentes envolviam a misera criança que, encolhidinha a um canto, tremula, olhar esgazeado, aguardava alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto a boa senhora exclamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patrôa, então, tirou da agua "pulando" o ovo, como uma colher, e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dôr saisse, prática que era D. Ignacia nesse castigo, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz — esperneou, mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E voltou, contente da vida, para o trono, a virtuosa dama, afim de receber o vigário que chegava.

— Ah! monsenhor! Não se póde ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre orfã, filha da Cezaria; mas que trabalheira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes! exclamou o padre.

— Sim, mas cança...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A virtuosa senhora suspirou piedosamente:

— Inda é o que vale...

Certo Dezembro vieram passar as férias com Santa Ignacia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Negrinha, do seu canto, na sala do trono, viu-as irromper pela casa a dentro como dois anjos do céo — alegres, pulando e rindo numa vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de ve-la armada para desferir sobre os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: ela ria-se tambem... Quê? Pois não era um crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céo?

No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veiu para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas logo a dura lição da desegualdade humana chicoteou sua alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias:

— Já, para o seu logar, pestinha! Não se enxerga?

Com lágrimas dolorosas, menos de dôr fisica que de angustia moral — sofrimento novo que se vinha somar aos já conhecidos, a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem ha de ser? disse a tia num suspiro de vítima — uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma orfã... Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí a fóra.

"Brinquem!" Brincar! Como seria bom brincar! refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirezinha que até ali só brincára, em imaginação, com o cuco.

Chegaram as malas e logo.

— Meus brinquedos! reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu as malas e tirou-os fóra.

Que maravilha! Um cavalo de rodas!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginára coisa assim, tão galante. Um cavalinho! E mais... Agora... Que era aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que fala "papa"... que dorme...

Era de extase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem siquer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— E' feita!... murmurou, extasiada.

E, dominada pelo enlevo, um momento em que a senhora saíu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas. Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombro e encanto, sem geito, sem animo de pega-la.

As meninas admiraram-se d'aquilo:

— Nunca viu boneca?

— Boneca? repetiu Negrinha. Chama Boneca?

Riram-se as meninas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! disseram. E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o extase da bobinha perdurava, disseram-lhe, estendendo-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados resabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, Santo Deus! Seria possivel? Depois, pegou na boneca. E muito sem geito, como quem pega o Senhor Menino, sorriu para ela e para as meninas, com relances de olhos assustados para a porta. Fóra de si, literalmente... Era como se penetrasse no céo e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe viesse adormecer ao colo. Tamanho foi o enlevo que não viu chegar a patrôa já de volta. D. Ignacia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, imovel, presenciando a cena.

Mas, era tal a alegria das sobrinhas ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração, afinal, bambeou. E, pela primeira vez na vida, soube ser mulher. Apiedou-se.

Ao percebe-la na sala Negrinha tremeu, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente, e hipóteses de castigos peiores ainda. E incoerciveis lagrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveiu foi a coisa mais inesperada do mundo: — estas palavras, as primeiras que ouviu, doces, na vida:

— E vá você tambem, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patrôa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu nela a féra antiga. Compreendeu e sorriu-se.

Se a gratidão sorriu na vida, alguma vez foi naquela carinha.

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma, na princezinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos á vida da mulher: o momento da boneca, preparatório, e o momento dos filhos, definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu que tinha uma alma no primeiro dia da boneca. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si, e que desabrochava, afinal, como fulgurante flôr de luz. Sentiu-se elevada á altura de ser humano. Cessára de ser coisa e d'ora avante lhe era impossivel viver a vida de coisa. Si não era coisa! Si sentia! Si vibrava!...

Assim foi, e essa conciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas, levando consigo a boneca, e a casa reentrou no ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

D. Ignacia, pensativa, já a não atenazava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caira numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele Dezembro de férias, luminosa rajada de céo, trevas dentro do seu doloroso inferno, envenenára-a.

Brincára, ao sol, no jardim — brincára!... Acalentára, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer papá e a cerrar os olhos para dormir. Vivera realisando sonhos da imaginação. Desabrochara-se da alma.

A repentina retirada de tudo isso fôra forte demais para a debil resistência de uma alma como um mez de vida apenas. Enfraqueceu, definhou, como roída de invisivel doença consumptora. E uma febre veiu, que a levou.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Ninguem, entretanto, morreu jámais com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azues. E de anjos... E bonecas e anjos rodamoinhavam em torno dela numa farandola do céo. Sentiu-se agarrada por aquelas mãosinhas de louça, abraçada, rodopiada.

Veiu a tontura, e uma nevoa envolveu tudo. E tudo regirou e

PANORAMA DA GUERRA EM DOIS CONTINENTES

MAPA ESPECIAL DA
REVISTA DA SEMANA
20 de Fevereiro de 1945

A GUERRA EM TODAS AS FRENTES

STALINGRADO — Combatentes do exercito vermelho movimentando-se entre as ruinas das casas de trabalhadores [illegible] suburbios de Stalingrado.

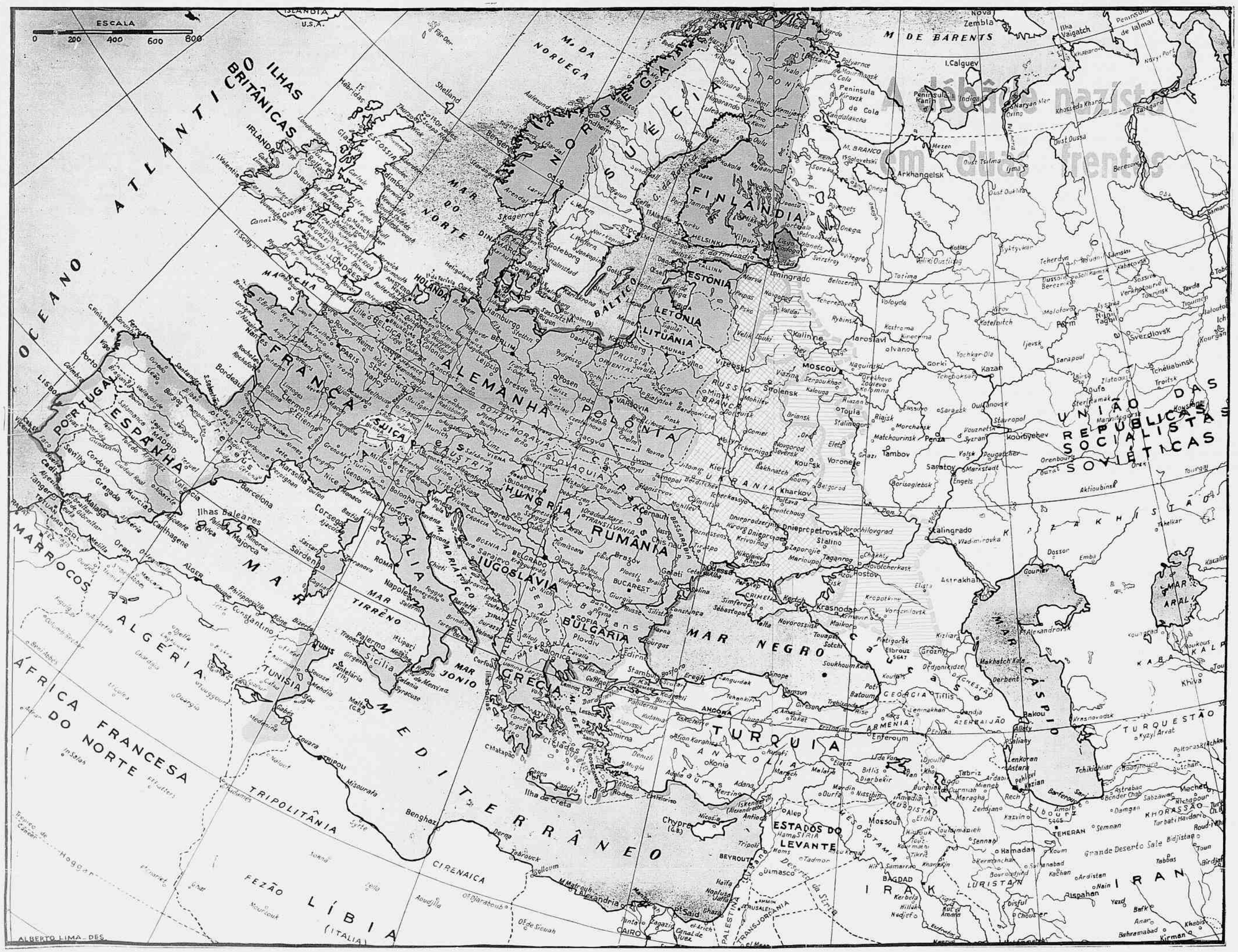
LONDRES — Espiando entre os escombros do que foi outrora uma janela, estes londrinos esperam com paciencia a forma de salvamento que deles se aproxima lentamente depois do "raid" de 17 de janeiro.

PAPUASIA — [illegible]

RABAT-MARROCOS — [illegible]

NALGUM CANTO DA AREA DO PACIFICO SUL — [illegible]

Adélphe nazista em duas frentes



TÓQUIO — O "premier" Tojo curva-se diante do imperador Hirohito, depois de receber ordens que ele mesmo com muita probabilidade difundiu. Tojo é de fato o senhor do Japão, mas, ao menos nas cerimonias publicas, presta ao seu imperador as cortezias tradicionais.

No decorrer das ultimas semanas, a "débâcle" dos exercitos nazistas, na Russia, como na Africa do Norte, acentuou-se de modo iniludivel.

Depois da épica resistencia de Stalingrado, os sovieticos, num sobre-humano esforço, foram, palmo a palmo, reconquistando o terreno às fôrças de Hitler até conseguirem liquidar definitivamente o restante dos 350.000 homens da grande arremetida. Desses, acredita-se que perto de 250.000 foram mortos, numero assombroso, que bem justifica o imenso pesar manifestado de publico no Reich, após a cessação da peleja naquele setor. O golpe desfechado no coração da Alemanha foi, em verdade, profundo e dificil de cicatrizar. Durante uma semana, como se sabe, as estações de rádio de Berlim lançaram ao ar o lamento das suas marchas funebres. Mais do que a tremenda dizimação dos seus homens, estupidamente sacrificados aos caprichos do seu Fuehrer, o que a propaganda de Herr Goebbels chorava era o fracasso dos planos de conquista da Russia, fracasso que marcou, inapelavelmente, o começo do fim da derrocada nazista. Daí por deante, as derrotas alemãs se têm acentuado num crescendo assustador para os seus dirigentes. A queda recente de Rostov, outro ponto nevralgico da arremetida germanica, e logo mais a de Voroshilovgrado, vieram carregar ainda mais as cores do quadro exista. E' por demais conhecido que o alemão não sabe sofrer derrotas. Toda a arrogancia da raça, toda a sua agressividade, exacerbada deante das vitorias faceis contra povos mal aparelhados para lhe resistirem ao ataque feroz, desaba ao fragor do primeiro desastre serio. Assim, espera-se que a resistencia de Kharkov, como a de Rostov, seja em escala infinitamente menor do que a mantida em Stalingrado. Cut as cidades importantes, como Stanino, Kursk, Orel, hão de seguir a sorte das zonas libertadas de maneira que tudo faz prever que a estrela nazista tenha começado, felizmente, a empalidecer, no declinio final.

Enquanto isso, a sorte das armas eixistas na Africa não é melhor. Apertadas numa faixa de terra cada vez mais restrita, entre o oceano e o exercito e as forças aliadas, embora resistindo tenazmente aqui e ali, o Afrikakorps vê tambem gradualmente cortado o seu raio de ação. E' de esperar que essa resistencia seja a mais vigorosa possivel, pois Hitler sabe que a invasão da Europa bem pode depender da "limpeza" do continente africano, para o grande salto definitivo através do Mediterraneo.

Coincidindo com esta serie de vitorias das forças aliadas, ocorreu a sensacional visita de Churchill, Roosevelt e De Gaulle à zona de operações da Africa do norte, seguida do memoravel encontro Vargas-Roosevelt, em terras do Brasil — encontros de transcendentais significações e duma importancia tão alta, para o decorrer das operações, que dispensam maiores comentarios, firmado, como ficou, por todos esses chefes eminentes, a decisão cada vez maior de esmagar o poderio imperialista do Eixo o mais cedo possivel e de modo absolutamente radical.

No mapa das operações que oferecemos hoje, vemos assinaladas em chapada vermelha as regiões em poder do Eixo. Em quadriculado, figura o territorio russo ainda em poder das forças alemãs, em confronto com a zona de traços paralelos, que mostra o setor reconquistado pelos sovieticos.

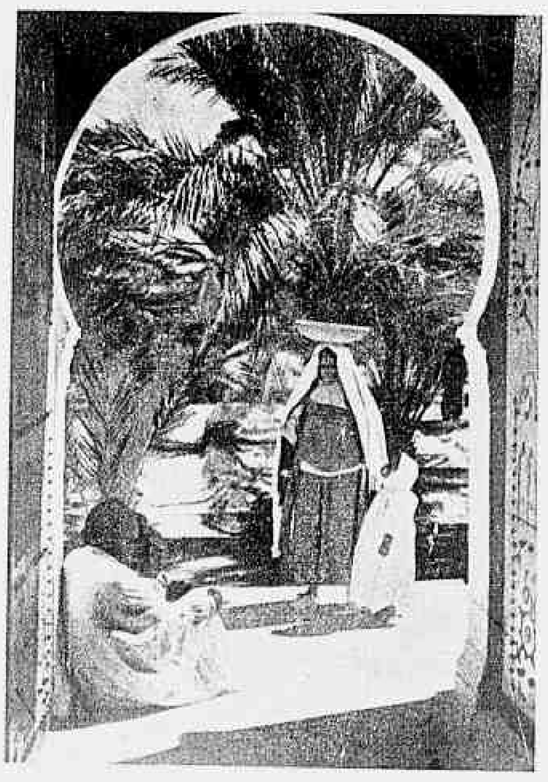
MARSA MATRUH — Recostado contra a "parede" duma casa de Marsa Matruh, um soldado britanico acende um cigarrinho, ao tomar um pequeno descanso. Marsa Matruh é uma das etapas vitoriosas do oitavo exercito.

TUNISIA

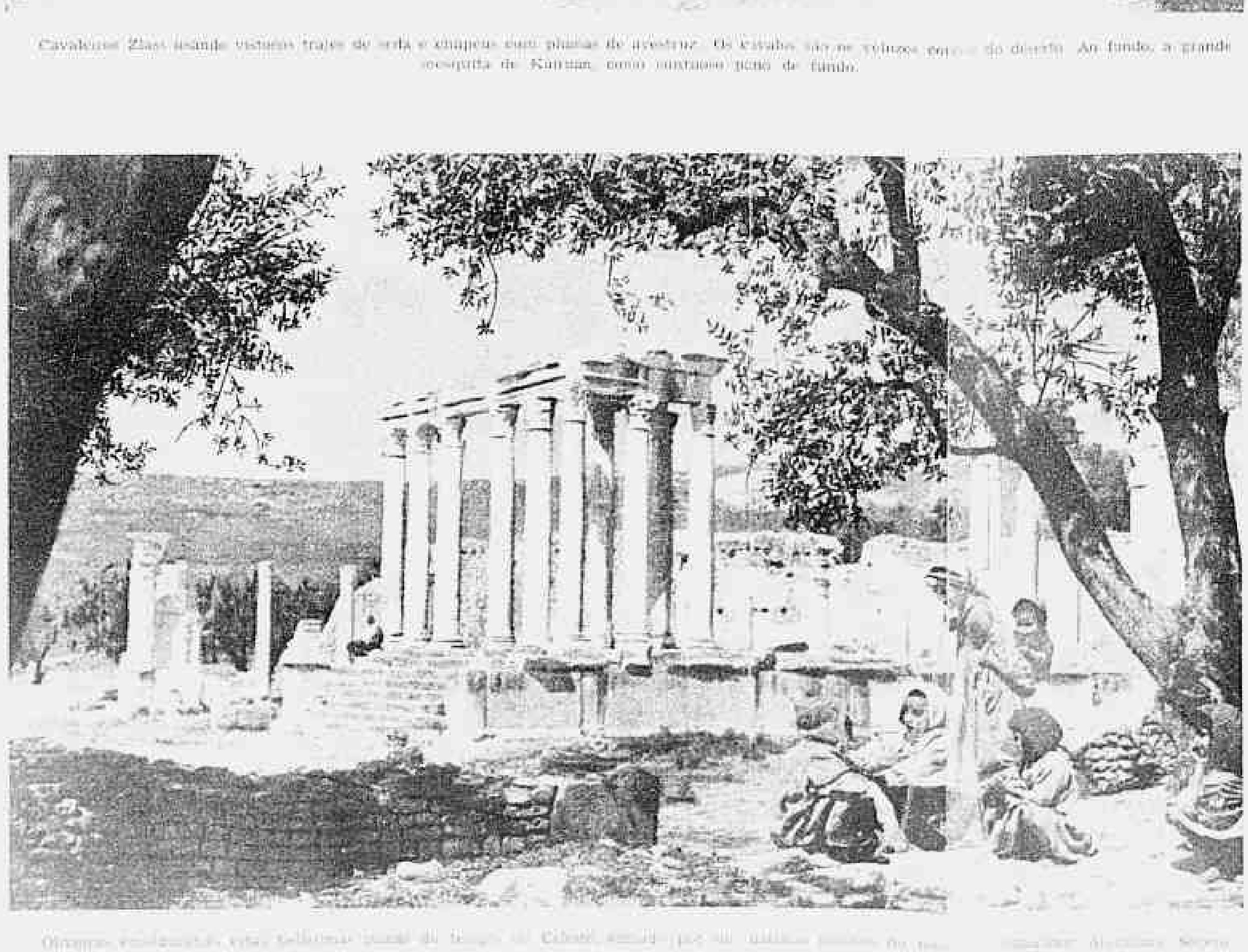
O mapa acima, apresentando, em relêvo, a zona de operações do continente africano, onde se vem desenvolvendo o ultimo capitulo da resistencia alemã, divulga, em chapada vermelha, o remanescente da Tunisia ainda em poder das fôrças de von Rommel e von Nehring, em luta contra os exercitos aliados.

A TUNISIA E SEUS ASPECTOS ORIENTAIS

Cavaleiros Zlass usando vistosos trajes de seda e chapéus com plumas de avestruz. Os cavalos são os velozes [illegible] do deserto. Ao fundo, a grande mesquita de Kairuan, como [illegible] de fundo.



Porta arqueada da residência de Louis Audouin-Dubreuil, um dos diretores da Expedição Transasiática Citroën-Haardt — [illegible] conhecido de Odisseus.



[illegible]

[illegible]

Monteiro Lobato surgiu explosivamente para o grande publico, mercê dum fabuloso reclamo de Ruy Barbosa, no Senado, invectivando Jeca Tatú, de criação do grande escritor paulista. Antes disso, porem, seu nome andava bem vivo na admiração do leitor de melhor classe, a quem não poderiam passar despercebidos os admiraveis contos publicados na REVISTA DO BRASIL, *de sua direção.* OS FAROLEIROS, O ESTIGMA, MATAPAU, CHÔ-PAN *mostravam um escritor de pulso, fabulador notavel, senhor dum estilo inconfundivel (embora com umas reminiscencias não muito remotas de Camilo e Fialho d'Almeida). Sua maneira de contar chamava a atenção desde a primeira linha. Dai o sucesso sem precedentes de* URUPÊS, *onde aqueles contos e outros novos apareceram, coincidentemente com as apostrofes do tribuno baiano. Depois de* URUPÊS, *vieram outros contos de* NEGRINHA, O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, CIDADES MORTAS, NO MUNDO DA LUA, *nenhum deles, porem, apesar de todas as qualidades da maioria das paginas, com a homogeneidade de* URUPÊS.

Outros livros de cronicas muito brilhantes e originais, IDEIAS DE JECA TATÚ, NA ANTEVESPERA *e um livro de impressões da America seguiram-se espaçadamente, nunca decepcionando o leitor dos primeiros tempos. Algumas paginas, especialmente das* IDEIAS *podem figurar entre as melhores do genero aparecidas entre nós.*

Com o correr dos tempos, Monteiro Lobato, que a muitos titulos pode ser considerado o Maupassant brasileiro, haveria de se revelar ainda sob outra faceta não menos digna de reparo, a do emerito contador de historias para crianças.

Seus livros infantis alcançam tiragens não sonhadas pela maioria das de seus confrades. As crianças de todo o Brasil adoram as proesas de Narizinha, Rabicó e outros tipos da sua fauna divertida.

Hoje, é ele o campeão das traduções, especialmente de livros ingleses e norte-americanos, somando-se já por dezenas o seu acervo nesse setor.

NEGRINHA

(Continuação da pagina 25)

nha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela guardava para o fim. A criança não sofreou a revolta e atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

— Peste! Espere aí! Você vae vêr quem é peste.

E foi contar o caso á patrôa.

D. Ignacia estava azeda, e necessitadissima de um derivativo. Sua cara iluminou-se.

— Eu curo ela! disse desentalando as banhas do trono e indo para a cozinha, qual uma perúa choca, a rufar as saias.

— Traga um ovo!

Veiu o ovo. D. Ignacia mesma pô-lo na chaleira d'agua a ferver e, de mãos á cinta, gosando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, á espera. Seus olhos contentes envolviam a misera criança que, encolhidinha a um canto, tremula, olhar esgazeado, aguardava alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto a boa senhora exclamou:

— Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

— Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patrôa, então, tirou da agua "pulando" o ovo, como uma colher, e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dôr saisse, prática que era D. Ignacia nesse castigo, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz — esperneou, mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?

E voltou, contente da vida, para o trono, a virtuosa dama, afim de receber o vigário que chegava.

— Ah! monsenhor! Não se póde ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre orfã, filha da Cezaria; mas que trabalheira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes! exclamou o padre.

— Sim, mas cança...

— Quem dá aos pobres empresta a Deus.

A virtuosa senhora suspirou piedosamente:

— Inda é o que vale...

Certo Dezembro vieram passar as férias com Santa Ignacia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Negrinha, do seu canto, na sala do trono, viu-as irromper pela casa a dentro como dois anjos do céo — alegres, pulando e rindo numa vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de ve-la armada para desferir sobre os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: ela ria-se tambem... Quê? Pois não era um crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céo?

No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veiu para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas logo a dura lição da desegualdade humana chicoteou sua alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos o som cruel de todos os dias:

— Já, para o seu logar, pestinha! Não se enxerga?

Com lágrimas dolorosas, menos de dôr fisica que de angustia moral — sofrimento novo que se vinha somar aos já conhecidos, a triste criança encorujou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? perguntou uma das meninas, curiosa.

— Quem ha de ser? disse a tia num suspiro de vítima — uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma orfã... Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí a fóra.

"Brinquem!" Brincar! Como seria bom brincar! refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirezinha que até ali só brincára, em imaginação, com o cuco.

Chegaram as malas e logo.

— Meus brinquedos! reclamaram as duas meninas.

Uma criada abriu as malas e tirou-os fóra.

Que maravilha! Um cavalo de rodas!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginára coisa assim, tão galante. Um cavalinho! E mais... Agora... Que era aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que fala "papa"... que dorme...

Era de extase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem siquer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— E' feita!... murmurou, extasiada.

E, dominada pelo enlevo, um momento em que a senhora saíu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas. Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombro e encanto, sem geito, sem animo de pega-la.

As meninas admiraram-se d'aquilo:

— Nunca viu boneca?

— Boneca? repetiu Negrinha. Chama Boneca?

Riram-se as meninas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! disseram. E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o extase da bobinha perdurava, disseram-lhe, estendendo-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados resabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, Santo Deus! Seria possivel? Depois, pegou na boneca. E muito sem geito, como quem pega o Senhor Menino, sorriu para ela e para as meninas, com relances de olhos assustados para a porta. Fóra de si, literalmente... Era como se penetrasse no céo e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe viesse adormecer ao colo. Tamanho foi o enlevo que não viu chegar a patrôa já de volta. D. Ignacia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, imovel, presenciando a cena.

Mas, era tal a alegria das sobrinhas ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração, afinal, bambeou. E, pela primeira vez na vida, soube ser mulher. Apiedou-se.

Ao percebe-la na sala Negrinha tremeu, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente, e hipóteses de castigos peiores ainda. E incoerciveis lagrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveiu foi a coisa mais inesperada do mundo: — estas palavras, as primeiras que ouviu, doces, na vida:

— E vá você tambem, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patrôa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu nela a féra antiga. Compreendeu e sorriu-se.

Se a gratidão sorriu na vida, alguma vez foi naquela carinha.

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma, na princezinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos á vida da mulher: o momento da boneca, preparatório, e o momento dos filhos, definitivo. Depois disso, está extinta a mulher.

Negrinha, coisa humana, percebeu que tinha uma alma no primeiro dia da boneca. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si, e que desabrochava, afinal, como fulgurante flôr de luz. Sentiu-se elevada á altura de ser humano. Cessára de ser coisa e d'ora avante lhe era impossivel viver a vida de coisa. Si não era coisa! Si sentia! Si vibrava!...

Assim foi, e essa conciência a matou.

Terminadas as férias, partiram as meninas, levando consigo a boneca, e a casa reentrou no ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

D. Ignacia, pensativa, já a não atenazava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caira numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele Dezembro de férias, luminosa rajada de céo, trevas dentro do seu doloroso inferno, envenenára-a.

Brincára, ao sol, no jardim — brincára!... Acalentára, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer papá e a cerrar os olhos para dormir. Vivera realisando sonhos da imaginação. Desabrochara-se da alma.

A repentina retirada de tudo isso fôra forte demais para a delicada resistência de uma alma como um mez de vida apenas. Enfraquecera, definhou, como roída de invisivel doença consumptora. E uma febre veiu, que a levou.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Ninguem, entretanto, morreu jámais com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azues. E anjos... E bonecas e anjos rodamoinhavam em torno dela numa farandola do céo. Sentiu-se agarrada por aquelas mãosinhas de louca, abraçada, rodopiada.

Veiu a tontura, e uma nevoa envolveu tudo. E tudo regirou

seguida, confusamente, num disco. Resoaram vozes apagadas, longe, e o cuco pela ultima vez lhe apareceu, de boca aberta. Mas, imovel, sem rufar as azas. Foi-se apagando. O vermelho da guéla desmaiou... E tudo se esvaiu em trevas...

PENSAMENTO

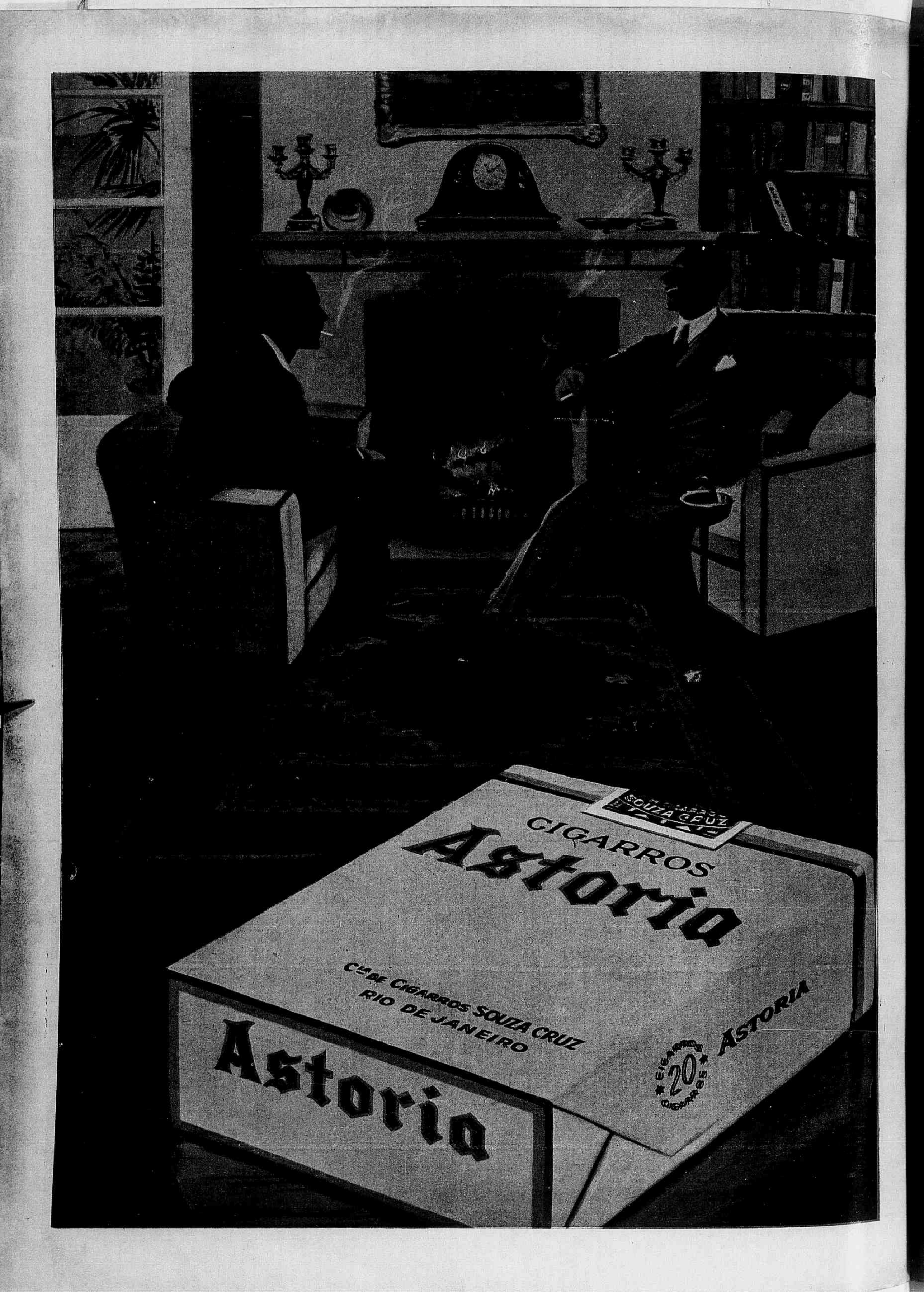
O amor repousa no fundo de uma alma pura como uma gota de orvalho no cálice de uma flôr.

O Hotel Santa Rita, situado na fazenda do mesmo nome, Estação Neri Ferreira, é um dos mais aprazíveis locaes de veraneio, como se pode concluir pelos fotos acima, nos quaes vemos hospedes em excursões pelos seus arredores encantadores. E' o logar mais indicado para "week end", moda americana que felizmente vae se tornando habito entre nós.

VEIAS DAS PERNAS

As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegancia das pernas e predispõem a infecções (erisipela), úlceras eczemas, edemas (inchação) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo proprio, sem repouso, sem dor e sem operação

Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 26 - 1.º — De 10 ás 12 e 15 ás 19 horas


CIGARROS
Astoria
CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO
Astoria
CIGARROS SOUZA CRUZ
ASTORIA
CIGARROS
20
CIGARROS